

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
NÍVEL MESTRADO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO – UNEMAT**

AGNÉIA LUCIANA LOPES DE SIQUEIRA HASSELSTROM

**A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS DA CULTURA GAÚCHA NA CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE DOS MATO-GROSSENSES FILHOS DE MIGRANTES SULISTAS:
NO C.T.G. “ESTÂNCIA DA AMIZADE”**

São Leopoldo

2011

AGNÉIA LUCIANA LOPES DE SIQUEIRA HASSELSTROM

**A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS DA CULTURA GAÚCHA NA CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE DOS MATO-GROSSENSES FILHOS DE MIGRANTES SULISTAS:
NO C.T.G. “ESTÂNCIA DA AMIZADE”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Identidades e Sociabilidades.

Orientador: Prof. Dr. Karl Martin Monsma

São Leopoldo

2011

H355i Hasselstrom, Agn ia Luciana Lopes de Siqueira
A influência de aspectos da cultura gaúcha na constitui o da identidade dos
mato-grossenses filhos de migrantes sulistas / por Agn ia Luciana Lopes de
Siqueira Hasselstrom. – São Leopoldo, 2011.

139 f. : il. color. ; 30 cm.

Disserta o (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de
Pós-Gradua o em Ciências Sociais, São Leopoldo, RS; Universidade Estadual de
Mato Grosso, Sinop, MT, 2011.

Orienta o: Prof. Dr. Karl Martin Monsma, Ciências Sociais.

1.Etnologia – Rio Grande do Sul. 2. Etnologia – Mato Grosso. 3.Tradi es –
Rio Grande do Sul. 4. Assimila o (Sociologia) – Rio Grande do Sul. 5.Centro de
Tradi es Gaúchas – Mato Grosso. I.Monsma, Karl Martin. II.Título.

CDU 39(816.5)
39(817.2)
398(816.5)
316.7(816.5)

Catloga o na publica o:
Bibliotecária Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

Agnéia Luciana Lopes de Siqueira Hasselstrom

A INFLUÊNCIA DE ASPECTOS DA CULTURA GAÚCHA NA CONSTITUIÇÃO DA
IDENTIDADE DOS MATO-GROSSENSES FILHOS DE MIGRANTES SULISTAS:
no C.T.G. “Estância da Amizade”

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Ciências Sociais, pelo Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Vale do Rio
dos Sinos – UNISINOS.

Área de concentração: Identidades e Sociabilidades.

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Karl Martin Monsma – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Dedico:

À minha filha Gabriela, por me dar força e inspiração para que os piores momentos se tornassem pequenos diante da vontade de vencer. Aos meus pais Valdomiro Machado de Siqueira e Delci Lopes de Siqueira, por me conduzirem pelo caminho do bem, pelo apoio, pelo incentivo e por me confortarem quando eu mais precisei.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Karl Martin Monsma, que, durante o período de orientação, sempre se dispôs a esclarecer dúvidas e manifestar suas sugestões para a construção da dissertação.

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais responsáveis pelas disciplinas cursadas, que foram mediadores de conhecimentos que propiciaram crescimento intelectual.

Aos participantes da pesquisa, que contribuíram para que a coleta de dados ocorresse de forma tranquila e eficaz.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso pelo incentivo financeiro à realização do curso.

Aos colegas de curso pelos momentos compartilhados, que me fizeram obter maior amadurecimento pessoal.

A Eugênio Hasselstrom, por instigar em mim o desejo de mudança.

Ao meu irmão Alexandre Alinson Lopes de Siqueira, pelo apoio, carinho, atenção e principalmente por sua amizade.

À minha irmã Aline Emanuela Lopes de Siqueira, pela sua amizade e por, mesmo a distância, sempre ter estado presente com suas mensagens de apoio, carinho e atenção.

À minha amiga Juliana Freitag Schweikart, por compartilhar das minhas alegrias e tristezas, por me fazer conhecer o sentido e as vantagens de uma verdadeira amizade nos últimos 18 anos.

A Renan de Oliveira, que, mesmo em momentos de descontração, me fez aprender com suas histórias e experiência de vida.

A Ilcir José Führ, por assumir o posto de irmão mais velho e oferecer seus conselhos nas horas certas, além de compartilhar seus conhecimentos acadêmicos.

A Katiúcia Regina de Souza, por tornar o período em que morei na pousada menos solitário e mais alegre através da sua amizade.

À cunhada Lilian Siqueira, pela amizade e por me proporcionar momentos de descontração apresentando lugares do Rio Grande do Sul que ainda não conhecia.

A Aumeri Carlos Bampi pela atenção quando lhe solicitei informações sobre o anteprojeto exigido por ocasião da inscrição do Minter.

Ao colega de curso Josemar Lorenzetti pela amizade e pelas conversas acadêmicas e tantas outras.

RESUMO

A presente dissertação consiste de um estudo realizado no Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade” da cidade de Sinop (MT). O trabalho tem como foco principal, jovens que nasceram no Estado do Mato Grosso (mato-grossenses) que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” e possuem pais nascidos na região Sul do Brasil. O objetivo do trabalho é compreender a constituição da identidade dos mato-grossenses que são filhos de sulistas que se encontram estabelecidos na cidade de Sinop (MT) e os meios que caracterizam a presença de aspectos da cultura gaúcha nesta cidade. A pesquisa desenvolvida consta de filmagens, fotografias, conversas semiestruturadas e a participação nas atividades desenvolvidas pelo C.T.G. “Estância da Amizade” por um período de quatro meses. Trata-se de uma etnografia fundamentada em autores que produziram estudos cujos conceitos propiciam uma melhor compreensão do assunto.

Palavras-chave: Identidade. Cultura. Migrantes. Sociedade.

ABSTRACT

This dissertation consists of a study conducted in conducted at the Center for Gaicho Traditions “Hut of Friendship” of Sinop (MT). The work focuses mainly on young people who were born in Mato Grosso, participate in C.T.G. “Ranch of Friendship” and have parents born in Southern Brazil. The objective is to understand the constitution of the identity of the people of Mato Grosso who are children of migrants from Southern Brazil who have settled in Sinop (MT) and the elements that characterize aspects the presence of the gaicho culture in this city. The research project developed consists of filming, photographs, semi-structured conversations and participation in activities undertaken by the C.T.G. “Ranch Hut of Friendship” for a period of four months. It is ethnography an ethnographic study supported by based on authors who have produced studies whose concepts provide greater understanding on provide a better understanding of the subject.

Keywords: Identity. Culture. Migrants. Society.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1– BR 163 – Cuiabá/Santarém, quando estava sendo aberta nas proximidades de Sinop – 1972/73	67
Fotografia 2 – Vista aérea de Sinop.....	67
Fotografia 3 - Vista aérea da cidade de Sinop em 2010	68
Fotografia 4 - Construção do C.T.G. "Estância da Amizade"	71
Fotografia 5 - Construção do C.T.G. "Estância da Amizade"	71
Fotografia 6 - C.T.G. "Estância da Amizade" em tempos atuais	72
Fotografia 7 - Grupo de dança tradicional gaúcho adulto do C.T.G. Estância da Amizade	81
Fotografia 8 - Os participantes do C.T.G. "Estância da Amizade" em um festival de música na cidade de Sinop	84
Fotografia 9 - Aula teórica sobre a origem do xote carreirinha e sua relação com a história tradicionalista do Rio Grande do Sul.....	87
Fotografia 10 - Garoto mato-grossense neto de migrantes sulistas, trajando bombacha e participando do C.T.G.	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO ETNOGRÁFICO	14
2.1 O Conceito de Cultura ao Qual se Refere a Presente Pesquisa.....	18
2.2 Uma Construção Sucinta sobre Cultura como Propósito de Comportamento.....	19
2.3 A Cultura como Fator na Constituição da Identidade e Organização Social.....	26
3 PREMISSA SOBRE O RIO GRANDE DO SUL	38
3.1 O Rio Grande do Sul na Visão dos Tradicionalistas Gaúchos	43
3.2 A Debandada das Terras do Sul Que Colocou Gaúchos na Situação de Migrantes ..	47
3.3 A Caracterização dos Migrantes Sulistas.....	51
4 MATO GROSSO	54
4.1 Caracterização da Área Onde Está Localizado o Campo de Estudo: a Cidade de Sinop	64
4.2 Primeiro Centro de Tradições Gaúchas da Cidade de Sinop.....	69
5 A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DA MANUTENÇÃO DE ASPECTOS CULTURAIS PROMOVIDOS PELO DO C.T.G. “ESTÂNCIA DA AMIZADE”	70
5.1 Como Surgiu o Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade”.....	70
5.2 O Estatuto do C.T.G. “Estância da Amizade”	74
5.3 Grupos de Dança Tradicionalista Gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade”	79
5.4 A Interação dos Sócios do C.T.G. “Estância da Amizade” Proporcionada pelos Grupos de Dança e a Caracterização dos Jovens	82
5.5 O Tradicionalismo no C.T.G. “Estância da Amizade”	86
5.6 A Influência do Tradicionalismo Gaúcho Produzido no C.T.G. “Estância da Amizade” na Manutenção de Aspectos da Cultura Gaúcha Caracterizado pelo Pertencimento Étnico	89
5.7 A Predominância de Aspectos da Cultura Gaúcha na Cidade de Sinop Ocasionalmente por Migrantes Sulistas e seus Filhos	96
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS	107
APÊNDICE A - ENTREVISTAS.....	110

1 INTRODUÇÃO

O tráfego de migrantes dentro do território nacional sempre ocorreu, porém foi na década de 70 que se registrou o mais elevado índice de migrações. Neste período, os sulistas caracterizavam o maior número de migrantes. As migrações ocorridas nesta época resultavam de problemas demográficos e climáticos da região Sul do Brasil e do atrativo da fácil obtenção de terras na região Amazônica. O trabalho realizado pelas colonizadoras particulares para habitar a Amazônia Legal, efetivado principalmente através de anúncios propagandísticos, tinha como público alvo os paranaenses, catarinenses e gaúchos pelo fato de os mesmos se caracterizarem como pessoas ligadas ao trabalho e cultivo da terra. Ao contrário da região Sul do Brasil, havia grande facilidade na aquisição de terras no Estado do Mato Grosso. E, por este motivo, muitos paranaenses, catarinenses e gaúchos passaram à situação de migrantes após se estabelecer no Estado do Mato Grosso.

De acordo com a forma de colonização, onde várias imobiliárias promoveram a venda de lotes, as regiões que constituem o Estado do Mato Grosso foram colonizadas por etnias diversificadas. As colonizadoras particulares adquiriam extensas áreas de terra e propagandeavam os lotes, que eram vendidos, principalmente, na região a que determinada imobiliária pertencia. O local de estudo da presente pesquisa é o C.T.G. “Estância da Amizade”, que está localizado na região Norte do Estado do Mato Grosso, a 500 km da capital Cuiabá, na cidade de Sinop, cuja sigla também indica o nome da colonizadora daquela região, que se chama Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná. A colonizadora Sinop adquiriu extensa área de terra na região Norte do Estado do Mato Grosso. Com sua sede localizada no Estado do Paraná, a colonizadora Sinop atraiu para a região grande número de sulistas. O interesse desta colonizadora era atrair para o Estado do Mato Grosso pessoas que possuíssem habilidade no manuseio produtivo da terra. Por este motivo, promoveu a venda de lotes através de publicidade que foi veiculada, principalmente, na região Sul do Brasil. Com os atrativos de terras de fácil obtenção exposto nas propagandas que a colonizadora Sinop elaborou através de folhetos, fotos e anúncios que eram transmitidas pelas rádios gaúchas, grande número de sulistas compraram terra desta colonizadora, vindo a se estabelecer principalmente na região Norte do Estado do Mato Grosso.

A região Norte do Estado do Mato Grosso foi colonizada principalmente por sulistas, e, por este motivo, pode se perceber nela presença marcante de aspectos culturais da região

Sul. É possível que o indivíduo, quando fora do seu Estado de origem, apresente seus aspectos culturais regionais com maior intensidade. Foi neste ambiente caracterizado pela cultura gaúcha que muitos sulistas constituíram suas famílias e deram origem aos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas.

Os migrantes sulistas, juntamente com suas famílias, teceram relações sociais com os demais sulistas do Estado do Paraná e Santa Catarina, formando um amplo grupo caracterizado por sulistas. Porém, outras identidades culturais passaram a se fazer presentes na cidade de Sinop de forma marcante, em comparação com o período da colonização. Sendo assim, filhos de migrantes sulistas que são mato-grossenses passaram a conviver com uma ampla variedade de identidades culturais durante a interação social. Neste ambiente caracterizado pela variedade de culturas regionais é que a identidade cultural destes mato-grossenses que são filhos de migrantes gaúchos foi constituída. Foi com o intuito de compreender a constituição da identidade destes mato-grossenses filhos de migrantes sulistas que o presente estudo foi desenvolvido.

Verificou-se que o C.T.G. “Estância da Amizade” era um local apropriado para o desenvolvimento da pesquisa por reunir grande número de mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas em atividades sociais e interação. A ideia de estudar a constituição da identidade dos mato-grossenses que são filhos de sulistas migrantes surgiu porque a autora é filha de migrantes gaúchos e tem um irmão mato-grossense. A preocupação dos meus pais para que o meu irmão se posicionasse como gaúcho e a igual preocupação do meu irmão em se caracterizar como gaúcho suscitaram indagações que poderão ser esclarecidas ao compreender a constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas.

Durante o estudo, surgiram questões a respeito da influência do posicionamento cultural na constituição da própria identidade, e também a respeito de como seria a interação deles durante o convívio social com os demais mato-grossenses. Além disso, a possível interferência da família quanto ao pertencimento étnico também gerou indagações. Enfim, as inquietações que instigaram o desejo de compreender a constituição da identidade de jovens que nasceram no Estado do Mato Grosso, e que são filhos de sulistas resultaram na realização deste trabalho de pesquisa.

Durante o período de quatro meses de pesquisa no C.T.G. “Estância da Amizade” houve o registro de diversos momentos dos jovens e demais associados, através de fotos, filmagens e diálogos, além da observação. O intuito era o de captar sinais e transformá-los em

escrita para, posteriormente, verificar se poderiam ser um meio de compreensão de determinadas formas do comportamento que influenciam a constituição da identidade e promovem a agregação de pessoas que se posicionam como superiores em determinado grupo social. Neste período de estudo do C.T.G. “Estância da Amizade” e de participação em suas atividades, procurou-se compreender o funcionamento do clube e analisar o comportamento dos jovens mato-grossenses e demais associados durante a sua interação. Durante a pesquisa em que se observou a interação das pessoas envolvidas nas atividades do C.T.G. surgiram ainda questões sobre a possibilidade de influência da tradição e cultura gaúcha na constituição da identidade dos jovens mato-grossenses que participam daquele C.T.G.

O presente trabalho foi estruturado de acordo com uma gama de informações bibliográficas e empíricas, como forma de utilizar as informações captadas durante a pesquisa para a construção de conhecimento acerca da constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de sulistas migrantes. Como meio de estabelecer esse conhecimento acerca da constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas, primeiramente verificou-se a história do C.T.G. “Estância da Amizade” e sua forma de atuação. Além da análise dos participantes deste C.T.G., deu-se atenção especial aos jovens mato-grossenses filhos de migrantes sulistas no que se refere ao seu posicionamento e à sua maneira de interagir durante as atividades realizadas no interior do C.T.G. e fora dele.

Com o intuito de ampliar o conhecimento sobre a maneira de como é constituída a identidade dos filhos de migrantes sulistas, foi exposta, além dos aspectos gerais da história rio-grandense, a visão tradicionalista desta mesma história, a qual é repassada aos jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”.

São expostos de forma resumida, no decorrer do trabalho, aspectos da constituição histórica da colonização do Estado do Mato Grosso e da cidade de Sinop, como forma de compreender a ocorrência de fatos que colocaram inúmeros sulistas na situação de migrantes.

Este trabalho trata da constituição da identidade de um número de jovens que são filhos de sulistas que se encontram estabelecidos na cidade de Sinop, no Estado do Mato Grosso. Verifica-se que a cultura alheia presente no espaço regional ao qual pertence a cidade, está presente no cotidiano destes jovens por intermédio da família e do grupo social com que se relacionam. Durante as conversas realizadas com alguns jovens foi possível constatar a insegurança quanto ao seu pertencimento étnico. Foi possível perceber também que os jovens

têm interesse em ser reconhecidos como gaúchos, mesmo sendo mato-grossenses. Pode-se dizer ainda que os pais migrantes sulistas identificam seus filhos mato-grossenses como gaúchos. Em decorrência desse fato, os mato-grossenses que são filhos de sulistas migrantes e que se encontram estabelecidos em Sinop, constituíram suas identidades identificando-se como gaúchos. Sendo assim, se posicionam como gaúchos e, por este motivo, se consideram diferentes dos demais mato-grossenses.

Ao tentar entender como é constituída a identidade cultural destes jovens, foram consultados alguns autores que conceituam identidade e cultura. Porém, considerando que o ambiente em que foi realizada a pesquisa se caracteriza pela forte influência do tradicionalismo gaúcho, verificou-se que também é preciso examinar o papel da tradição na cultura. Na busca de compreensão do posicionamento dos jovens mato-grossenses no que se refere o trabalho, além-se ao que conceituam Hobsbawm e Ranger (1997) ao definir a tradição como norteadora ao entendimento de determinadas ações de repetição que caracterizam a continuidade de aspectos culturais de uma determinada cultura. Os mesmos autores abordam como “tradição inventada” práticas reguladas por regras, de natureza formal ou simbólica, que objetivam empregar valores e normas de comportamento por meio da repetição e resultam na continuidade em relação ao passado. Para Barth (1998), a cultura promove a identificação do indivíduo quanto ao seu pertencimento étnico. Para compreender melhor o papel da tradição e da cultura na constituição da identidade dos mato-grossenses que são filhos de migrantes gaúchos, aborda-se também, o conceito de cultura de Geertz (2008). Para este autor, o homem está preso a um emaranhado de regras e práticas que ele mesmo criou; contudo, estas regras e práticas referem-se aos valores que são empregados de acordo com a cultura. Segundo ele, a cultura consiste em estruturas de significados socialmente estabelecidos nos termos das quais as pessoas se posicionam para determinar suas ações.

Barth (1998), conceitua a identidade como uma espécie de fidelidade e solidariedade a características comuns que são expostas através da cultura e que, em contraste com outros grupos, promovem a identificação do indivíduo quanto ao seu pertencimento étnico. Neste sentido, verifica-se que os jovens mato-grossenses que participam do C.T.G. “Estância da Amizade, e são filhos de migrantes sulistas procuram ser fiéis e solidários a aspectos culturais da cultura gaúcha. Assim, o estudo sobre a constituição da identidade de mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas é desenvolvido mediante perspectivas históricas, bibliográficas e interação com o que se observou durante a pesquisa. A fim de entender melhor o posicionamento dos jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e

participam do C.T.G. “Estância da Amizade”, foram relacionados trechos de diálogos realizados durante a pesquisa com conceitos de autores que promovem o entendimento sobre o assunto.

A importância desta pesquisa reside na possibilidade de oferecer compreensão sobre a constituição da identidade de um grupo de mato-grossenses que se posicionam alheios à cultura regional que corresponde ao espaço geográfico no qual estão inseridos. Na perspectiva de tornar clara a exposição do presente estudo, o conteúdo exposto é dividido em capítulos. O primeiro capítulo trata de apresentar os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa e a maneira em que tais procedimentos foram empregados no decorrer da pesquisa de campo. Neste mesmo capítulo, propõe-se uma construção sucinta sobre cultura e comportamento, com o propósito de expor a relação entre as formas de comportamento com os valores dirigidos através da cultura. Neste mesmo capítulo se busca ainda um embasamento teórico através de autores que conceituam a identidade cultural e o conceito de cultura no sentido a que se refere o presente estudo.

No segundo capítulo, faz-se uma apresentação resumida do Estado do Rio Grande do Sul através da visão geral e da tradicionalista. É importante a apresentação de ambas para expor o direcionamento tradicionalista de aspectos da história rio-grandense e que é seguido pelos participantes do C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop (MT).

O terceiro capítulo delinea de forma resumida os aspectos históricos do estado do Mato Grosso e da cidade de Sinop, onde se encontra localizado o C.T.G. “Estância da Amizade”. É necessário apresentar o contexto histórico da cidade e Estado onde está estabelecido o C.T.G. “Estância da Amizade” por considerar que os filhos dos sulistas migrantes podem ser percebidos como produto de fatores ocorridos durante a colonização do estado e da cidade. Ainda no decorrer do terceiro capítulo, apresenta-se o local de estudo, o C.T.G. “Estância da Amizade”.

No quarto capítulo é exposto o contexto histórico do local de estudo de forma ampla e organizada através de diálogo com os próprios fundadores. Para dar a conhecer a forma de atuação do C.T.G. “Estância da Amizade”, segue a apresentação de resumo do estatuto dele. Ainda no quarto capítulo são reproduzidas informações captadas durante o período de pesquisa realizado no C.T.G. “Estância da Amizade”, que foram sistematizadas através da escrita para a formulação de conhecimento sobre a constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas.

2 A UTILIZAÇÃO DO MÉTODO ETNOGRÁFICO

O presente trabalho foi desenvolvido através de procedimentos do método etnográfico. A decisão quanto à escolha desta prática de pesquisa se deu porque o método etnográfico é uma modalidade de pesquisa que prevê uma maior aproximação entre pesquisador e pesquisado, evidenciando um contato mais expressivo entre estes e ainda por se tratar de um estudo descritivo de grupos humanos, ou seja, a análise de como foi constituída a identidade dos mato-grossenses filhos de sulistas estabelecidos na cidade de Sinop (MT).

A coleta dos dados foi feita pessoalmente durante trabalho de campo no C.T.G. “Estância da Amizade” em Sinop e teve como propósito captar o ponto de vista dos filhos de migrantes sulistas nascidos no Estado de Mato Grosso e seus familiares. A intenção é entender sobre a visão de mundo dos observados para, depois disso compreender como foi constituída a identidade dos filhos destes migrantes gaúchos que nasceram no Mato Grosso.

Considerando o caráter simbólico e social dos atores envolvidos na pesquisa e objetivando o êxito do presente trabalho, foram feitas reflexões sobre o método etnográfico, que proporcionaram maior compreensão referente a procedimentos mais adequados ao se fazer um trabalho de campo.

Para mim, a etnografia hoje é ao mesmo tempo uma arte e uma disciplina que exige saber estar com, com os outros e consigo mesmo, quando você se encontra perante outras pessoas. Enfim é uma arte que exige que se saiba retraduzir para um público terceiro (terceiro em relação àquele que você estudou) e, portanto que se saiba escrever. Arte de ver, arte de ser, arte de escrever. São estas as três competências que a etnografia convoca (WINKIN, 1998, p. 132).

Seguindo o contexto inicial da presente pesquisa, o método etnográfico possibilitou o alcance dos objetivos de estudo através de uma pesquisa clara e honesta que tateou relações, pontos de vista, conceitos e outros elementos através da interação com o objeto de estudo.

Para que o conteúdo simbólico possa ser expresso através de vocabulário teórico e, assim, venha a contribuir para as Ciências Sociais, objetiva-se expor a pesquisa realizada de forma clara e honesta. Diz Malinowski (1984, p. 18):

Em qualquer ramo do conhecimento, os resultados de uma pesquisa científica devem ser apresentados de maneira clara e honesta. Não ocorreria a ninguém fazer uma contribuição experimental no âmbito da ciência física ou química sem dar conta

detalhada de todos os passos das experiências que efectuou, uma descrição exacta dos instrumentos que foram utilizados, da maneira como as observações foram conduzidas, do seu número, da quantidade de tempo que lhe foi dedicado e do grau de aproximação com o qual cada medida foi realizada.

Como já revelamos, o campo em que foi desenvolvida a pesquisa foi o C.T.G. Estância da Amizade da cidade de Sinop, porque ele, além de contar com um grande número de famílias sulistas que participam de suas atividades, é um lugar acessível e seguro. As expressões e movimentos corporais das pessoas observadas e o cenário do C.T.G. também foram registrados através de fotografias e filmagens, como forma de entender exatamente o que foi coletado.

O diário de campo foi utilizado para administrar as informações, leituras, reflexões. Sabendo da necessidade de organização do diário de campo, este foi dividido em duas colunas: a coluna da direita destinou-se aos escritos do pesquisador, e a coluna da esquerda foi utilizada para registros particulares do pesquisador. As observações que ocorreram no período da pesquisa aconteceram de janeiro a abril de 2010 e tiveram como objeto a constituição da identidade dos filhos de migrantes sulistas nascidos no Estado do Mato Grosso.

Todos os detalhes observados foram transcritos. Os olhares, a forma de falar, a postura, a vestimenta, os contentamentos, aborrecimentos e outros dados serviram para compreender o posicionamento dos jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do C.T.G. “Estância da Amizade”. Considera-se que o registro de todas as informações se faz necessário para que a pesquisa demonstre exatamente a realidade do campo observado. Compreende-se que uma etnografia bem estruturada é farta de detalhes e que a ausência destes, por menores que sejam, pode modificar a realidade do que foi observado.

Justamente para demonstrar uma realidade social, os motivos que culminaram na escolha do método etnográfico para nortear a pesquisa do presente estudo residem na possibilidade de maior contato com a realidade observada. Considerando o fato de que a pesquisa aborda a constituição de uma identidade e que, por este motivo, necessita analisar a cultura que condiciona os envolvidos, percebe-se uma estrutura real de significados socialmente estabelecidos que é composta de uma estrutura psicológica pela qual os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento. Contudo, houve necessidade de uma técnica capaz de captar os pensamentos através de ações produzidas e de estratificá-

los de forma que expliquem as ações desenvolvidas por meio do comportamento. Na utilização do método etnográfico verificou-se a necessidade de uma espécie de lente capaz de transformar o abstrato em concreto, ou seja, ler o que não está escrito através da observação e transformar em texto o significado das ações produzidas através do comportamento dos participantes do C.T.G. Estância da Amizade de Sinop.

A participação no ambiente pesquisado foi ampla e determinante para que o projeto inicial de pesquisa se desenvolvesse de maneira a contemplar o objetivo proposto para o trabalho. Considerando que os participantes do Centro de Tradições Gaúchas constituem um grupo de pessoas que se conhecem entre si e que a presença de uma pessoa estranha com interesse de observá-los iria gerar certo desconforto aos observados e que estes, intencionalmente ou não, poderiam de certa forma, adotar outra forma de comportamento que não fosse a sua, a infiltração do pesquisador no campo pesquisado aconteceu de forma discreta e participativa através de consenso entre os principais dirigentes do C.T.G. Estância da Amizade e a pesquisadora.

A inserção da pesquisadora no mundo a ser pesquisado se deu através da participação como mãe de aluna do grupo de dança juvenil tradicionalista gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade”. A disposição de colaborar com os trabalhos de organização nos eventos realizados pelo C.T.G. e oferecidos à comunidade em geral teve seu ponto de partida no convite do professor de dança do C.T.G. “Estância da Amizade” para que a pesquisadora assumisse o cargo de coordenadora do grupo de dança tradicionalista adulta deste C.T.G.

O convite não foi aceito devido ao curto espaço de tempo de participação no C.T.G. considerando o cronograma de pesquisa, percebeu-se a possibilidade de prejudicar o grupo caso a pesquisadora aceitasse o cargo e o abandonasse logo em seguida. Porém, houve o comprometimento, por parte da pesquisadora, do professor de dança e do grupo de dança tradicionalista gaúcha adulto do C.T.G. no que se refere à disponibilidade de auxílio caso fosse necessário durante o tempo em que ela estivesse participando deste C.T.G.

A aproximação com os participantes do grupo foi extensa, ocasionando convites para participar de eventos promovidos pelo C.T.G. e também de reuniões do grupo na casa de familiares. No decorrer da pesquisa e de forma gradativa, as pessoas envolvidas tiveram ciência sobre a realidade da presença da pesquisadora. O real interesse em perceber a interação social produzida no C.T.G. de forma que esta interação pudesse ser compreendida e interpretada através da observação, foi aceito de forma positiva pelos participantes da

pesquisa. Porém, a relação entre observados e pesquisadora não mudou, e tampouco o comportamento de um e de outro. Contudo, foi perceptível o interesse dos observados em, de alguma forma, contribuir para a pesquisa. Porém, quando isso ocorreu, a pesquisa já estava em fase de conclusão.

Foi através do método etnográfico que se encontraram procedimentos apropriados para perceber o comportamento da mente e do coração dos participantes do Centro de Tradições Gaúchas de Sinop, por meio de significados capturados e registrados através da descrição, visando conceituar a realidade social referente à maneira como os mato-grossenses filhos de migrantes sulistas demonstram sua identidade no dia a dia para fins de compreensão da constituição da mesma.

Para se chegar, através da pesquisa etnográfica, ao diagnóstico final acerca da identidade dos filhos de sulistas migrantes nascidos no estado do Mato Grosso, teve-se como ponto de partida a análise do objeto observado, seu ambiente e suas relações, seguido de transcrições de seu comportamento, das ações desenvolvidas através do comportamento e do posicionamento durante a interação social. Depois disso, foi construída uma leitura através da observação de comportamentos e transformada em sinais convencionais de escrita, que foram registrados analisados e compreendidos.

Durante a observação, foram realizadas conversas informais e entrevistas semiestruturadas individuais com os participantes do C.T.G. Estância da Amizade, escolhidos por conveniência e acessibilidade. Algumas destas conversas informais estão expostas no presente estudo com nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes. Apenas nas conversas feitas com um dos principais fundadores do C.T.G. “Estância da Amizade” e patrão deste C.T.G. sua identidade será revelada.

Considerou-se importante proporcionar um momento para o entrevistado falar longamente e refletir sobre o que está falando, proporcionando ao pesquisador esclarecimentos e acréscimos à investigação. As entrevistas semiestruturadas e as conversas informais foram gravadas para que as atenções estivessem totalmente voltadas ao entrevistado na hora da entrevista. Depois disso, foram transcritas e analisadas através do método qualitativo. A análise qualitativa foi escolhida por se compreender que se trata de um estudo que busca entendimento de uma situação social através da interação de um grupo de pessoas.

O processo investigativo aconteceu de forma gradativa e teve como objetivo compreender o sentido de um fenômeno social através da interação contínua com os

participantes, visando captar significados e perspectivas dos informantes.

2.1 O Conceito de Cultura ao Qual se Refere a Presente Pesquisa

Conscientes da complexidade de definições do sentido da palavra “cultura”, é nossa intenção demonstrar o sentido em que essa palavra é empregada no presente estudo.

Na tentativa de construir uma visão ampla sobre o homem, em Geertz (2008) é possível encontrar o conceito de cultura que vem ao encontro do sentido em que é atribuído a este termo no presente estudo. Em Geertz (2008) a cultura é compreendida como um complexo de padrões concretos de comportamento no que se refere aos costumes, usos, tradições e hábitos, de forma a estabelecer um mecanismo de controle por meio de planos, receitas, regras e instruções que irão governar o comportamento. Este é o sentido que se atribui ao modelo de comportamento dos jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do C.T.G. “Estância da Amizade” como tentativa de compreender a constituição da identidade dos mesmos.

Considerando que o cenário escolhido para o presente estudo é um Centro de Tradições Gaúchas na cidade de Sinop, é de interesse compreender a influência da tradição durante ações desenvolvidas através do comportamento. Segundo conceitua Geertz (2008), a tradição está inclusa nos padrões de comportamento que são justificados através da cultura. É possível afirmar que as tradições são determinadas através do pertencimento cultural de cada grupo, ou seja, cada grupo mantém uma determinada tradição, que pode ser percebida através da interação social e posicionamento dos indivíduos. A tradição pode ser percebida como um meio que possibilita a continuidade de ações do passado na atualidade; assim sendo, a tradição representa um fator importante da presença de aspectos culturais através dos tempos.

Após estudo realizado para a construção do conceito de cultura a ser empregado no presente trabalho, verifica-se que é inconveniente afirmar a continuidade de uma determinada cultura no que se refere à sua completitude, por compreender que a cultura sofre modificações através dos tempos. É de conhecimento que a cultura agrega fatores que se modificam ao longo do tempo; os costumes, por exemplo, sofrem alterações ao longo do tempo. Por ser assim, não há a continuidade da cultura em si; há, no entanto, a continuidade de traços culturais de determinada cultura que acontece principalmente através da tradição. Contudo, é importante salientar que a cultura de hoje não é exatamente igual ao que era no passado, nem

será exatamente igual no futuro; daí a conveniência da utilização do termo “aspectos culturais” nas referências às ações que caracterizam determinada cultura.

Seguindo esta idéia, é necessário perceber que um indivíduo não necessita apresentar comportamento exatamente igual ao de seus antepassados para ser caracterizado como pertencente à mesma cultura; é necessário considerar que a cultura agrega aspectos que sofrem modificações ao longo do tempo. A partir de tal afirmação, é possível perceber a tradição, como um dos fatores principais na manutenção de aspectos que caracterizam determinada cultura. Ainda neste sentido, é possível que os sulistas que participam do C.T.G. e que, por este motivo, se encontram mais informados sobre a cultura e tradição gaúcha apresentem aspectos culturais desta cultura de forma mais acentuada. Nos costumes seguidos nas tradições residem, entre outros aspectos da cultura, fatores determinantes do posicionamento do indivíduo. No entanto, é o posicionamento do indivíduo o norteador para o estudo que promove o entendimento da constituição da identidade dos jovens mato-grossense filhos de migrantes sulistas.

Considera-se que o conceito sobre cultura não é padronizado; neste caso, constrói-se um conceito de cultura que se manifesta através de um conjunto de contribuições bibliográficas relacionadas à pesquisa realizada, com o propósito de tornar claro o real sentido do conceito de cultura utilizado durante a construção deste trabalho. No decorrer do presente estudo a palavra “cultura” será empregada no sentido de situar o indivíduo quanto ao seu pertencimento étnico. Isto implica na compreensão de que as diferenças culturais entre os indivíduos podem ser verificadas através de peculiaridades de padrões que são criados, justificados e mantidos pelos próprios indivíduos. Tais padrões de comportamento se modificam de acordo com o pertencimento étnico do indivíduo e, são evidenciados através do comportamento. Assim sendo, o posicionamento do indivíduo determina seus costumes, hábitos e escolhas, é amparado pela tradição e resulta em regras evidenciadas através do comportamento que é determinado pela cultura.

2.2 Uma Construção Sucinta sobre Cultura como Propósito de Comportamento

Com base na literatura pertinente à construção do presente trabalho é possível afirmar que a cultura pode ser considerada como causa e consequência do comportamento humano. A presente pesquisa foi edificada por meio de conceitos de autores que produziram

conhecimentos pertinentes ao estudo acerca do comportamento humano. Os estudos bibliográficos realizados contribuíram para a elaboração de conhecimento sobre a constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas.

Assim sendo, através de constatações feitas durante estudos bibliográficos expõe-se que há influência da cultura no comportamento humano. Percebe-se, então, na cultura um atributo importante para se delimitar o comportamento humano e a pertença de grupo. Reconhece-se na cultura a maneira como o indivíduo molda suas estratégias para o convívio em sociedade no que se refere a valores, crenças e outras peculiaridades que se tornam explícitas no comportamento coletivo.

A influência da cultura constitui um atributo importante ao se explicar o comportamento dos jovens mato-grossenses filhos de sulistas migrantes que, mesmo estabelecidos na cidade de Sinop (MT), se posicionam por meio de ações com características peculiares da cultura gaúcha. São perceptíveis as diferenças culturais entre um grupo e outro, porém verifica-se a sociedade como uma forma de organização entre os indivíduos que possibilita o convívio social, mesmo com a presença das diferenças culturais. Contudo, fica visível a preocupação de certos indivíduos no sentido de manter e dar continuidade à tradição ligada à cultura da qual participam. É possível perceber o C.T.G. como um meio encontrado pelos indivíduos de se organizarem culturalmente através da tradição, por considerarem a cultura da qual participam como sendo ideal.

Nesta perspectiva, a cultura pode ser caracterizada como base para a compreensão da identidade de um determinado grupo social, que se origina de diferenças culturais, através da cultura familiar, e também se difere da cultura que se refere ao espaço regional no qual estão inseridos. Com a intenção de propiciar uma análise de como se constitui a identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas, foram analisados o comportamento e os meios que justificam tal comportamento dos jovens que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”.

É perceptível entre os indivíduos de um mesmo grupo uma série de ações comuns, reveladas por meio do comportamento coletivo, porém é importante verificar em qual estrutura os indivíduos se apóiam para definir as regras que escolhem como ideais para delimitar tal comportamento. No caso dos mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do C.T.G. “Estância da Amizade”, é possível afirmar que os mesmos escolheram como ideal a cultura gaúcha por ser a mesma à qual pertencem seus pais. Durante

a pesquisa realizada, tornou-se evidente que estes jovens mato-grossenses direcionam suas ações determinadas pela cultura que são esboçadas através do comportamento, na tentativa de se caracterizarem como parte de um determinado grupo social que é constituído principalmente por sulistas.

Na perspectiva de que o comportamento humano é fator importante para a organização social, estudos importantes nos revelam que a cultura pode ser percebida como uma das formas de promover a organização social. A forma com que os sulistas participantes do C.T.G. “Estância da Amizade” se organizam quando da interação social com outros grupos torna perceptível o seu posicionamento perante as demais culturas e a representatividade da própria cultura. O comportamento dos sulistas que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” pode ser visto como norteado por valores que são disseminados através da cultura rio-grandense; por exemplo, o chimarrão, gostos musicais e a própria participação no C.T.G. são exemplos disso.

Tendo em vista o comportamento dos jovens mato-grossenses que foram analisados durante a pesquisa, verifica-se a aproximação entre teoria e prática, principalmente no que se refere ao comportamento dos jovens que demonstram interesse em nortear suas ações seguindo valores empregados através da visão tradicionalista da cultura gaúcha.

Porém, para uma interpretação melhor do comportamento coletivo do homem, reiteram-se as considerações de Evans-Pritchard (1975), quando se refere que o comportamento humano está ligado à evolução em que o homem molda a si próprio através de estratégias estabelecidas por meio da cultura e formuladas por ele mesmo. Os estudos que promoveram tal entendimento foram realizados por antropólogos que estudavam a sociedade em si, e não os indivíduos, orientando-se pelas inter-relações estruturais e instituições, podendo perceber também a grande diversidade de hábitos.

Quanto à diversidade de hábitos, compreende-se através de conhecimento empírico que no comportamento humano, ao mesmo tempo em que os hábitos são homogêneos, eles também se distinguem, ou seja, é fato encontrar um determinado grupo de pessoas que agem de forma semelhante por participarem da mesma cultura, enquanto se diferenciam de outros grupos que participam de uma cultura distinta; porém, tomamos a cultura como meio de identificar as diferenças e a pertença de grupo. Assim sendo, uma pessoa pode ser identificada como membro de um determinado grupo através da linguagem, forma de agir e vestir-se, crenças, valores e outros elementos, porém percebe-se como função da cultura nortear o

indivíduo quanto ao seu posicionamento em relação a estas ações.

Geertz (2008) conceitua que a cultura é, em parte, responsável por nortear e controlar o comportamento do indivíduo em sociedade. Após relacionar conceitos com o campo pesquisado, sugere-se que a constituição da identidade dos jovens mato-grossenses que participaram da pesquisa pode ter sido direcionada através da cultura de que os mesmos participam no seu meio familiar.

Em estudo sobre o comportamento humano, que difere de um grupo social para outro através da cultura, observamos, como forma de contribuição a este trabalho, a abordagem de Mead (1988), quando teoriza que o homem construiu para si mesmo uma trama de cultura, através de significados que se consolidam no interior de cada vida humana; porém, cada povo constrói uma tessitura de maneira diferente de uma cultura e emprega valores distintos de outras. Para Mead (1988), a cultura é a ênfase da educação que dá sentido ao mundo, onde, através da família, a educação passa de geração em geração. A cultura se revela como uma espécie de forma que esculpe os indivíduos; no entanto, cada cultura tem sua determinada forma, seus mecanismos de coerção, como meio de produzir as pessoas de acordo com sua perspectiva.

[...] assim como cada cultura cria de modo distinto a tessitura social em que o espírito humano pode enredar-se com segurança e compreensão, classificando, recompondo e rejeitando fios da tradição histórica que ele compartilha com vários povos vizinhos, pode inclinar cada indivíduo nascido dentro dela a um tipo de comportamento, que não reconhece idade, nem sexo, nem tendências especiais como motivos para elaboração diferencial. Ou então uma cultura apodera-se dos fatos realmente óbvios de diferença de idade, sexo, força, beleza, ou das variações inusuais, tais como o pendor nato, as visões ou sonhos, e converte-os em temas culturais dominantes (MEAD, 1988. p. 21).

Observando o comportamento humano como uma reprodução de regras e conceitos do meio em que o ser humano participa, verificamos em Goffman (apud WINKIN, 1999) peculiaridades do comportamento humano que contribuem para uma melhor compreensão do assunto. Winkin (1999) expõe que o indivíduo, antes da interação, procura informações antecipadas sobre o outro a partir da observação de conduta e aparência, com a intenção de perceber como ele deve agir com o outro e o que pode esperar do outro.

Porém, Winkin (1999) afirma que, quando da interação, existe a possibilidade do indivíduo atuar de forma não verdadeira e se posicionar como se estivesse representando; e então transmite sobre si apenas o que achar conveniente. Contudo, o indivíduo pode se

expressar não como realmente desejaria, mas sim a contento do grupo de que participa, da maneira como o grupo define como ideal. Entretanto, segundo ele o indivíduo é a base responsável pela organização da sociedade. Nesta perspectiva é possível verificar que alguns dos jovens mato-grossenses procuram se posicionar da maneira que acham semelhante ao comportamento dos outros membros do grupo, promovendo assim, a manutenção de aspectos culturais da cultura dos pais.

Nesta perspectiva, verifica-se como necessário para a compreensão da constituição da identidade perceber que o indivíduo pode demonstrar uma forma de comportamento que difere do real, ou seja, pode ajustar seu posicionamento no intuito de participar em determinado grupo. Ainda nesta perspectiva, considera-se o convívio social como algo que contém semelhanças e desigualdades; destarte, acredita-se que as pessoas que convivem em determinado espaço procuram adotar comportamento semelhante quanto à linguagem, alimentação, valores, vestimenta, religião, crenças e outros elementos que norteiam o comportamento humano, tornando-se assim aceitas pelas demais do mesmo grupo.

Como este trabalho versa sobre a constituição da identidade de um determinado grupo, percebe-se, através do entendimento da cultura, no que se refere ao comportamento humano, a necessidade de interpretar as ações do indivíduo e, assim, compreender a constituição de sua identidade. No que diz respeito à compreensão do posicionamento do indivíduo no convívio social, verifica-se que a sociedade determina regras, porém estas se diferenciam entre os grupos de acordo com a cultura de que participam; ainda assim verifica-se a cultura como propulsora do comportamento humano.

Como forma de embasamento teórico ao falar de regras sociais, temos como essencial a contribuição de Goffman (apud WINKIN, 1999, p. 151), quando conceitua que: “As regras culturais regulam o modo como os indivíduos se devem conduzir em virtude de sua presença num agrupamento. Quando são respeitadas, estas regras organizam socialmente o comportamento dos que estão envolvidos na situação”.

Percebendo que se caracteriza como participante de um determinado grupo, quem interage com os demais do mesmo grupo e, demonstra através do comportamento o cumprimento de regras comuns, estabelecidas através da cultura; no entanto, o indivíduo que não utilizar-se das regras a contento do grupo terá seu comportamento considerado inapropriado. Ao que se percebe, é possível que os filhos de migrantes sulistas obedeçam as regras culturais advindas do seu grupo social mais próximo, no caso a família.

Ao contextualizar o conhecimento empírico sobre a cultura como uma das formas de organização da sociedade, tomamos como relevantes as contribuições de Becker (2008) como meio de promover uma interpretação ampla dos comportamentos norteados por regras distintas preestabelecidas por grupos sociais. Sendo assim, verifica-se que:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamentos a elas apropriados, especificando algumas ações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo (BECKER, 2008, p. 15).

Considerando que as regras impostas são distintas entre um grupo social e outro, percebemos a cultura como uma das questões que demarcam esta diversidade entre os grupos. Sendo assim, é possível identificar o indivíduo como participante de uma determinada cultura através do seu comportamento e linguagem; no entanto, é importante considerar que os valores empregados por uma cultura e outra poderão ser distintos.

Com a diversidade de culturas entre grupos sociais distintos, é possível a ocorrência de estranhamento entre os comportamentos ocasionados através de uma cultura e outra, quando pessoas de grupos distintos se encontram, necessitando interagir, ou tentando entender o comportamento do outro. Ainda quanto à diversidade da cultura, é possível que alguns indivíduos considerem seu pertencimento cultural superior a outras culturas e, neste caso, se organizem culturalmente para usufruir de aspectos culturais semelhantes e, assim, garantir a manutenção destes. Para melhor compreender o exposto, toma-se como exemplo de agregação humana e organização através da cultura o C.T.G. “Estância da Amizade”.

Verifica-se também que a cultura sofre modificações através dos tempos, que podem ser constatadas por meio do comportamento dos indivíduos, porém, a tradição é fator importante para a predominância de aspectos comuns de uma determinada cultura.

Ao pensar a cultura como principal elemento na estrutura da organização social, visitaram-se diferentes autores e pesquisas, visando ampliar as informações e, na sequência, tratar da constituição da identidade de mato-grossenses filhos de sulistas migrantes. A bibliografia consultada expõe que as culturas se diversificam entre si, determinando valores e comportamentos diferenciados entre grupos sociais; portanto, é perceptível que as diferenças culturais ocasionam comportamento distinto entre um grupo social e outro. Contudo, através

do estudo percebe-se que, quanto às diferenças culturais, verifica-se uma série de valores e regras que são estabelecidos de acordo com cada cultura e que, por este motivo, se diversificam; porém, quando do encontro de grupos sociais, ocorre uma espécie de enfrentamento destas regras e valores, ocasionando o julgamento dos comportamentos, e o diferente é considerado impróprio e o que se assemelha, adequado.

Nesta perspectiva, é possível perceber também que os grupos sociais estabelecem regras de acordo com a cultura na qual participam e, a partir daí, norteiam o comportamento do grupo e, por vezes, consideram o comportamento de outros grupos como inapropriado. Como forma de manter a ordem social preestabelecida, os membros deste grupo se organizam de modo a perceber quando um comportamento não está de acordo com as regras já definidas; então, como forma de manter a ordem do grupo, organizam-se para identificar o indivíduo que não se enquadra nas regras do grupo.

As constatações que emergiram através do estudo bibliográfico e que foram relacionadas à pesquisa realizada no C.T.G. “Estância da Amizade” possibilitaram importantes comparações com o posicionamento dos filhos dos gaúchos migrantes que nasceram no Mato Grosso. Estas comparações possibilitaram a interpretação de determinadas ações produzidas por estes jovens durante o convívio social e que foram verificadas durante a pesquisa.

Sugere-se que é através da cultura que se pode perceber como pensa e se organiza o mundo, pois é a cultura que nos proporciona uma possível compreensão do comportamento humano. A cultura constitui a base necessária para a compreensão do indivíduo e, ainda, é a cultura que norteia o indivíduo. Ainda na bibliografia consultada, averiguou-se que a linguagem expressada da mesma maneira que a utilizada pelo grupo pode manifestar a linhagem da cultura pela qual a mesma foi criada. Sendo assim, a palavra falada conduz a uma visão profunda da cultura de quem se ouve. Percebe-se a linguagem como o principal meio de compartilhar a cultura.

Os achados dos estudos e autores visitados durante a pesquisa bibliográfica permitem, igualmente, pensar que a cultura é causa e consequência do comportamento humano, num efeito recursivo. O comportamento dos indivíduos forma a cultura do grupo, que, por sua vez, reflete-se no comportamento dos indivíduos. Acrescenta-se ainda que as pessoas não são iguais. Contudo, possuem algumas manifestações culturais semelhantes e é justamente em função disso que acabam se agrupando por afinidades ou valores. Destaca-se, nesta direção,

que uma pessoa de uma determinada religião pode integrar um grupo formado por pessoas de outra religião. Para tanto, é necessário haver outra manifestação cultural que justifique tal comportamento.

No meio esportivo, por exemplo, encontram-se seguidores de crenças religiosas distintas. Contudo, estão integrando um mesmo grupo social por serem adeptos de uma modalidade em comum. Nesse caso, a manifestação cultural pode ser o prazer de jogar futebol, por exemplo. Verifica-se que a cultura promove agrupamentos entre os seres humanos de acordo com seu posicionamento em sociedade. No caso dos participantes do C.T.G. “Estância da Amizade”, os mesmos integram um grupo cujos integrantes manifestam o desejo comum de serem notados como gaúchos.

Não existe ser humano em estágio de natureza, que não tenha determinada cultura, e todas em particular, de acordo com suas formas culturais, porém os seres humanos se tornam diferentes porque se posicionam dentro das diferentes linhas culturais existentes. É através do posicionamento do indivíduo na sociedade que se desenvolve o estudo acerca da constituição da identidade de determinado grupo social, sendo a cultura a principal base da constituição de identidade do indivíduo.

2.3 A Cultura como Fator na Constituição da Identidade e Organização Social

A constituição da identidade é objeto de estudo de renomados estudiosos que promovem pesquisas e reflexões em torno do tema, com o objetivo de aprimorar conceitos acerca da constituição da identidade de determinados grupos sociais distintos, que se formam através de semelhante processo cultural e ordem cronológica. Nesta perspectiva, fundamenta-se através de estudo bibliográfico a pesquisa realizada no C.T.G. “Estância da Amizade”, relacionando, neste capítulo, trechos de falas de participantes da pesquisa com conceitos desenvolvidos por autores que desenvolveram conhecimentos que contribuem para a melhor compreensão do assunto.

Considerando que o trabalho estuda como foi constituída a identidade de um determinado grupo, verifica-se em Barth (1998) a premissa de que haveria agregações humanas caracterizadas de diferenças, assinaladas por peculiaridades tão comuns nas ações que tornariam perceptível a identificação quanto ao pertencimento cultural dos indivíduos. Assim sendo, percebe-se que os indivíduos podem ser caracterizados como pertencentes a um

determinado grupo por meio de suas ações expostas através do comportamento e que caracterizam seu pertencimento cultural. As agregações, quanto ao pertencimento cultural, acontecem através da enunciação formulada pelos próprios indivíduos e que possibilita a identificação entre os mesmos. Ressalta-se, entretanto, a importância da consciência para o pertencimento cultural entre os indivíduos no que se refere à aproximação entre os que compartilham de uma cultura semelhante. Percebe-se ainda que tal consciência proporciona a possibilidade do indivíduo de se identificar e ser identificado como integrante de agregações formuladas através da cultura. No entanto, compreende-se que as peculiaridades comuns das ações que tornam perceptível o pertencimento cultural do indivíduo se fazem importantes para a consciência da diversidade entre uma cultura e outra.

Durante a pesquisa realizada no C.T.G. “Estância da Amizade”, foi possível perceber que entre os participantes, há consciência da existência de peculiaridades que determinam o pertencimento cultural do indivíduo e que, a percepção destas peculiaridades é o principal meio de reconhecimento entre os indivíduos inseridos na mesma cultura.

Trecho nº 1 – Você acredita que tem alguma característica social que difere você das outras pessoas que não participam do C.T.G.?

[...] é que um gaúcho em si dá para se conhecer de longe, de repente tenha outras culturas que você também reconhece no meio de um monte de gente (Vania Rolls, 23 anos, dona de casa).

O uso do chimarrão, participação em C.T.G., churrasco, jogo de bocha e, em alguns casos, o uso da pilcha são algumas das práticas que identificam o indivíduo como sulista. Tais práticas também podem ser verificadas como fronteira simbólica que determina o pertencimento do indivíduo a uma determinada cultura e, ao mesmo tempo, justifica suas práticas culturais na vida cotidiana. Verifica-se ainda durante as conversas realizadas com os sócios do C.T.G. “Estância da Amizade” que o Centro de Tradições Gaúchas é considerado pelos próprios fundadores e associados, um meio de desfrutar de ambiente caracterizado pela cultura sulista. É considerado também uma forma de partilhar de valores semelhantes, promovendo a educação dos filhos através da tradição inserida na cultura sulista.

Trecho nº 2 – Então encontraram um local para compartilhar a tradição?

Isso mesmo, ali tinha uma convivência parecida com a nossa lá do Sul, e quem chega de lá, em um lugar estranho, cheio de gente, estranha, sente esta falta de convivência, estilo de vida, coisa assim. Então, aquilo ali foi muito bom para a gente na época, e hoje também, tanto é que a gente não saiu. (Bruno Hass, 58 anos, comerciante).

Trecho nº 3 – Houve algum interesse de que seu filho desse continuidade a aspectos culturais da cultura tradicional gaúcha em que o senhor e sua esposa participam?

Veja bem, até a idéia de fundar o C.T.G. aqui em Sinop surgiu por causa dos filhos da gente, que a gente já sabe como é que é... Como a gente tinha filhos pequenos e na época a diversão era muito pouca aqui em Sinop, e até a gente tinha uma preocupação com nossos filhos, e até hoje tem! Onde estão nossos filhos e aonde vão nossos filhos?! E sabendo que quando frequentassem o C.T.G. eles estavam bem guardados. Então, isso influenciou a gente a fundar o C.T.G., de trabalhar, encarar, devido aos filhos. Até hoje muitos pais fazem isso, o patrão que nós temos, em nosso linguajar é o presidente, ele tem três filhos e procurou frequentar o C.T.G. por causa dos próprios filhos dele. A gente lutou tanto na época, mas o interesse é que a gente gostava da cultura gaúcha e para ensinar os filhos que até hoje participam (Otávio Fernandes, 57 anos, comerciante).

Trecho nº 4 – O senhor acredita que há benefícios para os jovens que participam do C.T.G. e que participam do grupo de dança?

O que eu vejo é que a tradição gaúcha sempre foi norteadada pela família, é o único lugar da sociedade que eu conheço que vai desde um menino quando nasce até o idoso. Se você consegue ver um C.T.G. onde ele consegue funcionar na sua amplitude que ele faz, a criança nasce dentro do C.T.G. e o idoso morre dentro do C.T.G., ele tem nas invernações, ele tem nos anciões, que é a história do C.T.G. contada por estas pessoas. Hoje já tem grupo de dança que dança chiru e que antes não existia e que hoje já tem até isso, então a juventude tem que se nortear por isso, é onde a família vem, é onde o pai dança com a filha, aonde o filho dança com a mãe, é onde o vizinho dança com a vizinha sem segundas intenções. É como eu falei antes, é a segunda casa de todo gaúcho é o C.T.G., aqui dentro tem o respeito, por isso que às vezes falam que o gaúcho é diferente, que ele fala diferente e que ele não tem vergonha de colocar a sua bombacha, a sua bota, o seu vestido de prenda, e eu entendo assim que, quando as outras raças veem, as outras etnias, quando vê um gaúcho pilchado, ele acha diferente mesmo, e não é que a gente é diferente, é a nossa tradição. E é bonito de ver uma menina de 13, 14 anos que ela poderia estar em qualquer outra entidade em Sinop, mas está aqui dentro, e isso que é gratificante, é o trabalho nosso como coordenador de uma equipe de tentar fazer o jovem ficar aqui dentro. Não precisa ele namorar dentro do C.T.G., estar dentro do C.T.G., mas onde ele vê o tradicionalismo e ele tem que saber o que é. Isso é o que funciona, a mola mestra do tradicionalismo é a juventude. Tanto que a gente preza tanto que a maioria dos C.T.G.s do Rio Grande está enfraquecendo por quê? Porque os patrões foram ficando nas suas administrações e sai um entra outro, sai um entra outro, e os jovens não tiveram oportunidade de coisas diferentes, igual está acontecendo em Sinop (Rudimar 40 anos, comerciante, patrão em exercício do C.T.G. “Estância da Amizade”).

Pode-se ver que uma determinada cultura é percebida em contraste com outras. Assim sendo, verifica-se que a presença de outras culturas na cidade de Sinop foi percebida pelos sulistas migrantes. Pode ter ocorrido a preocupação dos migrantes sulistas em estimular a organização e manutenção do grupo constituído por eles através da tradição imbuída na cultura gaúcha. Com a organização do grupo sulista, através de aspectos da cultura gaúcha, o grupo constituído pelos sulistas ganhou maior notoriedade e pode ter despertado o interesse dos filhos destes migrantes em se caracterizar como membros do grupo. Percebe-se a

preocupação dos participantes do C.T.G. “Estância da Amizade” em educar e manter seus filhos alheios a outros grupos caracterizados por cultura diferente da gaúcha. Quanto a esse fato pode-se notar certa semelhança ao que expõem Elias e Scotson (2000) quando comentam que os jovens da “aldeia” tinham que ficar à altura dos sólidos padrões e das normas coletivas um tanto rigorosas dos mais velhos, se quisessem conservar o respeito de sua comunidade. Sendo assim, verifica-se que os migrantes sulistas consideram ideal para seus filhos a educação recebida através de aspectos empregados na cultura gaúcha por acreditarem que desta forma a nova geração manteria a organização do grupo e sua plenitude.

É fato que a maioria das pessoas na época da colonização da cidade de Sinop era constituída por sulistas, e através do comportamento, demonstravam particularidades que poderiam caracterizá-los como pertencentes ou não a determinada cultura. Porém são estas ações desenvolvidas pelos indivíduos, através do comportamento, que podem justificar seu pertencimento cultural. Segundo conceito de Barth (1998) entende-se que a cultura é um meio de descrever o comportamento humano de acordo com a unidade étnica que corresponde a cada cultura. É importante salientar a percepção de que os grupos étnicos são categorias que geram atribuições e identificações, que são formuladas e aplicadas pelos próprios indivíduos, com o intuito de organizar a interação social.

Considerando a possibilidade dos indivíduos se identificarem, através da cultura, como pertencentes a um determinado grupo étnico e, por conseguinte, partilharem junto com outros indivíduos de valores culturais semelhantes, formula-se a idéia de que os grupos étnicos participam de uma cultura comum e constituem um campo de interação. Tal interação possibilita que um grupo de membros se identifique e seja identificado por outro grupo, podendo ainda criar barreiras à participação de outras culturas. Analisando a pertença étnica como uma questão de origem, assim como de identidade corrente, pode se verificar que as fronteiras sociais implicam o reconhecimento de diferenças e critérios de julgamento, de valores e de ação, o que proporciona a organização entre as relações sociais e comportamentais que são mantidas através de um conjunto limitado de traços culturais. Assim sendo, atribui-se à cultura a possibilidade que os gaúchos e demais sulistas instituíram em se autoidentificar pertencentes a um mesmo grupo étnico por partilharem de valores semelhantes demonstrados através de ações do comportamento influenciado por sua cultura. A cultura é um dos principais fatores que possibilitou a interação e organização entre os sulistas e o C.T.G., pode ser visto como um meio de organização e interação do grupo.

Anterior a fundação do C.T.G. “Estância da Amizade” existia na cidade de Sinop o C.T.G. Porteira da Amazônia que, segundo os fundadores do C.T.G. “Estância da Amizade”, não estaria mais sendo posicionado como C.T.G., e por este motivo foi destituído de C.T.G. e passou a ser um clube social. O fato da tradição gaúcha não ser mais cultuada como anteriormente no C.T.G. “Porteira da Amazônia” remete à idéia de que outras etnias estariam se instalando na cidade de Sinop de forma marcante e trazendo consigo suas culturas. As palavras do senhor Viro Ludwig, principal idealizador e fundador do C.T.G. “Estância da Amizade” promovem a idéia de que a organização de grupo produzida através da cultura gaúcha estaria perdendo força e providências deveriam ser tomadas.

O C.T.G. Porteira da Amazonia estava perdendo sua identidade, porque se nós pegarmos a parte tradicionalista, vamos dizer a parte gauchesca que deveria existir dentro lá, não existia mais. Eu fui uma das resistências, não concordei com isso e tentei convencer os companheiros [...] (Viro Ludwig, 58 anos, comerciante, principal idealizador e fundador do C.T.G. “Estância da Amizade”).

O motivo que levou os sulistas sentirem a necessidade de fundar um novo C.T.G. na cidade de Sinop pode ser percebido como uma forma dos mesmos se identificarem como grupo e, ao mesmo tempo, perceberem a presença de outros grupos étnicos como uma possível ameaça à organização e manutenção de aspectos da cultura gaúcha nessa cidade.

A convivência e o diálogo com os participantes do C.T.G. “Estância da Amizade” durante o período de pesquisa, possibilitaram verificar que os fundadores deste C.T.G. elegem a cultura gaúcha como a ideal na constituição da identidade dos filhos mato-grossenses. Os migrantes sulistas que participam dele também se posicionam como superiores às demais culturas ao verificarem como perigo a participação dos filhos em atividades festivas que não sejam no C.T.G. Seguem trechos de uma conversa que expõem tal afirmativa.

[...] O C.T.G. é um clube social, mas da cultura gaúcha. [...] O ambiente que nós esperávamos promover no C.T.G. é um ambiente de respeito, um ambiente familiar. E as pessoas gostam quando você chega em um lugar e não precisa gritar que nem um louco, e que você vê os pais com os seus filhos, onde os meninos ainda vão e pedem as moças para dançar, vão buscar elas nas mesas e depois trazem de volta, esse tipo de coisa, um ambiente de respeito. Com certeza eu incentivei os meus filhos a participarem do C.T.G., só que hoje eles não participam muito, como eles não vão a outros bailes, então... Mas você sabe que você constrói o ser humano até os 10 anos? Então não vai tardar eles vão perceber que eles pertencem a determinado tipo de sociedade, e quando eles vão começar a freqüentar os lugares nos quais eles participaram quando criança não vai pender para a bagunça e locais que o prejudicam, que apresentam naturalidade com as bebidas e até com as drogas [...] (Viro Ludwig 58 anos, principal idealizador e fundador do C.T.G. “Estância da Amizade”).

Elias e Scotson (2000) possibilitam compreender melhor o exposto, ou seja, de que

haveria possibilidade dos sulistas estarem se posicionando como superiores aos demais grupos culturais, além de considerar a inserção de outras culturas na cidade de Sinop como possível interferência na predominância da cultura gaúcha nela. Seguindo esses autores, é possível verificar que um grupo coeso comumente se posiciona como superior diante dos demais grupos, e neste caso haveria a possibilidade do grupo coeso estigmatizar os membros de outros grupos como inferiores.

Por partilhar de cultura semelhante, os sulistas identificavam-se entre si e se agregaram em uma espécie de grupo que objetivava cultivar valores semelhantes e que eram expressos através do comportamento, sendo justificados através do pertencimento cultural. Ao desfrutar de valores semelhantes disseminados pela cultura da qual participavam, os sulistas mantinham certa coesão entre as pessoas que constituíam o grupo dos sulistas migrantes. O mesmo processo que identificava os indivíduos pertencentes ao grupo constituído por pessoas sulistas servia também para identificar os indivíduos que não faziam parte do grupo. Com a chegada de indivíduos provenientes de outras culturas pode ter ocorrido a preocupação dos sulistas em se organizarem entre si, para garantir que aspectos da cultura gaúcha mantivessem predominância e continuar a promover a organização do grupo constituído por eles. Fica evidente a preocupação dos sulistas quanto a proporcionar meios para que os seus filhos mato-grossenses tomassem como base de valores a cultura gaúcha. Ao inteirar-se do estudo desenvolvido por Elias e Scotson (2000), pode-se verificar que os autores apontam a capacidade da estrutura do meio no qual o jovem está inserido influenciar o desenvolvimento de sua personalidade. Portanto, é perspicaz pensar que o grupo constituído pelos sulistas influenciam na constituição da identidade de seus filhos.

No que se refere à visão do grupo constituído pelos sulistas sobre as demais identidades étnicas que se fazem presentes na cidade de Sinop, é relevante a concepção de Elias e Scotson (2000) de que a anomia talvez seja a censura mais frequentemente feita ao grupo considerado como sendo inferior. Constata-se que os demais grupos são vistos pelo grupo coeso como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros. Nesta perspectiva, é importante relacionar o conceito exposto a trechos de entrevistas realizadas durante a pesquisa de campo. Verifica-se nas entrelinhas a possível posição de superioridade em que se colocam os integrantes do C.T.G. “Estância da Amizade” diante das demais identidades culturais.

Trecho nº 1 – O senhor acredita que os jovens desfrutam de benefícios participando do C.T.G.?

Veja bem, não vou dizer que a educação é diferente, eu acho que todo filho educado é uma educação. Agora a maneira de ele ser, a maneira de ele agir. Porque ele recebe uma enérgica ordem do professor de dança, ele aprende a ficar quieto na hora certa, ele aprende a falar na hora certa. Então eu acho que não queremos ser diferente, pelo contrário, queremos chamar mineiros e paulistas para a nossa casa que é o C.T.G., segunda casa que é o C.T.G., neste sentido não é a nossa educação que é diferente, como eu acabei de falar, mas a pessoa de bombacha, aqui eu digo que ela procura ser diferente. [...] Eu acho que muda um pouco a maneira de eles ser, quando ele frequenta um C.T.G. [...] No momento em que ele trabalha e usa sua ferramenta, a mentalidade dele muda e ele se torna diferente (Viro Ludwig).

Trecho nº 2 – Quais benefícios você acredita ter participando do C.T.G.?

Primeiro é o que a gente sempre fala, os valores da tradição gaúcha, os valores são firmes tanto na postura de ser gaúcho, a questão do respeito. Até as crianças assim como os mais velhos, por exemplo, é esta questão de valores que a gente aprende dentro de casa o gaúcho tem em si. E pra gente que gosta da tradição, da dança, da música, a comida, o chimarrão, enfim a amizade que se tem. O chimarrão é isso, a gente fica ali em uma roda de amigos e está ali conversando, está ali no convívio das pessoas que você gosta, está presente o chimarrão, então eu acho que o chimarrão significa isso, a amizade. Então todos os valores eu acredito que vêm daí. (Vania Rolls, 23 anos, dona de casa).

Trecho nº 3 – Você se considera diferente das outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Acho que todo mundo é diferente, até quem participa mesmo, talvez quem participa outros valores são passados e para os outros não. Até aqui dentro do grupo a gente encontra diferença, então fora, mais ainda! (Vania Rolls, 23 anos, dona de casa).

Trecho nº 4 – Quais benefícios vocês acreditam que os filhos de vocês tiveram participando do C.T.G.?

A educação, a cultura é diferente quando participa de uma coisa assim, contribui para a formação. (Bruno Hass, 58 anos, comerciante)

Ahhh!!! Não vai para o mau caminho! (Ana Hass, 50 anos, dona de casa)

Ficam com a cabeça ocupada! (Bruno Hass)

É possível perceber nos trechos das conversas que foram apresentados acima que os sulistas possivelmente se posicionam, através do grupo, como superiores às demais identidades étnicas. A realização da pesquisa e a interação com o estudo realizado por Elias e Scotson (2000) instigaram a ideia de que os sulistas estariam tentando se distinguir dos outros grupos que possuíam identidade étnica diversa da gaúcha. E, com relação ao estudo destes mesmos autores, verifica-se que os indivíduos pertencentes a identidade étnica diferente da gaúcha se instalaram na cidade de Sinop somente após grande número de sulistas já estarem

ali estabelecidos. Por este trabalho voltar-se ao estudo de um local formado por um grupo de pessoas que se tratam como iguais e, ao mesmo tempo, classificam outras como diferentes em função da cultura, existe a possibilidade de obter uma maior compreensão relacionando o presente trabalho a conceitos desenvolvidos por Elias e Scotson (2000) no estudo denominado “Os Estabelecidos e os Outsiders”, que promove, através de uma pesquisa realizada em uma pequena comunidade, a compreensão sobre desigualdade e relações de poder. Após conceituar como estabelecidos os moradores antigos do lugar e outsiders os recém-chegados, os autores desenvolvem sua percepção da estigmatização. Por meio de fatos observados na comunidade denominada Winston Parva, os autores expõem a avaliação que os indivíduos fazem entre si, tornando perceptíveis ações que manifestam o preconceito.

A relação que se faz entre o estudo desenvolvido por Elias e Scotson (2000) e a pesquisa desenvolvida no C.T.G. “Estância da Amizade” é a caracterização de grupos de pessoas que se organizam entre si e se posicionam como superiores perante outros grupos. Em consequência, este posicionamento é transmitido de pais para filhos, influenciando na personalidade dos jovens.

No caso da pesquisa desenvolvida no C.T.G., o pertencimento cultural foi o critério da participação ou não participação no grupo constituído por sulistas. O grupo era organizado entre si e possibilitava aos filhos mato-grossenses a interação com aspectos da cultura rio-grandense, por meio da tradição e do convívio com pessoas inseridas em aspectos culturais semelhantes, através da participação no C.T.G. A mesma consciência de classificação e diferenciação de outros grupos que os pais possuíam era repassada aos filhos.

Considerando que o estudo remete a investigações sobre a constituição da identidade de um determinado grupo de jovens mato-grossenses, justifica-se a necessidade de compreender a cultura, por perceber-se que a identidade do indivíduo pode ser determinada pela cultura, ou seja, através de sinais, signos e valores que são manifestados através da cultura. Ao considerar que a identidade é produzida através das diferenças, salienta-se a importância existencial que os outros grupos étnicos presentes na cidade de Sinop (MT) têm para a aproximação e organização dos indivíduos pertencentes à cultura sulista.

Na perspectiva de que a identidade é produzida através da diferença e não fora dela, por ser necessária a percepção de um terceiro quanto ao julgamento de se o sujeito está dentro ou está fora de determinado grupo étnico, o indivíduo pode se posicionar visando a participação em determinado grupo social. Porém, para se compreender a constituição de

identidade, é importante entender as posições e práticas assumidas pelo indivíduo dentro do contexto social do qual participa.

Tal conceito nos faz pensar que os traços culturais expostos através de práticas no cotidiano pelos sulistas promoveram a caracterização de pertencimento e exclusão de grupo social, pois eles podem ser vistos como uma forma de identificar e controlar quem participava e quem não participava do grupo dos gaúchos e sulistas. Mesmo com o processo de exclusão e incorporação ocasionado pelas distinções entre as categorias étnicas, Barth (1998) conceitua que, mesmo considerando as transformações na cultura de um determinado grupo étnico, ocasionados através do contato com outras culturas, as categorias que determinam a pertença de grupo do indivíduo são mantidas de forma que os indivíduos se identifiquem e sejam identificados como participante do grupo. É possível que através das fronteiras étnicas haja possibilidade de relações sociais estáveis, porém, mesmo com o contato interétnico durante a interação, as diferenças culturais podem permanecer.

Entende-se que as práticas assumidas pelo indivíduo no contexto social estão relacionadas à forma em que o mesmo se constitui, porém, verifica-se que a cultura é a norteadora do posicionamento do indivíduo quanto a suas ações e escolhas. Mauss (2003) define que a caracterização do indivíduo na sociedade, seus atributos e deveres, é estipulada pela família e repassada através das gerações.

Seguindo tal reflexão, pode-se perceber que as famílias de migrantes sulistas que se encontravam estabelecidas no Mato Grosso podem ter influenciado no pertencimento cultural dos filhos, criando possibilidades desta segunda geração se identificar como pertencente à mesma cultura dos pais, ou seja, mesmo sendo mato-grossenses, constituírem sua identidade através de aspectos da cultura gaúcha e, por este motivo, se posicionarem como gaúchos.

Mauss (2003) conceitua identidade como uma máscara que o sujeito evoca e desempenha de acordo com o personagem que ele mesmo escolhe, quando interage na vida familiar ou em sociedade; com isso, o próprio indivíduo desenvolve sua personalidade e identidade de acordo com a posição, e os direitos que deseja ter na sociedade. A partir deste conceito, vemos a possibilidade dos filhos de migrantes sulistas estarem se apresentando como gaúchos na perspectiva de obterem possíveis favorecimentos, almejarem participação em relações de poder, levarem vantagem em aspectos da vida social ou pessoal através da participação no grupo constituído por pessoas oriundas da região Sul do Brasil. Ao se posicionarem como gaúchos, pode ocorrer destes mato-grossenses, que são filhos de

migrantes sulistas se considerarem superiores às demais pessoas ligadas a outras culturas através de participação em grupo coeso e que demonstra considerável poder.

Quanto a categoria de fachada pessoal, verificamos distintivos pessoais ligados à aparência do indivíduo, que nos revelam também o status social do ator, constituídos através da idealização do próprio indivíduo que a partir daí se insere em um cenário que propicie sua atuação como sujeito, constituindo assim sua identidade. É necessário considerar que, incorporando valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e não os reais desejos, é possível que o indivíduo dê a impressão de representar os padrões ideais e esconda ações que não são compatíveis com os padrões ideais da sociedade.

Giddens (2002) define que os valores reconhecidos pela sociedade como apropriados estão organizados através de um fluxo de informações sociais e psicológicas sobre possíveis modos de vida. É por meio de um questionamento interno do indivíduo sobre a forma como ele deve viver que são definidas, através de decisões cotidianas de comportamento, o seu modo de vestir, o que comer e outras ações interpretadas pela autoidentidade que são desenvolvidas dentro do quadro geral da constituição psicológica do indivíduo. Para verificar a identidade do indivíduo, é necessário compreender a representatividade de suas ações, linguagem, cultura e hábitos.

Para Oliven, a identidade regional dos brasileiros é mais acentuada que a nacional.

A afirmação de identidades regionais no Brasil pode ser encarada como uma reação a uma homogeneização cultural e como uma forma de salientar diferenças culturais. Esta redescoberta das diferenças e a atualidade da questão da federação numa época em que o país se encontra bastante integrado do ponto de vista político, econômico e cultural sugerem que no Brasil o nacional passa primeiro pelo regional (OLIVEN, 1992, p. 43).

Considerando o processo de constituição da identidade do indivíduo de acordo com o meio no qual está inserido, é possível constatar as diferenças na identidade do brasileiro, enfatizadas pelos aspectos regionais e culturais de uma região a outra.

Os aspectos do mundo moderno, e o tráfego de indivíduos que migram dentro da mesma nação de uma região a outra, nos fazem refletir sobre esta caracterização regional, com acentuada diferenciação de costumes e tradições. Ela é visivelmente percebida quando da migração, porém o fenômeno que desponta é a presença marcante das tradições, entendidas como um conjunto de orientações valorativas consagradas, que se tornam ainda mais marcantes quando da transição de um tipo para outro. Neste sentido, verifica-se que a

identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas foi constituída em um aspecto social que contempla diversidade de aspectos culturais, ocasionados pela migração. Contudo, é possível perceber que os mato-grossenses filhos de sulistas que se encontram na situação de migrantes no Estado do Mato Grosso demonstram estar inseridos na cultura dos pais, e constituíram suas identidades a partir de aspectos da cultura gaúcha. Sendo assim, o que pensar das identidades pessoais majoritárias que influenciam a constituição da identidade de seus descendentes? Elias e Scotson (2000) respondem tal questionamento afirmando que a identificação de propósito comum entre os indivíduos pode promover agregações humanas que se fortificam através da coesão e relações de poder; com isso, os aspectos culturais de tal grupo se tornam mais acentuados e podem influenciar a constituição da identidade de seus descendentes. Verifica-se, porém, que as pessoas que constituem o grupo dos sulistas são de classe média alta, e que, a participação dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas neste grupo, pode ser considerada como intuito dos mesmos, em demonstrar pertencimento no grupo na busca de status social.

A influência da cultura gaúcha na constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” pode ser comprovada através da pesquisa, porém é fato que alguns deles se consideram gaúchos. Ao que se percebe, a identidade dos mato-grossenses que participam do C.T.G. foi constituída através da influência exercida pela cultura rio-grandense; mesmo sendo mato-grossenses, se posicionam como gaúchos.

Ao relacionar os motivos que caracterizaram a influência da cultura gaúcha na constituição da identidade dos jovens mato-grossenses que participam do C.T.G., vários quesitos podem ser listados, Porém, verifica-se como motivo principal o processo de colonização que ocasionou a vinda de inúmeras pessoas de uma mesma região. Estas pessoas, quando fora de suas regiões de origem, através do contraste com outras culturas, passam a ser identificadas e a identificar pessoas que participam da mesma cultura regional. A identificação entre estas pessoas gera a agregação de indivíduos que se consideram iguais. A agregação dos indivíduos que se identificam entre si culturalmente fomenta certa organização entre eles e, por serem coesos, passam a se considerarem superiores aos demais que não são caracterizados como pertencentes ao grupo. Assim sendo, passam a se posicionar como pertencentes a uma determinada cultura de forma mais acentuada do que quando residiam no Estado de origem. Quando em situação de migrantes o aspecto mais abrangente prevalece, ou seja, paranaenses, catarinenses e gaúchos formam um só grupo considerando não os Estados,

mas sim a região, e no presente caso, todos os advindos da região Sul do Brasil passaram a se identificar como sulistas. Ao se perceberem como um grupo fortificado pela organização que possuíam, organizaram-se para compartilhar de aspectos culturais em comum em lugar diverso do de outras identidades culturais e assim fundaram um C.T.G. na cidade de Sinop.

Com o passar do tempo, aspectos da cultura rio-grandense não pareciam tão vigorosos como nos primeiros tempos após o processo de colonização. Percebendo a presença de inúmeras outras identidades culturais na cidade, que usufruíam do mesmo espaço do grupo para as horas de lazer, os sulistas se organizaram novamente para manifestar sua cultura e presença e, com isso, se diferenciar das outras identidades culturais presentes na cidade de Sinop. Assim, fundaram um novo Centro de Tradições Gaúchas na cidade, e o antigo C.T.G. passou a ser somente um clube social, ou seja, um local em que a identidade cultural não é fator relevante.

O novo Centro de Tradições Gaúchas foi fundado e passou a ser utilizado principalmente pelas famílias sulistas, que coincidentemente, eram as mesmas famílias que detinham maior poder econômico da cidade. Porém, a tradição gaúcha serviu como base para estruturar, de forma organizada, o grupo constituído por sulistas. Ficou claro durante a pesquisa que os migrantes sulistas, mesmo sendo catarinenses ou paranaenses, identificam-se como gaúchos.

É perceptível a existência de organização entre o grupo das pessoas que se consideram sulistas e que, através desta organização, promovem a continuidade de aspectos da cultura rio-grandense, influenciando na constituição da identidade de seus filhos, que passam a se posicionar culturalmente de forma semelhante aos pais. Por este motivo, podem ser verificados como mato-grossenses gaúchos, ou seja, mato-grossenses que se identificam como gaúchos. Nesta perspectiva conceitua-se a pesquisa em questão como um meio abrangente de estudo do social. É através da análise da constituição da identidade de um determinado grupo e estudo de reflexões teóricas relacionados ao tema que foram constituídos conhecimentos e posteriormente apresentados em forma de dissertação.

Considerando que a tradição cultural gaúcha foi seguida por paranaenses e catarinenses, que, fora do Estado de origem passaram a se posicionar como gaúchos, percebe-se que é importante entender o Estado que caracteriza a cultura gaúcha, o Estado do Rio Grande do Sul.

3 PREMISA SOBRE O RIO GRANDE DO SUL

Através do contexto histórico apresenta-se neste capítulo de forma restrita o Estado do Rio Grande do Sul como forma de contextualizar informações que formulam ou ampliam o conhecimento acerca da região que produz tradição e cultura que se propaga mesmo além de seus limites geográficos. Para a construção da presente premissa foram consultados materiais bibliográficos, que, depois de lidos e compreendidos, são expostos.

Através de bibliografia de Antônio Augusto Fagundes verifica-se que o Rio Grande do Sul é um Estado localizado na região sul do Brasil e faz limite ao norte com o Estado de Santa Catarina, ao leste com o Oceano Atlântico, ao sul com o Uruguai e ao oeste com a Argentina. Segundo consta na história, o nome do Estado teve origem em 1737, quando a Lagoa dos Patos foi chamada de rio grande; depois disso, Rio Grande passou a ser nome de cidade e na sequência, se constituiu também como o nome do Estado (FAGUNDES, 1986).

O Rio Grande do Sul ocupa uma área territorial de 281.748,538 km², sendo definido como o maior e mais populoso Estado da região Sul. É considerado um dos Estados mais ricos do país e o terceiro no que se refere ao índice de desenvolvimento humano.

O relevo do Estado é constituído por três regiões naturais identificadas como Planalto Serrano, Pampa e Região Lagunar. A erva-mate e os pinheiros são comuns em solo gaúcho, e ambos têm importância econômica considerável. Parte da superfície do Estado é banhado pelo Oceano Atlântico. Estão em território sul-rio-grandense as maiores lagoas do Brasil, a Lagoa Mirim, Lagoa Mangueira e Lagoa dos Patos.

O Rio Grande do Sul tem clima subtropical úmido. As estações do ano são definidas, de forma que, primavera, verão, outono e inverno podem ser percebidos de acordo com a situação climática que se modifica de forma acentuada em períodos de um a quatro meses. Porto Alegre, a capital do Rio Grande do Sul, é considerada como o centro mais importante da região Sul. A economia da cidade gira em torno da prestação de serviços, comércio, agricultura e indústria.

O Estado do Rio Grande do Sul tem uma população urbana maior que a rural. Segundo o senso demográfico de 2010, a população do Estado é cerca de 12 milhões; A população do Estado do Rio Grande do Sul é constituída em sua maioria por descendentes de indígenas, portugueses, açorianos, espanhóis, africanos, alemães, espanhóis, italianos, franceses e

poloneses.

Para compreender a constituição da cultura do povo gaúcho, far-se-á uma retrospectiva abreviada do início da colonização no Estado do Rio Grande do Sul, com base num escrito de Fagundes (1986). Um enfoque especial será dado aos grupos com maior número de pessoas quando do início da colonização. O território do Rio Grande do Sul era habitado primeiramente por três grupos indígenas, sendo eles os guaranis, os charruas e os guaianás. Os guaranis eram o grupo mais numeroso e ocupavam parte do litoral; eram dóceis com os brancos, porém agressivos com as outras tribos indígenas visando a defesa do seu espaço. O charrua era o grupo indígena constituído nos pampas da região Sul do continente americano e norte da Argentina. Este grupo indígena também era conhecido por Jaros, Minuanos, entre outros.

O grupo indígena Guaianá foi o ancestral do grupo indígena Caingangue e se encontrava na região central do Guaíra e na região norte e missioneira do Rio Grande. Com a chegada dos portugueses, jesuítas e paulistas ao território gaúcho até então habitado pelos índios, aconteceu o processo de interação. Embora os índios ocupassem praticamente toda a região norte do Rio Grande, eram nômades, não tendo residência fixa. As habitações indígenas eram feitas, em geral, de forma rudimentar na beira de matas que possuíssem caça farta. Para se cobrir, utilizavam mantos, fabricados por eles próprios, com peles de pequenos animais mamíferos. Para praticar a caça utilizavam o arco e flecha, lança, boleadeira e funda. A mulher indígena do Rio Grande do Sul era caracterizada como escrava pelo próprio grupo, sendo incumbida de manter a casa, transportar os objetos domésticos quando o grupo se movimentava de um canto a outro, cuidar das plantações, preparar a farinha, bem como bebidas e ainda fabricar redes e alguma cerâmica. A poligamia era comum entre os índios, sendo que um chefe de tribo poderia manter cerca de 20 mulheres. Este fato só mudou com a chegada dos jesuítas. Os índios ajudaram a constituir a cultura rio-grandense, e o mate, o churrasco, o laço, o pala, o chiripá, a lança, algumas lendas e mitos constituem hoje elementos da cultura gaúcha.

Com o processo de colonização do Brasil e necessidade de mão de obra, os negros foram trazidos para trabalhar como escravos e passaram também a contribuir com a constituição da cultura do Estado. Consta na história do Brasil que desde 1725 a raça negra se fez presente no Rio Grande do Sul, adentrando no Estado principalmente com o surgimento das charqueadas. O negro pode ser percebido em dois momentos distintos da história no

Brasil: o primeiro foi enquanto escravo e o segundo enquanto homem livre. Podem-se perceber na cultura gaúcha quesitos herdados da cultura da raça negra oriundos da época da chegada dos escravos ao Estado. Por exemplo, no linguajar, o emprego das expressões, entre outras, girau, cacimba, mondongo, cherenga, pilungo, matungo e sanga é herança da cultura negra¹. Na gastronomia a feijoada e o mocotó, na religião o candomblé, batuque, entre outros, são exemplos de que a cultura da raça negra se disseminou, mesmo não sendo reconhecida, tornando-se notória dentro e fora do Estado do Rio Grande do Sul.

“Os primeiros 38 imigrantes da cultura germânica chegaram ao Brasil, em 25 de julho de 1824” (FAGUNDES, 1986, p. 72). Instalaram-se na região onde hoje está localizada a cidade de São Leopoldo, e passaram a ocupar o vale do Rio dos Sinos e do Rio Caí. Alemães e seus descendentes se tornaram ativos em acontecimentos políticos e militares que ocorreram no Rio Grande. A cultura alemã está bastante presente em peculiaridades da cultura gaúcha. Utilizando-se da língua germânica e dividindo-se entre adeptos da religião católica e evangélica, os alemães introduziram na cultura do Rio Grande do Sul o chopp, a salsicha, o café colonial com as cucas e tortas, o requeijão e ainda o jogo de bolão e o jogo de cartas. Também influenciaram largamente as danças que se tornaram típicas do Rio Grande, como, por exemplo, xote carreirinha, Herr Schmitt, Hacken Schottisch, Kreuz Polka. Em conjunto com todas estas danças surgiram inúmeras músicas que norteavam o ritmo germânico e passaram a fazer parte da cultura do Estado do Rio Grande do Sul.

Os italianos trouxeram para o solo gaúcho aspectos da cultura italiana que permanecem na atualidade através da cultura gaúcha. Na gastronomia, fazem parte da herança da cultura italiana a polenta, o espaguete, o taiateli, o bigoli, o tagliarini, o gnocchi, o tortéi, o capeletti e o brodo. Embutidos à base de carne de porco, como, por exemplo, mortadela, salame, morcilhas, queijos e manteigas, pão de trigo e as saladas de radicci também são constitutivos da cultura italiana. Os italianos também incrementaram a produção de vinho com as mudas de uvas que trouxeram da Itália. Na música, contribuíram com letras como “La Verginella”, “Mérica Mérica”, entre outras. O jogo de bocha, hoje espalhado por todo o Estado, é legado do costume trazido pelos italianos. Todos estes elementos da cultura italiana contribuíram, junto com as demais já citadas, na constituição da cultura gaúcha, e através

¹ Girau: Cômodo ou compartimento, habitável ou não habitável, localizado à meia altura, entre um pavimento e outro. Cacimba: Poço artesanal, lugar de guardar água feito no chão. Típico do nordeste brasileiro. Mondongo: O mesmo que dobradinha, fato, bucho. O nome em questão é muito utilizado no Sul do Brasil para definir este prato tão saboroso para uns e inconcebível para outros. Cherenga: No vocabulário gaúcho significa “faca” de uso diário nas lidas do campo. Pilungo: Cavalo ruim, imprestável. Matungo: O mesmo que pilungo. Sanga: É um rio pequeno onde se coloca uma pinguela (XIMENES, 2000).

dela, se faz presente nos dias atuais.

Segundo estudo realizado por Golin (1999) é possível verificar que no início da colonização do Estado do Rio Grande do Sul a ocupação geográfica teve fases que resultaram na aquisição destas terras por uma minoria, impossibilitando a posse de terras para número elevado de gaúchos, que, sem terras para o cultivo, tinham de trabalhar como peões, vagar pelos campos ou servir como soldado nas guerras. Os privilegiados que conseguiram terras foram chamados de estancieiros e passaram a dominar a economia e a política do Estado do Rio Grande do Sul. A grande extensão de terras de posse do estancieiro era denominada estância. As estâncias eram organizadas internamente, tendo como principais espaços a sede, que se referia à casa do estancieiro, a senzala que servia para confinar os escravos e o galpão onde ficavam os peões, que eram considerados trabalhadores livres. A atividade pecuarista desenvolvida no Estado originou, mesmo de forma primitiva, precária e improvisada, o processo de industrialização da carne e do couro do gado, promovendo trabalho para inúmeros rio-grandenses.

Para amenizar a falta de abastecimento na Campanha surgiram os bolichos. Os bolichos eram pequenos ranchos geralmente barreiros e cobertos de capim santa-fé, localizadas à beira da estrada. Destinavam-se a fazer negócios com secos e molhados, além de reunir homens que se a propunham competições através do jogo de cartas e outros. Segundo expõe Golin (1999), as roupas utilizadas pelos homens da Campanha eram precárias e resultavam de uma mistura de vestimentas civis, militares e indígenas. Após a guerra do Paraguai as fábricas inglesas venderam para as tropas do Brasil, Argentina e Uruguai bombachas da cavalaria turca que haviam sobrado da Guerra da Criméia, que posteriormente foram reproduzidas pelas costureiras. A bombacha por muito tempo representou a vestimenta da classe subalterna, porém, em meados do século XX, o movimento tradicionalista a adotou como indumentária simbólica durante o processo de invenção das tradições rio-grandenses.

Ainda no processo histórico do Rio Grande do Sul, pode-se destacar, através do estudo de Golin (1999), que até o século XIX a população da Campanha demonstrava três aspectos. Primeiramente havia uma população indígena, constituída por Charruas, Minuanos, Guenoas e Guaranis. Em segundo lugar, havia uma população mestiça de indivíduos de várias raças, que percorriam os campos caçando gado, assaltando viajantes e estâncias e, com isso, aterrorizando os moradores dos pampas. Havia em terceiro lugar, uma parte da população formada por europeus e ibero-americanos, que se instalaram como estancieiros junto às

fortalezas militares, ou ainda como grupos de peões, agregados e escravos. Na época colonial o critério para a ocupação da terra dos pampas consistia em ocupar e posteriormente requerer junto à autoridade o documento de propriedade. A unidade usada para a medição do campo era a sesmaria; cada sesmaria delimitava 13.068 hectares, sendo seis km de frente por 18 km de fundo. Este critério transformou o campo em latifúndio e provocou insuperável problema social. Muitas famílias passaram a possuir diversas sesmarias, enquanto que soldados e povoadores espontâneos ficaram de fora da partilha das terras do Rio Grande do Sul através da utilização do critério da sesmaria. Mesmo as terras desocupadas já tinham dono. O resultado disso foi que muitos homens passaram a vagar pelo campo, sujeitando-se a trabalhos temporários e carregando consigo o pouco que possuíam, como, por exemplo, o cavalo, as roupas e as armas. Estes homens que vagavam solitários ou em grupos à procura de algum trabalho fizeram com que, mais tarde, escritos literários fizessem referência à falta de paradeiro como uma escolha do gaúcho por preferir a liberdade e a imensidão dos pampas. Contudo, a luta pela terra sul-rio-grandense revela inúmeros episódios onde se pode verificar a dificuldade dos mais pobres para ter acesso à terra.

Segundo Golin (1987), as mulheres do Rio Grande do Sul na visão tradicionalista são chamadas de “prendas”, o que significa acessório, adorno, coisa que se possui, que se usa, se ocupa, etc. Percebe-se assim, que a situação da mulher é caracterizada pela opressão. Houve ao longo da história do Rio Grande do Sul contribuições das mulheres, porém, o mesmo autor define a cultura rio-grandense como algo forjado que tem com intuito cultivar o campo, ao mesmo tempo em que dificulta uma história de igualdade entre homens e mulheres.

Segundo Golin (1987), a cultura tradicionalista descende da elite européia. Exemplo disso são as danças tradicionais gaúchas, que foram o deleite das cortes européias do período feudal. A massa rio-grandense é caracterizada pelo autor como sendo uma guardiã da cultura oligárquica, que não corresponde aos novos tempos. Segundo ele, toda cultura se universaliza através das suas particularidades, necessitando ter uma profunda ligação com sua história; a do Rio Grande do Sul, ao contrário, caracteriza-se por ser um processo de alienação. Conforme estudo de Golin (1987), fantasiar-se de gaúcho é demonstrar alienação para com a própria história e cultura. Segundo o autor, no Rio Grande do Sul não prevaleceu nenhum fato folclórico enraizado no povo, nem mesmo um nicho cultural. A cultura e tradição empregada são as da ciência burguesa no controle cultural do proletariado e segmentos populares.

Golin (1987) expõe que a cultura oficial do Rio Grande do Sul, fundamentada pelo

tradicionalismo, reproduz o mundo estancieiro, o latifúndio, gerido completamente pelos homens. Para o autor, os C.T.G.s produzem intelectuais menores por propagandear as idéias e conceitos criados pelo movimento tradicionalista, e por passar a repetir os conteúdos professados. É sabido que os fatos contemplados pela história rio-grandense são inúmeros. Porém, como o tema da presente pesquisa é a constituição da identidade de um determinado grupo de mato-grossenses que possuem pais sulistas que se encontram na situação de migrantes no Estado do Mato Grosso, o exposto sobre o Estado do Rio Grande do Sul contém de forma resumida somente algumas informações que podem promover entendimento da história e do tradicionalismo deste Estado.

3.1 O Rio Grande do Sul na Visão dos Tradicionalistas Gaúchos

Grande parte dos jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do C.T.G. “Estância da Amizade” não conhecem o Estado do Rio Grande do Sul. É através do contexto histórico produzido por tradicionalistas, que muitos dos jovens, formaram seus conhecimentos sobre ele. No entanto, é pertinente apresentar, mesmo que de forma resumida, considerações sobre a cultura do povo rio-grandense através da visão tradicionalista da história do Rio Grande do Sul elaborada por tradicionalistas gaúchos. Segundo Oliven (1992), o Estado do Rio Grande do Sul tende a ser representado pelos gaúchos tradicionalistas como um Estado que tem presentes em sua história a tradição, a disputa e a perseverança. O Rio Grande do Sul caracteriza-se como um fenômeno único de patriotismo, que deu origem a uma cultura ligada às tradições que caracterizam a identidade gaúcha. A cultura gaúcha ligada à sua tradição se distingue de outras por se apresentar com maior intensidade na identidade regional.

O tradicionalismo organizado no Estado do Rio Grande do Sul surgiu através das guerras de fronteira elevadas ao feito de conquistas que tem como símbolo máximo o militar-latifundiário e não propriamente o gaúcho. Como forma de lembrar a importância dos feitos históricos, em 20 de setembro (data da eclosão da Revolução Farroupilha de 1835-1845) comemora-se a histórica data do Dia do Gaúcho, com festejos múltiplos pelo Rio Grande do Sul afora, em Centros de Tradições Gaúchas espalhados pelo Brasil e em alguns países distantes, com tradições que lembram os costumes, a poesia, a dança e a cultura deste povo, perpassando gerações e estabelecendo uma continuidade de vivência dos costumes e da

cultura gaúcha.

Os Centros de Tradições Gaúchas (C.T.G.s) funcionam como uma espécie de clube com identidade regional, realizando diversas atividades culturais e sociais, servindo também como um centro de entretenimento e de lazer. A representação de identidade do Rio Grande do Sul é a do gaúcho da Campanha, cavaleiro pilchado troteando pelo campo, cuidando do gado das fazendas. A denominação “gaúcho”, no decorrer da história, foi sendo transferida para todos os habitantes do torrão gaúcho. Ser gaúcho é ser natural do Rio Grande do Sul. Os brasileiros nascidos neste Estado tiveram como referência um passado de vitórias e glórias que influenciaram a constituição de sua identidade. A imagem que se tem do gaúcho era que este, munido de seu cavalo, seria um exemplo de virilidade, bravura e honra na tranqüilidade dos vastos campos.

Oliven (1992) expõe que a raça negra e indígena é pouco valorizada no Estado do Rio Grande do Sul, o que ocasionou uma série de incidentes que fizeram parte da história da cidade de Porto Alegre. Um caso marcante foi o do Grêmio Futebol Clube, um dos mais tradicionais times de futebol, que no início de sua história não aceitava jogadores negros; e, mesmo com as atividades umbandistas e de batuque marcante, persiste certa invisibilidade social e simbólica imposta à etnia negra no Estado.

Segundo Oliven (1992), feitos marcantes influenciaram esta transferência da cultura interiorana para os grandes centros; toma-se como exemplo a entidade, criada em 1898, denominada de Grêmio Gaúcho de Porto Alegre. A entidade tinha como objetivo principal manter a tradição gaúcha do campo, figurando em atividades da atualidade o uso de costumes, jogos e diversões do passado em que os participantes se apresentavam com trajes e utensílios gauchescos. O Partenon Literário foi outra entidade que também demonstrou preocupação com a tradição e a modernidade e procurou expandir a imagem tradicional do gaúcho exaltando seus valores.

Após a fundação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre e do Partenon Literário, surgiram no Estado do Rio Grande do Sul várias outras identidades tradicionalistas em diferentes cidades, tornando ainda mais densa a presença do tradicionalismo nas terras do Sul. Porém, foi em 1948 que ocorreu, na cidade de Porto Alegre, a criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas, cujo nome homenageava o ano da Revolução Farroupilha, designado então de “35 CTG”. Quando da sua fundação, o “35 CTG” contava apenas com a participação de 24 jovens, que, pilchados, se reuniam em um galpão para tomar chimarrão e reproduzir

falas e feitos dos peões das estâncias em volta do fogo-de-chão, a fim de reproduzir o ambiente de uma estância. Quanto a esta caracterização do galpão, segundo Fagundes (1986), quando da colonização na região Sul o tráfego de pessoas era intenso, e a grande mistura de povos que eram caracterizados como migrantes contribuiu para o desenvolvimento de ações que ocasionaram o processo de marginalização na sociedade. Neste mesmo período, a ausência de casas de comércio e hospedagem foi um fator que contribuiu para o advento do “galpão”. Segundo os tradicionalistas o galpão era uma construção rústica que propiciava a acomodação de peões e equipamentos de cunho agropecuário, porém servia também de abrigo seguro a transeuntes. Geralmente, o galpão estava localizado junto à casa grande de uma fazenda e simbolizava a morada de rapazes, necessariamente solteiros, e albergue de viajantes pobres. Mesmo com a rusticidade do local e a circulação de pessoas, existia certo protocolo para se desfrutar da hospitalidade do galpão.

Atribuiu-se ao galpão a característica de clube masculino para as horas de folga; portanto, as moças da casa grande jamais poderiam se juntar ao recinto do galpão. Alheio aos visitantes, no interior do galpão existia o círculo patriarcal que estreitava relações com o chimarrão e colocava os participantes posicionados em círculo, propiciando a prosa; no entanto, este círculo era destinado apenas para parente, compadres e amigos íntimos. Assim sendo, o galpão gerava a interação das pessoas e passou a se caracterizar como um fenômeno social, por causa da gama de relações sociais que foram viabilizadas através daquele ambiente. É fato a presença dinâmica da cultura no Estado do Rio Grande do Sul, e pode-se atribuir ao galpão uma parcela significativa da disseminação da cultura campeira no Estado.

No que tange ao contexto histórico poetizado pelos tradicionalistas gaúchos, verifica-se o intuito destes jovens de reviver os costumes traçados pela tradição dos campos rio-grandenses. Gradativamente, adotaram procedimentos que reproduziam o ambiente de uma estância; por este motivo, a estrutura interna do C.T.G., bem como todas as atividades desenvolvidas, fossem elas culturais, cívicas ou campeiras, receberam nomes com origem nos usos e costumes das estâncias gaúchas. Mesmo com as dificuldades encontradas com a ampliação do grupo e a conseqüente retirada dos integrantes de maior posição social com o intuito de não se misturar com o “povão”, a finalidade a que se propunha o “35 CTG” teve êxito e serviu de modelo para a criação de outros vários C.T.G.s. Assim, uma versão da tradição do Rio Grande do Sul, sua história, lendas, canções, gastronomia e costumes foram exaltados e divulgados através do “35 CTG” e por outros que foram fundados seguindo à risca o seu modelo.

Segundo o Movimento... (2010), em 1954, 35 novos centros de tradições haviam surgido após a criação do “35 CTG”, e em 1948, eles se reuniram visando chegar a um consenso sobre o rumo das entidades. Durante este congresso, um dos fundadores do “35 CTG”, Luiz Carlos Barbosa Lessa, apresentou sua tese intitulada “O sentido e o valor do tradicionalismo”, que passou a ser a tese-matriz do Movimento Tradicionalista Gaúcho. Em decorrência disso, sem saber, o MTG se tornou um dos maiores difusores das Ciências Sociais norte-americanas da década de 40, porque a tese-matriz do tradicionalismo enfatizava a importância da cultura transmitida pela tradição para que a sociedade funcione de forma integrada. O posicionamento do tradicionalismo voltava-se para a importância da cultura que era transmitida através da tradição. Classificam-se os crimes, divórcios, suicídios, adultérios, delinquência e outros fatores que comprometem o convívio social como fatores de desorganização social ocasionados pelo enfraquecimento da cultura transmitida pela tradição. Nesta perspectiva, o tradicionalismo procurava reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, visando principalmente o indivíduo carente de tradição e apoio e, por isso, á mercê do caos dos tempos modernos.

Pelo que consta nos escritos no site do MTG, por conta da dinâmica influência do movimento tradicionalista gaúcho, em 1966, na cidade de Tramandaí (RS), durante o XII Congresso Tradicionalista, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). O MTG passou então a promover ensinamentos sobre o tradicionalismo através da Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho entre a maior parte das entidades tradicionalistas do Estado filiadas a ele. Entre as atividades promovidas pelo MTG está o concurso anual que escolhe a primeira prenda. A expansão do tradicionalismo ocasionou a criação do “Instituto de Tradições e Folclore” em 1954, pelo governo do Estado, que mais tarde, em 1974, passou a denominar-se “Fundação Instituto de Tradições e Folclore”. Por fim, em 1979, foi criada a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, que passou a administrar os assuntos culturais da Secretaria de Educação e Cultura. O titular da Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo era Luiz Carlos Barbosa Lessa, que incentivou as atividades regionalistas e implantou pólos culturais com o objetivo de interiorizar a cultura. O ensino do folclore na disciplina de Estudos Sociais passou a ser obrigatória em todas as escolas estaduais de primeiro e segundo graus do Estado, atendendo a uma lei estadual aprovada em 1988. Em 1989 passou a vigorar outra lei estadual que oficializou a pilcha masculina, composta de bombacha, botas, camisa, colete, lenço e chapéu e a feminina, composta de vestido, saia de armação, bombachinha, meias e sapatos como trage de honra e de uso preferencial no Estado. O tradicionalismo

gaúcho se estende à sociedade civil, como se constata com a criação da Academia de Letras de Escritores de Temas Gauchescos, e também à igreja, no que se refere à missa crioula e outras liturgias inspiradas na cultura gaúcha.

A narrativa demonstra aspectos de um Estado onde o tradicionalismo se faz presente, e aspectos da cultura sul-rio-grandense se caracterizam, por vezes, através do folclore e se manifestam através da identidade do indivíduo. Assim, pode-se perceber que no Estado do Rio Grande do Sul há certa organização ativa na manutenção da cultura tradicionalista que pode influenciar a constituição da identidade dos gaúchos. Considerando que o tradicionalismo gaúcho está apurado no caráter de inúmeros gaúchos, é possível afirmar que, pelos feitos ao longo da história que sempre evocaram a cultura e tradição gaúcha, os nascidos no Estado do Mato Grosso podem ter a personalidade influenciada pelo tradicionalismo gaúcho. Nesta perspectiva toma-se um trecho de uma referência de *Festschrift* que expõe a apatia para com outras culturas que se diferem da própria.

Circunstancias da vida, por diferentes que possam ser, reivindicam a personalidade própria. Neste sentido, percebe-se o universalismo negativo, que expande seu referencial teórico à custa da indiferença para todos os saberes aos quais não se identifica, isto é, apático a outras culturas, histórias e personalidades que não a própria (SIDEKUM; GRÜTZMANN; ARENDT, 2008, p. 319).

Verifica-se que há possibilidade de ser com esta cultura tradicionalista gaúcha arraigada no caráter que alguns gaúchos migraram para o Estado de Mato Grosso, por lá constituíram famílias e hoje têm filhos mato-grossenses.

3.2 A Debandada das Terras do Sul Que Colocou Gaúchos na Situação de Migrantes

É fato o elevado número de pessoas que migram de uma região para outra dentro de um mesmo território em busca de realizações, caracterizando, assim, as migrações internas.

O indivíduo que está fora de sua região de origem se caracteriza como migrante, e, em alguns casos, a diferença cultural é notada quando da interação com outras pessoas. Para uma melhor compreensão de como foi constituído o cenário social no qual estão inseridos os indivíduos em estudo, far-se-á uma breve retrospectiva histórica sobre a história da migração de sulistas para o Estado do Mato Grosso, com o intuito de demonstrar a formação do ambiente que caracterizou os sulistas como migrantes. Partindo do pressuposto de que a

migração é necessária para o desenvolvimento econômico, político, intelectual e também cultural, considera-se importante compreender como ocorreu a constituição da identidade de um grupo de indivíduos que interage em um meio social com cultura diversa à da própria família, desenvolvendo, assim, um conhecimento que possa contribuir para as Ciências Sociais.

É possível, através do processo histórico, definir a década de 70 como o período de maior incidência da migração de gaúchos, paranaenses e catarinenses para o Estado do Mato Grosso e passaram à situação de “migrantes sulistas” durante o processo de colonização do Estado. Apoiando-se no texto de José Vicente Tavares dos Santos intitulado “Matuchos”, do ano de 1993, em embasamento através de conhecimento empírico, por ser a autora uma migrante gaúcha domiciliada no Estado do Mato Grosso, segue o processo de construção do cenário que conta com um grupo de pessoas na situação de filhos de migrantes sulistas e que são analisadas na perspectiva de desenvolver conhecimento através do estudo sobre a constituição da identidade dos mesmos.

Ao final do ano de 1972 foi apresentada a estratégia de ocupação de terras devolutas localizadas ao longo das rodovias federais que estavam sob a responsabilidade do Conselho de Segurança Nacional, terras denominadas como Amazônia Legal. Ao mesmo tempo, o Rio Grande do Sul passava por certa problemática em relação à produção agrícola, refletida no alto preço da terra, clima desfavorável e terras com trechos rochosos, sendo, por vezes, desfavoráveis à agricultura. Com a intenção de habitar a até então inabitada Amazônia Legal e, por outro lado, diminuir o número de minifúndios do Rio Grande do Sul, verificou-se a importância de transferir parte da população rural para outras áreas, com o objetivo de possibilitar a maior exploração da terra por aqueles que ficariam. Na perspectiva de que o colono que partisse vendesse suas terras para o vizinho lindeiro e, assim, possibilitasse a concentração fundiária que propiciaria explorações mais promissoras. Assim, o vazio demográfico da Amazônia seria preenchido e, em contrapartida, diminuiria a tensão social de algumas regiões do Sul do Brasil.

A estratégia para consolidar o plano de ocupação da Amazônia Legal foi concluída ao final de 1972, e a concessão das terras encontrava-se sob a responsabilidade do Conselho de Segurança Nacional. Uma das ações voltadas para a estratégia de ocupação da Amazônia foi uma reunião que o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) fez na cidade de Porto Alegre, com a intenção de recrutar trabalhadores rurais para atuar no

desenvolvimento do projeto de colonização das margens da rodovia Transamazônica. Para atrair maior número de migrantes, pessoas ligadas aos projetos de colonização incentivavam os migrantes que se encontravam no Mato Grosso a escrever mensagens dizendo de sua satisfação com o lugar; depois estas mensagens eram divulgadas via rádio para grande parte da região Sul do Brasil.

Entre os anos de 1972 a 1973 mais de 22 reuniões foram realizadas pela COOPERCOL (Cooperativa de Colonização 31 de Março Ltda.) em diversos lugares da região Sul do Brasil, sempre apoiadas por autoridades, com o propósito de atrair moradores para o Estado do Mato Grosso. Foram 23 projetos privados que promoveram o assentamento de centenas de famílias no período de 1973 a 1979 em uma área de 374.499 alqueires do Estado do Mato Grosso.

A estratégia de ocupação da Amazônia proporcionou atrativos aos sulistas, mas, quando da migração, pouco do que se prometeu foi cumprido. Os principais migrantes que debandaram para o Estado do Mato Grosso na década de 70 eram colonos e, por vezes, se organizavam em grupos para chegar ao destino, destino esse que alguns conheciam somente por fotografias. No início do processo de colonização, a viagem da região Sul do Brasil até o Estado do Mato Grosso era penosa, havendo a necessidade de passar por sacrifícios ao longo do percurso, que podia levar até oito dias de viagem em estrada de chão. Ao chegar ao destino, muitos migrantes sulistas encontraram dificuldades em conseguir moradia e qualquer espécie de assistência. As doenças ocasionadas por mosquitos, como, por exemplo, malária e leishmaniose, eram as mais comuns, porém a situação se agravava ainda mais pela falta de assistência médica. A moradia dos migrantes resumia-se a barracas construídas em clareiras abertas em meio à Floresta Amazônica, sem dispor de qualquer tipo de conforto. A alimentação, no decorrer dos dias, passou a ser garantida com recursos próprios dos migrantes por meio de plantações.

A quantidade de casas de comércio até então disponíveis naquela região era muito pequena, e, para adquirir produtos que não fossem produzidos na lavoura, como medicamentos e outros, havia a necessidade de fazer longas viagens de até 350 Km. A precariedade das condições de vida proporcionada pelos projetos fez com que muitas pessoas retornassem às suas regiões de origem, horrorizadas com as condições subumanas das que lá estavam. Algumas das pessoas que foram recrutadas para o Estado do Mato Grosso, mesmo passando fome, eram convencidas a escrever mensagens à família dizendo que tudo ia bem.

Porém a força do trabalho, no decorrer dos anos, possibilitou recursos e riquezas aos migrantes através do aprimoramento da produção agrícola. O sucesso real da produção agrícola no Estado do Mato Grosso repercutiu, principalmente, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, fazendo com que inúmeros sulistas, juntamente com suas famílias, migrassem especialmente para a região norte do Estado, com o intuito de obter melhor condição financeira. Mesmo diante de inúmeras dificuldades, por falta de recursos e estrutura adequada, os migrantes sulistas foram os principais responsáveis pela fundação de algumas cidades do norte de Mato Grosso. Assim, algumas cidades do norte do Estado do Mato Grosso foram colonizadas por sulistas, e a cidade de Sinop, localizada ao norte do Estado, é uma delas. Tendo sido colonizada por migrantes oriundos do Sul do Brasil, a cidade de Sinop apresenta certas peculiaridades provenientes da cultura gaúcha, como, por exemplo, grande parte da construção civil, gastronomia, bailes gaúchos, uso do chimarrão e, em alguns casos mais dispersos, o uso da pilcha caracterizam a cultura gaúcha de forma mais acentuada que as demais culturas existentes em Sinop.

Esta inserção de sulistas e conseqüentemente da cultura gaúcha dentro do Estado do Mato Grosso gerou um cenário social incomum. Trata-se de um cenário social que pertence ao Estado do Mato Grosso, porém apresenta características de uma cidade do Estado do Rio Grande do Sul, ao que se refere a predominância da cultura gaúcha. É fato o grande número de sulistas na cidade de Sinop, e é fato também que os sulistas são os principais responsáveis pela colonização da cidade. Verifica-se em Elias e Scotson (2000) que é possível a organização de indivíduos seguindo padrões de comportamentos semelhantes norteados pela cultura, como forma de garantir seu posicionamento social.

De acordo com a coesão e organização dos sulistas que moram na cidade de Sinop, ao que se refere ao uso e manutenção de aspectos da cultura gaúcha, há possibilidade de relacionar esta peculiaridade com o estudo desenvolvido por Norbert Elias e John L. Scotson em “Os estabelecidos e os outsiders”. Em algumas cidades de Mato Grosso os estabelecidos são os gaúchos que para lá migraram, e os outsiders os demais migrantes e até mesmo os próprios mato-grossenses que migram dentro do próprio Estado.

Na perspectiva de que os estabelecidos são os sulistas migrantes que se encontram situados em algumas regiões do norte de Mato Grosso, propomos a idéia de que estes desenvolveram, através do convívio, certa coesão e ordem hierárquica de poder e percebem-se como pertencentes a um mesmo grupo. Já os *outsiders* relacionamos como os demais

migrantes e mato-grossenses, por eles terem chegado depois, não se conhecerem entre si e, por isso, não terem coesão como grupo, tampouco usufruírem de posição de poder. Era necessário que os outsiders acatassem as decisões do grupo estabelecido transferidas através do poder que este grupo detinha ou por coação, através da fofoca ou exclusão. Dessa forma a identidade e superioridade do grupo estabelecido eram sustentadas pela ordem hierárquica que possuíam através da coesão do grupo.

Um grupo tem um índice de coesão mais alto do que o outro e essa integração diferencial contribui substancialmente para seu excedente de poder; sua maior coesão permite que esse grupo reserve para seus membros as posições sociais com potencial de poder mais elevado e de outro tipo, o que vem reforçar sua coesão, e excluir dessas posições os membros dos outros grupos – o que constitui, essencialmente, o que pretende dizer ao falar de uma figuração estabelecidos – outsiders (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 22).

Pode-se constatar a possibilidade de certa organização entre os sulistas para a manutenção de um cenário construído fora do Estado de origem, mas que preza pela mesma cultura da terra natal. Segundo Oliven (1992) no ano de 1980 cerca de 900 mil gaúchos encontravam-se estabelecidos fora do Estado do Rio Grande do Sul, e destes migrantes cerca de 50 mil estavam estabelecidos no Estado do Mato Grosso. Assim, considera-se importante verificar como se caracterizam os migrantes gaúchos e demais sulistas que se encontram na situação de migrantes neste Estado.

3.3 A Caracterização dos Migrantes Sulistas

A grande maioria dos migrantes que se desfizeram de residência no Estado do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina e migraram para o Estado de Mato Grosso buscavam melhorias econômicas. Os grandes atrativos, divulgados através de propagandas, de terras com preço acessível e de fácil acesso constituíram o êxito do projeto de colonização da Amazônia, de forma que famílias inteiras deixassem o Estado do Rio Grande do Sul, entre outras regiões, e migrassem para o Mato Grosso. Desde a época da colonização do Estado de Mato Grosso, a cultura tradicional gaúcha foi o principal elo de interação entre gaúchos e demais sulistas.

Porém, algumas pessoas, mesmo condicionadas pelo regionalismo da região Sul, passaram a representar aspectos da cultura gaúcha de uma forma mais acentuada do que

quando residiam na região Sul do Brasil. Pode ter ocorrido entre os migrantes a idéia de que pertencer á cultura gaúcha indicava livre acesso a um grande grupo de pessoas já estabelecidas naquele local. Por conseguinte, a utilização dos costumes e hábitos condicionados pela cultura gaúcha passou a ser o meio de identificação entre os sulistas. Através do regionalismo acentuado, demonstrado através do jeito de falar e outros costumes peculiares da cultura gaúcha, o indivíduo se caracterizava como gaúcho.

Os gaúchos e sulistas foram os colonizadores de algumas cidades da região norte do Estado de Mato Grosso, se tornaram também um grupo culturalmente coeso e, de forma organizada, desenvolveram o tradicionalismo gaúcho na região norte daquele Estado. A cultura gaúcha que é cultuada principalmente na região norte do Estado de Mato Grosso, através dos Centros de Tradições Gaúchas, atrai simpatizantes e, por vezes, ainda nos dias atuais, é possível encontrar um mineiro, cuiabano, nordestino, entre outras etnias, a tomar chimarrão, dançar música gaúcha ou praticar ações peculiares da cultura gaúcha. Os migrantes sulistas que residem no Estado do Mato Grosso exibem grande estima pelo Estado do Rio Grande do Sul, cultuam o tradicionalismo gaúcho e gostam de ser identificados como gaúchos. Muitos dos sulistas que residem no Mato Grosso torcem por um dos times tradicionais do Rio Grande do Sul, Grêmio ou Internacional, e geralmente os filhos destes sulistas que são mato-grossenses torcem pelo mesmo time dos pais.

No entanto, o gaúcho não é percebido da mesma forma em todas as regiões do Estado do Mato Grosso; é importante ressaltar que o exposto refere-se à região Norte do Estado. O Estado do Mato Grosso foi colonizado por diferentes povos, que se encontram condicionados por diferentes culturas. Foi na região Norte a concentração de maior número de sulistas, e é nesta região que a cultura demonstra aspectos mais marcantes da cultura gaúcha. Houve o caso de gaúchos que migraram para outras regiões do Estado do Mato Grosso e o condicionamento cultural gaúcho fez com que eles se tornassem, por vezes, motivo de curiosidade e, em alguns casos, de chacota. Verifica-se que o condicionamento regional é diversificado, porém a forma de falar, o significado das palavras, os costumes funcionam como uma espécie de identificação do indivíduo.

Quando da migração, pequena quantidade de gaúchos negros em comparação com o número de gaúchos brancos migrou para o Mato Grosso; assim, pode-se perceber que a maioria dos migrantes gaúchos que se encontram no Mato Grosso é da raça branca. Seguindo a perspectiva de que os gaúchos e demais sulistas foram os responsáveis pela fundação de

algumas cidades, bem como passaram a integrar o grupo social maior através do pertencimento cultural, em algumas regiões do Estado do Mato Grosso os gaúchos e demais sulistas se encontram numa posição social mais elevada. A posição econômica, em alguns casos, é demonstrada através da aquisição de carros luxuosos, mansões, grandes fazendas e maquinários sofisticados para o trabalho no campo.

No decorrer dos anos, ainda se percebe que a afinidade cultural possibilita a inserção em determinado grupo. Com a organização social dos gaúchos e a criação do Centro de Tradições Gaúchas, houve inúmeras adesões a C.T.G.s por parte de pessoas que simpatizam com a cultura gaúcha e têm interesse em cultivá-la. Os sulistas que residem na região norte do Estado do Mato Grosso podem ser caracterizados como pessoas ligadas a aspectos da cultura gaúcha, mas que vivenciam em seu cotidiano uma mistura de identidades regionais. Residindo em um Estado que não o seu de origem, vivencia uma gama de culturas que se diferenciam da sua, porém persiste em cultivar aspectos de sua cultura de origem. Contudo, se faz importante verificar sobre o processo histórico do Estado de Mato Grosso que contou com a participação de inúmeros sulistas.

4 MATO GROSSO

Neste trecho será apresentado, de forma resumida, o contexto histórico do Mato Grosso para compreender melhor o processo de colonização deste Estado e a inserção dos migrantes sulistas neste espaço. Tal construção ocorreu através de informações obtidas nas obras de Machado (2008), Moreno e Higa (2005), Siqueira (1990) entre outras.

O Estado do Mato Grosso é uma das unidades federativas do Brasil localizada na região Centro-Oeste, ao oeste do Meridiano de Greenwich e ao sul da Linha do Equador. Parte da região norte de seu território é ocupada pela Amazônia Legal, e fazem limite com Mato Grosso os Estados do Amazonas e Pará ao norte, Tocantins e Goiás ao leste, Mato Grosso do Sul ao sul e Rondônia e Bolívia ao oeste. A área territorial do Estado é constituída de 903.357 km², sendo composta por extensas planícies e amplos planaltos; destes, aproximadamente 74% encontram-se abaixo de 600 m de altitude. Em território mato-grossense estão os rios Juruena, Teles Pires, Xingu, Araguaia, Paraguai, Guaporé, Piqueri, São Lourenço, das Mortes e Cuiabá, compondo de forma harmônica o cenário geográfico do Estado. A vegetação predominante no Estado de Mato Grosso consiste em cerrado, Floresta Amazônica e Pantanal. O clima do Estado não apresenta mudanças significativas, predominando o tropical superúmido, com temperatura média de 26° C.

Através do censo demográfico do ano de 2010 é possível verificar que a população do Estado do Mato Grosso é de 2.954.625. O Estado de Mato Grosso é o 19º mais populoso do Brasil. Cuiabá é sua capital e está situada as margens do rio Cuiabá; possui cerca de 550.562 habitantes e, além de centralizar algumas funções públicas administrativas, é também pólo industrial, comercial e de serviços do Estado. Por contar com elevado índice de arborização, Cuiabá também é conhecida como cidade verde. As cidades de Cuiabá, Várzea Grande, Rondonópolis, Barra do Garças, Sinop, Tangará da Serra, Cáceres, Comodoro, Primavera do Leste, Sapezal, Alta Floresta e Sorriso são as mais importantes do Estado.

Anteriormente a colonização o território mato-grossense limitava-se a pregações dos jesuítas espanhóis e pequenas e esporádicas explorações de bandeirantes na floresta para a captura de índios. Porém, em 1748 o Estado do Mato Grosso foi incorporado ao Brasil pelo tratado de Madri. Os bandeirantes paulistas podem ser considerados os principais responsáveis pela colonização do Estado de Mato Grosso. Durante as expedições na busca por índios, os bandeirantes paulistas descobriram ouro e, conseqüentemente, passaram a habitar

aquela região. Com a descoberta do ouro, o Estado passou a receber grande número de exploradores, podendo contar com certo número de habitantes. Logo após passou a ter certa organização populacional, em forma de vila, no espaço onde atualmente está situada a cidade de Cuiabá. O enfraquecimento econômico da extração do minério ocasionou o empobrecimento e isolamento da região. O Marechal Candido Rondon amenizou o isolamento da região através de implantação da navegação a vapor e da abertura de algumas estradas. A implantação de infraestrutura, mesmo sendo mínima, possibilitou a vinda de seringueiros, criadores de gado, exploradores de madeira e da erva-mate.

Porém o desenvolvimento mais acentuado ocorreu na primeira metade do século XIX, com a chegada de pecuaristas e exploradores da erva-mate. Ainda no período colonial, foram desenvolvidos na região vários sistemas produtivos, como, por exemplo, borracha, cana-de-açúcar, erva-mate, poaia, a pecuária e a mineração. A mineração teve destaque nos índices econômicos e foi a principal responsável pelo sustento da maioria dos habitantes da região. No século XX a base econômica do Estado passou a ser a pecuária e a agricultura, e o crescimento econômico foi fortalecido com as exportações de soja. Na sequência, o Estado passou a ser um dos principais produtores e exportadores de soja do Brasil.

Diante do grande desenvolvimento ocorrido na Região Centro-Oeste, em 1977 o general Ernesto Geisel encontrou dificuldade em dar continuidade aos projetos de desenvolvimento do Estado, diante da grande extensão de seu território; assim, no ano de 1977 decretou a divisão do. O Centro-Oeste foi dividido em duas partes, sendo eles Norte e Sul. A região Norte, que era a parte mais pobre e com graves problemas fundiários, passou a denominar-se Estado do Mato Grosso, e a parte Sul, que dispunha de maior número de habitantes e maiores recursos, passou a ser o Estado do Mato Grosso do Sul. O Estado de Mato Grosso superou as dificuldades do início da colonização, e, com o desenvolvimento da agroindústria e incentivos fiscais, inúmeros moradores foram atraídos e fizeram com que a economia estadual crescesse com um ritmo superior à média do país e respondesse por cerca de 41% da produção agrícola nacional. Assim, o processo brusco de migração justifica-se pelo vazio demográfico antes existente naquela região. A grande expansão da ocupação do território mato-grossense integrou inúmeros pioneiros que, através de superação e luta, passaram a fazer parte de um cenário singular de florestas e rios até então praticamente intocados. Porém, tal cenário não tardou em ser modificado, e tais modificações eram justificadas pelo progresso visível que se constatava naquele momento em grande parte do território do recém-criado Estado de Mato Grosso.

A história do Estado do Mato Grosso é composta por inúmeros fatos, datas e acontecimentos, porém é finalidade deste trabalho visualizar os sujeitos que produziram tais acontecimentos através da percepção de sua cultura. No entanto, a exposição que ora se faz do contexto histórico do Estado é concisa e procura demonstrar a conjuntura da interação dos diversos tipos de culturas que passaram a existir em um mesmo local, quando da colonização do Estado, passando a originar uma nova cultura que se faz presente nos dias de hoje, chamada de cultura mato-grossense. Tal estudo propicia a reconstrução de parte da realidade brasileira, que integra uma variedade de povos que produzem peculiaridades culturais de determinada região e que integram através dos costumes guiados pela cultura.

Além da bibliografia informativa sobre a história e geografia do Estado do Mato Grosso, é importante conhecer os costumes. Assim, segundo Hobsbawm e Ranger (1997), o “costume”, nas sociedades ditas tradicionais, não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, porém deve seguir o precedente. É possível verificar que a cultura, principalmente através dos costumes, sempre se encontra em reconstrução. Por meio do presente estudo há possibilidades de perceber, de forma superficial, parte do processo da constituição histórica que originou a cultura mato-grossense. O contexto histórico de Mato Grosso apresenta aspectos da cultura mato-grossense que têm sofrido modificações através dos tempos, por meio das diferenças entre os povos que, quando da interação, demonstram e definem a identidade regional do indivíduo.

A abordagem da identidade regional supõe, no entanto, desvendar as elaborações produzidas por sujeitos sociais que não se constituem em meras ilusões, mas em momentos fundamentais do próprio real. A constância dos discursos regionalistas testemunha a existência de um fenômeno cujo significado provoca o seu conhecimento. À permanente reinvenção deve corresponder a múltiplos processos de determinação, de enleamento do particular no geral. Pela variegada rede de significados responde a inextricável teia da história. No enalço desse dúplice movimento, consideraremos, na feitura da identidade regional, as invenções míticas que asseveram a uniformidade do quadro, rodeadas pelo espetáculo das diferenças (ARRUDA, 1994, p. 51-56 apud CORRÊA, 1999, p. 39).

A diversidade cultural dos indivíduos que fizeram parte do processo de colonização do Estado do Mato Grosso ocasionou uma mistura de costumes norteados pela cultura, e, por meio das peculiaridades culturais diversas, modificadas através dos tempos, teve sua origem a cultura mato-grossense. Para compreender, mesmo que superficialmente, o processo de constituição da cultura mato-grossense é necessário expor os principais povos presentes durante o período em que seu território recebia os primeiros habitantes. Quando os

bandeirantes paulistas adentraram o solo mato-grossense, depararam-se com inúmeras tribos indígenas que se diferenciavam entre si tanto em atributos físicos como culturais. As tribos se faziam diferentes entre si e podiam apresentar estatura agigantada, regular ou pequena, pele branca, amarela, ou negra. As tribos indígenas existentes na região apresentavam cultura diversificada entre os grupos, organizavam-se em aldeias e eram guiadas pelo chefe da tribo.

Às mulheres eram atribuídas funções diversas, como, por exemplo, o plantio e amanho da terra, fabricação de cerâmica, confecção de redes de tucum e, no caso de migrarem a outro local, era tarefa da mulher carregar todos os pertences da família. As famílias das tribos em geral tendiam à monogamia, podendo ocorrer casos de bigamia. A religião dos indivíduos presentes em território mato-grossense quando da época da colonização consistia de feiticeiros e devotos do catolicismo e da astrologia. Alguns aspectos da cultura indígena permanecem na cultura mato-grossense através de costumes que perduraram através do tempo. A literatura do Estado contempla histórias que tiveram origens na cultura dos indígenas que habitavam a região Centro-Oeste, lendas, por exemplo, que explicavam a origem do milho, da mandioca e do homem. Através do contexto histórico de Mato Grosso é possível perceber antigos costumes e fazer comparações com os costumes atuais, verificando as possíveis modificações da cultura e o que se manteve através dos tempos. É nesta perspectiva que se podem verificar as reformulações nos costumes através da cultura.

A modificação dos costumes ocorreu por interferência de outras culturas. Cada qual que migrava para o território de Mato Grosso procurava introduzir no novo espaço a reprodução da cultura regional que possuía. As pessoas que migravam para lá se deparavam com a quase total ausência de conforto e também de cultura devido ao baixo número de moradores naquela região, porém tentavam reproduzir a cultura de suas respectivas regiões em território mato-grossense. Nas palavras de Corrêa encontra-se uma explicação mais abrangente do assunto e da influência da cultura dos bandeirantes em solo mato-grossense.

O ouro de Cuiabá, descoberto inesperadamente, serviu de marco memorável na evolução de São Paulo, cujos moradores se precipitaram para a região fabulosa, em ondas contínuas, que em pouco transfiguraram o arraial sertanejo em vila paulista, com a mesma organização administrativa, os mesmos hábitos e costumes (CORRÊA FILHO, 1969, p. 104).

É possível perceber que os bandeirantes, mesmo sendo em número menor de habitantes em comparação com o número de índios, tiveram influência na constituição da cultura do Estado de Mato Grosso. A cultura da raça negra também se fez presente no período

de colonização. A presença do negro pode ser notada desde as primeiras crônicas que se referiam a Cuiabá. Algumas destas crônicas falam sobre o esforço da raça negra, ainda na condição de escravos, no cumprimento de afazeres necessários para o progresso do núcleo sertanejo do Estado de Mato Grosso. Consta na história de Mato Grosso que ocorreu certo abandono das senzalas, ainda no período de colonização; isso acarretou a formação de pequenos arraiais em meio à mata, constituídos de escravos em fuga, sendo denominado de quilombos. Os quilombos cultivavam grandes plantações de milho, feijão, favas, mandioca, fumo e algodão. Em 6 de julho de 1888 o presidente F. R. Melo Rego recebeu do ministro João Alfredo a comunicação oficial da lei de 13 de maio através do Pacote Coxipó. Os negros que ainda encontravam-se na situação de escravos conseguiram a liberdade e foram substituídos nos trabalhos braçais por assalariados.

A primeira vila de Mato Grosso recebeu o nome de Vila Bela, e, segundo Corrêa Filho (1969), por motivo da ausência de brancos a vila era constituída principalmente por pessoas da raça negra. Ainda na cidade de Cuiabá, quem exercia os ofícios e as artes eram na maioria pessoas da raça negra, mulatos e pardos. Através das ações desenvolvidas em prol de melhorias na qualidade de vida, tornavam-se perceptíveis os anseios destas raças pelo progresso e evidências de uma cultura ligada a tradições religiosas e que perduraram através dos tempos, por meio da cultura mato-grossense.

É possível perceber que a cultura gaúcha também tem parcela de contribuição na constituição da cultura mato-grossense, principalmente na região Norte do Estado. Ainda segundo Corrêa Filho (1969), a derrota dos federalistas gaúchos fez com que rio-grandenses cruzassem a fronteira meridional de Mato Grosso e formassem povoados em território mato-grossense e, com isso, atraíssem maior número de gaúchos, que se organizavam em solo mato-grossense de acordo com os costumes rio-grandenses.

Os garimpos de ouro e diamante abertos no Mato Grosso atraíram para o Estado grande leva de mineiros, goianos, baianos e nordestinos, contribuindo assim para o povoamento da região e a inserção de novas culturas em território mato-grossense. No ano de 1964, com a posse de Castelo Branco como presidente da República, surgiu uma nova política de desenvolvimento da Amazônia. O governo percebeu a necessidade do desenvolvimento da região como forma de assegurar o domínio da extensão de terra denominada Amazônia. Assim, a partir do ano de 1964 os militares passaram a desenvolver seus planos de ocupação e posse da Amazônia. No ano de 1970, projetos de colonização foram desenvolvidos para

preencher o vazio demográfico da Amazônia, resolver problemas de falta de terras acessíveis para trabalhadores rurais e assegurar a segurança deste trecho do território nacional denominado Amazônia.

Diante de problemas de segurança interna, falta de terras propícias ao trabalho rural e da seca do Nordeste, o governo do presidente Médici criou o PIN (Programa de Interação Nacional) com o objetivo principal de implantar projetos de colonização e desenvolvimento da rede rodoviária. O objetivo do PIN era desenvolver a ocupação da Amazônia através da construção das rodovias Transamazônica e Cuiabá-Santarém. Outro projeto de colonização de competência reconhecida no período da colonização foi o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), que tinha como objetivos “[...] promover e executar a reforma agrária e promover, coordenar, controlar e executar a colonização, além de promover o cooperativismo, o associativismo e a eletrificação rural” (PANOSSO NETTO, 2002, p. 26).

Os projetos de maior atuação e investimento no período de colonização da Amazônia foram de competência da SUDAM, PIN e INCRA. Tais órgãos tiveram atuação marcante no desenvolvimento da Região Amazônica, principalmente no período de 1966 a 1970. Até o ano de 1960 a região Norte do Estado de Mato Grosso contava com apenas cinco municípios, sendo eles Barra do Garças, Chapada dos Guimarães, Rosário do Oeste, Diamantino e Aripuanã. As ações e atrativos oferecidos pelo governo mediante projeto de colonização da Amazônia atraíram para o Estado de Mato Grosso empresas de colonização particulares. Segundo Souza (2004), as empresas colonizadoras privadas que atuaram no Estado do Mato Grosso foram SINOP, INDECO e COTRIGUAÇU. As empresas imobiliárias conseguiram grandes áreas devolutas, dividiram-nas em milhares de lotes e posteriormente as venderam, principalmente para os colonos do Sul do Brasil. Segundo Zarth (apud SOUZA, 2004), são denominados colonos “os agricultores que migram para ‘regiões de fronteira’ com os objetivos de conquistar um pedaço de terra e se reproduzir enquanto categoria social”. Neste trabalho conceituam-se como colonos os indivíduos, migrantes ou não, que se propõem o manuseio da terra para fins de produção.

Com base na bibliografia usada, é possível verificar que os projetos de colonização da Amazônia implantados pelo governo se diferenciavam dos projetos desenvolvidos pelas colonizadoras particulares. Assim, há uma diferença perceptível entre os migrantes atraídos pelos projetos do governo e os atraídos através dos projetos das colonizadoras particulares. O governo voltava seu interesse principalmente ao trabalho braçal, objetivando a viabilização da

infraestrutura necessária à valorização do local e seu desenvolvimento; então qualquer pessoa com disposição física para trabalhos braçais poderia ir ao Mato Grosso. As colonizadoras, através do preço dos lotes, faziam uma seleção da posição econômica do migrante, atraindo para a região quem tinha posição econômica favorável, demonstrada através do poder de compra dos lotes, ocasionando a quase homogeneidade da classe econômica dos participantes do projeto.

A colonizadora particular que mais se destacou, ainda no período de colonização, tornando-se a responsável pela fundação de vários municípios no norte de Mato Grosso, foi a colonizadora SINOP (Sociedade Imobiliária do Noroeste do Paraná). A SINOP foi fundada pelo senhor Ênio Pipino. Paulista da cidade de Penápolis, filho de imigrantes italianos, nascido em 12 de junho no ano de 1917, Ênio Pipino, devido à sua trajetória no ramo imobiliário, passou a ser conhecido também como “semeador de cidades”. A vida profissional do senhor Ênio teve início na Estrada de Ferro Sorocaba como telegrafista auxiliar. Após casar-se com dona Nilza de Oliveira Pipino, seu Ênio se tornou empresário do ramo de curtume e posteriormente correspondente comercial do Banco do Brasil; exerceu também a profissão de juiz de paz. No ano de 1945, Ênio Pipino foi nomeado prefeito interventor da cidade de Presidente Venceslau, permanecendo prefeito por um período de dois anos; no ano de 1948, foi eleito prefeito de Presidente Venceslau e quatro anos depois, em 1952, ocupou o cargo de presidente da Câmara Municipal da mesma cidade.

No ano de 1948, Ênio Pipino deu início aos trabalhos da SINOP. A empresa se propunha a preparar os lotes com infraestrutura básica; depois disso eles eram vendidos por um preço superior ao da compra. Assim foram colonizados cerca de 301.774,00 hectares no Estado do Paraná. À procura de novas terras para colonizar e interessado nos programas de governo, Ênio Pipino teve amparo do PIN e, no ano de 1970, passou a investir também no Norte de Mato Grosso. Em 1971 a colonizadora SINOP foi fundada oficialmente no Mato Grosso e, no mesmo ano, recebeu do INCRA o certificado de registro de empresa de colonização particular.

A colonizadora SINOP iniciou um longo e diversificado esforço de divulgação de atrativos, principalmente nas regiões Sul do Brasil, com o intuito de requisitar compradores para os terrenos da área denominada Núcleo Colonial Gleba Celeste, com área inicial com um total de 199.064.896 hectares constituído por 214 lotes. SINOP empregou um marketing que propagandeava o progresso do que até então era mata virgem, veiculado principalmente nos

Estados do Sul do Brasil e em São Paulo. Letreiros de panfletos e catálogos que circulavam na década de 1970 revelam o apelo ao deslumbramento, que pode ser percebido através de alguns exemplos de frases retiradas de panfletos que circulavam no Sul do Brasil.

ONTEM, A MATA VIRGEM. HOJE, O PLANO DE INTEGRAÇÃO EM EXECUÇÃO! AMANHÃ A CIDADE DE SINOP. NINGUÉM SEGURA ESTE PAÍS.

PLANTE EM SEGURANÇA EM TERRA ESPECIAL E LIVRE DE GEADA!

MEU AMIGO, você com seus trabalhos e desejo de FICAR RICO: nós com a terra que lhe oferecemos. Pode estar certo! Em verdade, estamos ajudando-nos mutuamente (PANOSSO NETTO, 2002, p. 42-43).

Os atrativos destacados nos panfletos publicitários que propagandeavam as terras mato-grossenses eram principalmente a ausência de geada, o baixo custo das terras comparadas às terras da região Sul e Sudeste do país, terreno plano e sem erosão, chuvas regulares e, o mais importante, a possibilidade de ficar rico. Com tantas vantagens disponibilizadas na compra de uma terra que tinha custo até dez vezes menor que as terras comercializadas na região Sul e com a ausência de geada e ervas daninhas, o convite da SINOP se tornou irrecusável aos colonos, que na época passavam por dificuldades na agricultura. Segundo Panosso Netto (2002), os anúncios publicitários visavam atingir um público específico.

Mas nem todos estavam sendo convidados a se mudar para a Gleba Celeste. As propagandas visavam atingir um público em específico: o pequeno colono da região Sul. Segundo Ulrich Eberhard Grabert, o nordestino não é muito apegado à prática agrícola e não gosta de “abrir o mato”, trabalho essencial no início da colonização, e deste modo as propagandas não foram veiculadas na região Nordeste (PANOSSO NETTO, 2002, p. 49).

Com o sucesso na venda dos lotes, a SINOP adquiriu outra extensa quantidade de terras, elevando o território da Gleba Celeste e criando o Núcleo Colonial Celeste II. De acordo com Panosso Netto (2002), o projeto de colonização da SINOP, além de vir com propostas a contento dos colonos sul-rio-grandenses principalmente, também tinha um objetivo que vinha ao encontro dos anseios do governo.

De acordo com o projeto de colonização da Gleba Celeste o objetivo geral da colonizadora era criar um programa de ocupação da terra pela “colonização”, que ampliaria a fronteira econômica e agrícola para a Amazônia, integrando o território à economia brasileira (PANOSSO NETTO, 2002, p. 37).

A colonizadora, por sua boa atuação, recebeu do governo do Estado isenção fiscal nos primeiros 15 anos de sua atuação na região Norte do Estado do Mato Grosso. O desconhecimento para a preparação da terra acarretou o fracasso da agricultura durante a década de 1970, ocasionando frustração nas primeiras famílias que iniciaram o plantio na região Norte de Mato Grosso. Como a SINOP não tinha conhecimento da qualidade da terra da região, trouxe de Campinas um grupo de agrônomos que fizeram a análise da terra e orientaram os agricultores quanto às técnicas necessárias para usufruir do solo mato-grossense. Com o período de fracasso na agricultura, os migrantes se voltaram à atividade madeireira, motivada pela abundância de árvores naquela região. Neste período da atividade madeireira em alta a agricultura ficou estagnada, e a indústria madeireira teve destaque na economia. Na década de 1980 havia 140 serrarias instaladas na Gleba Celeste, o que resultava em uma devastação ecológica de grande proporção para a região; por este motivo, a atividade madeireira não era vista como uma forma viável de economia pela SINOP. Mesmo assim, a colonizadora divulgou a madeira como novo atrativo para promover a vinda de novos migrantes. Consta em registros históricos de Mato Grosso que a primeira serraria montada no Estado foi a de propriedade do senhor Luciano Sandri, no ano de 1972; sendo a primeira serraria da Gleba Celeste, teve uma vantagem significativa. Como forma de remunerar a manutenção das vias de acesso, a colonizadora SINOP doou toda a madeira de beira de estrada num raio de 5 a 10 m de cada lado da via a Luciano Sandri. Mesmo diante das dificuldades encontradas pelas famílias migrantes, a extração da madeira era vista como prejudicial à natureza; no entanto era uma opção para a sobrevivência na região. Era visível que a atividade madeireira serviu como opção diante da crise da agricultura na época, transformando colonos em madeireiros.

Com o passar do tempo os migrantes aprenderam como lidar com a terra da região, e, por causa das técnicas empregadas, a produção agrícola tornou-se um negócio lucrativo. Com o sucesso da indústria madeireira e produção agrícola, o Estado passou por um bom período econômico. Assim, sugere-se que principalmente os migrantes sulistas contribuíram para o desenvolvimento econômico do Norte do Estado; por este motivo, ocupavam lugar de destaque nas relações sociais. Aspectos da cultura e tradicionalismo da região Sul passaram a ser reconhecidos e vivenciados em algumas regiões do Estado do Mato Grosso através dos sulistas que ora se encontravam na situação de migrantes naquele Estado. Por conta do grande número de sulistas migrantes em território mato-grossense, a cultura gaúcha pode ser percebida de forma mais acentuada que outras culturas, principalmente na região Norte do

Estado; assim, os hábitos peculiares da cultura gaúcha são comuns naquela região do Estado. A linguagem carregada do sotaque gaúcho ainda se faz presente em algumas regiões do Norte de Mato Grosso. O lambdacismo (pronúncia viciosa que consiste em trocar o r pelo l) e o rotacismo (pronúncia viciosa que consiste em trocar o l pelo r) que se fazem presentes no linguajar do Estado de Mato Grosso podem ser explicados pelas diferentes etnias responsáveis pela colonização. Condicionamentos atuais da fala que se diferenciam de uma região a outra dentro do território mato-grossense podem estar associados à diversidade cultural dos colonizadores.

A cultura mato-grossense foi constituída da união de várias culturas, porém pode-se afirmar que ela constitui basicamente das culturas indígena e paulista, que, juntas, formaram uma peculiaridade que só se encontra na cultura cuiabana e mato-grossense.

Talvez por este motivo a cultura do Estado não é homogênea, variando de acordo com os colonizadores de cada região. A região Norte do Estado de Mato Grosso, colonizada pela imobiliária SINOP, formou-se principalmente de indivíduos oriundos da região Sul do Brasil. A presença da cultura gaúcha entre a maioria das famílias daquela região pode ser percebida por meio de eventos sociais, religião, culinária e outras peculiaridades da cultura tradicional gaúcha, que, por vezes, se tornam mais marcantes que em território gaúcho.

É fato a existência de uma cultura pertinente ao Estado do Mato Grosso, porém esta cultura mato-grossense pode ser percebida com maior intensidade na capital Cuiabá e seus arredores, ou seja, na região Sul do Estado. É fato também que a colonização diversificada da região gerou particularidades de cultura no território de Mato Grosso, onde se pode perceber a continuidade dos costumes da região de acordo com seus colonizadores.

Apresentando de forma resumida aspectos da colonização de Mato Grosso, é possível ampliar a concepção da constituição da identidade de mato-grossenses imbuídos pelo âmbito cultural diversificado. É através da compreensão do indivíduo que se podem entender as ações desenvolvidas no meio social que produzem os feitos históricos e norteiam o caminho da economia, da cultura, da religião e, como consequência, a constituição da identidade de uma região. Ao que se expõe, verifica-se a importância de compreender sobre a formação do grupo social envolvido na presente pesquisa.

4.1 Caracterização da Área Onde Está Localizado o Campo de Estudo: a Cidade de Sinop

Esta parte do trabalho visa informar sobre o contexto histórico da cidade na qual está localizada o local de estudo, o C.T.G. “Estância da Amizade”, objetivando entender a formação do grupo social envolvido no C.T.G.

A cidade de Sinop está localizada no norte do Estado de Mato Grosso. Foi fundada em 14 de setembro de 1974 e emancipada em 17 de dezembro de 1979, e tem uma superfície de 3.942,22 de km². Segundo dados do IBGE de 2010, tem 113.082 habitantes; sua localização geográfica é a 384 m de altitude, 11°50'53" de latitude sul e 50°38'57" de longitude oeste; possui clima tropical, com máximas oscilando entre a máxima de 40° e a mínima de 12°. Sinop destaca-se como o segundo maior produtor de grãos do país; localiza-se a 500 km da capital Cuiabá. Sinop é considerada uma cidade polo na prestação de serviços e no comércio, tem destaque na economia do Estado do Mato Grosso e foi constituída através da colonizadora Sinop.

Segundo Souza (2004), o grupo SINOP foi constituído de seis empresas associadas. O senhor Ênio Pipino era o líder do grupo que tinha como propósito a venda de terras para fins de colonização. A abertura das primeiras picadas em meio à Floresta Amazônica para a implantação da cidade de Sinop ocorreu por meio de uma esteira, no ano de 1972, nas proximidades da BR 163. No ano de 1980 a cidade contava com alguns moradores. Estes migrantes que foram os primeiros moradores da cidade de Sinop serviram de público para receber e ouvir o então presidente da República João Figueiredo. O discurso feito por João Figueiredo para os moradores da cidade de Sinop serviu como uma espécie de aval aos trabalhos da colonizadora Sinop. O presidente também enfatizou a importância dos migrantes e, por fim, disponibilizou a assistência do governo ao território mato-grossense, devido à importância do desenvolvimento da região para o crescimento econômico do Brasil. O governo contribuiu com o processo de colonização, facilitando a vinda de migrantes através da abertura da BR 163 e oferecendo incentivos fiscais a eles.

Por meio de bibliografia da história do Mato Grosso verifica-se que o processo de constituição da cidade de Sinop teve início na década de 1970, durante a presidência do general Emílio G. Médici. Na década de 1970 foram formuladas pelo governo Médici estratégias para resolver problemas sociais do Nordeste e do Sul do Brasil, ocasionadas pelas extensas secas nestas regiões. Assim, de forma estratégica, o governo promoveu a ocupação

da Amazônia abrindo rodovias em meio à majestosa Floresta Amazônica, até então intocada e com suas riquezas naturais integralmente disponíveis. A intenção do governo era atrair mão de obra e, ao mesmo tempo, desencadear o trabalho de construção de uma infraestrutura com o intuito de fixar moradores na região amazônica.

Conforme Erardi (2007), com o objetivo de estabelecer pequenas cidades em meio à Floresta Amazônica, o governo criou pontos de referência para a assistência social e a doação de lotes de terras, sementes e equipamentos, denominando os lotes de pontos de agrovilas; ainda, para promover um apoio mais abrangente aos migrantes, ele também criou o “Projeto Rondon”, que consistia em levar apoio à educação e à saúde dos estabelecidos em meio à Floresta Amazônica.

Com os atrativos oferecidos pelo governo central para atrair habitantes para as então clareiras no meio da selva, grandes empresas nacionais e multinacionais se instalaram na região. Principalmente com a vinda das grandes empresas, alguns pontos da paisagem da Floresta Amazônica foram modificados, devido ao vasto desmatamento para o plantio de pasto. O principal objetivo do governo de atrair pequenos e médios agricultores para a formação de vilas e cidades foi contrariado; porém, o não cumprimento das promessas propostas pelo governo foi o principal motivo do projeto inicial desenvolvido por ele não ter obtido êxito.

Sem obter êxito no projeto inicial de atrair migrantes para a estruturação e formação de vilas e cidades asseguradas pelo apoio do poder público, ainda na década de 1970, o próprio governo resolveu aprimorar seu projeto para a política de ocupação da Amazônia; por meio de empresários que atuavam no ramo imobiliário, empenhou-se em nova tentativa de ocupação da floresta através da formação de vilas e cidades oferecendo novamente atrativos, desta vez incentivos fiscais, financiamentos e obras de infraestrutura.

Surgiu então a Colonizadora Sinop, através de seus proprietários Enio Pipino e João Pedro Moreira de Carvalho, que tinha sua sede na cidade de Maringá, Estado do Paraná, e na época já possuía vasta experiência de colonização.

Ainda segundo Erardi, (2007), a Colonizadora Sinop adquiriu extensa área da Floresta Amazônica que se estendia das margens do rio Teles Pires até os rios Kaiaby e Curupy; esta área de terra, com 645 mil hectares de extensão, adquirida pela colonizadora Sinop, foi denominada de Núcleo Colonial Celeste ou Gleba Celeste,

Esta área de terra foi por ela dividida em fazendas, sítios e chácaras, implantando

posteriormente as cidades de Vera, Cláudia, Santa Carmem, bem como aquela que recebeu como nome a sigla que corresponde à imobiliária, ou seja, Sinop, atraindo para a região milhares de brasileiros que vinham em busca de um futuro melhor, principalmente provenientes da região Sul do Brasil.

A colonizadora iniciou seu processo de colonização por via aérea em 1971. Em 1972, através de uma picada aberta no sentido leste-oeste em meio à mata, pelo topógrafo Ulrich Grabert, foi definida a localização da cidade de Sinop, após montarem acampamento no espaço onde hoje está localizada a agência do Banco do Brasil, situada na avenida principal de Sinop. A colonizadora enviou para a região mais de 300 homens, máquinas e equipamentos para a abertura de áreas urbanas e rurais. Em 1974 aconteceu a fundação oficial de Sinop, que na época recebeu autoridades oficiais do governo para prestigiar o evento. Face ao desenvolvimento acentuado que teve a cidade, ocasionado principalmente pelos migrantes sulistas, que formavam a quase totalidade da população, o presidente Figueiredo e sua comitiva visitaram Sinop em 1980, seis anos depois de sua fundação.

Segundo Souza (2004), a cidade de Sinop foi criada através da frente pioneira em um ponto estratégico do território mato-grossense, visando o controle e a dominação do espaço. Além da localização de destaque e da importância geoeconômica e social na região, Sinop também passou a desempenhar um papel de centro comercial através de sua estrutura produtiva. É em território sinopense que se encontra o maior parque madeireiro do Estado. Sinop também dispõe de ampla estrutura de comércio e prestação de serviços, tendo destaque ainda na educação, principalmente no que se refere ao ensino superior. Em apenas dez anos de existência, Sinop elevou-se à posição de cidade, passando a contar com telefone, rádio FM e agência bancária.

Na perspectiva de maior desenvolvimento daquela região, ainda em 1976, sob a responsabilidade do nono BEC (Batalhão de Engenharia de Construção do Exército), com sede em Cuiabá, e do oitavo BEC, sediado em Santarém, foi inaugurada, após cinco anos de trabalho em meio à mata fechada, a BR 163, com 1.777 km de extensão, dos quais 760 km estão localizados em território mato-grossense. Esta rodovia, também denominada de Cuiabá-Santarém, facilitou a ocupação de grande parte da região amazônica, sobretudo por parte dos migrantes provenientes da região Sul, que vinham com as famílias e mudanças trazidas em caminhões e carretas, levando em média de 30 a 60 dias de viagem para chegar ao destino.



Fotografia 1– BR 163 – Cuiabá/Santarém, quando estava sendo aberta nas proximidades de Sinop – 1972/73
 Fonte: Sinop (1973)

Com a abertura desta rodovia se instalaram na região empresários, agricultores e comerciantes; com isso, extensas áreas de terras começaram a ser abertas para a implantação de projetos de assentamento para amenizar as precárias condições de vida dos migrantes, que residiam em clareiras abertas em meio à Floresta Amazônica em pequenos barracos feitos de lona ou de madeira.

O longo período de chuva e o grande tráfego de carretas, caminhões e até mesmo carros deixaram a rodovia intransitável e isolaram a região dos demais estados, ocasionando a falta de alimentos e combustíveis no início de 1980 e dificultando ainda mais a vida dos migrantes.



Fotografia 2 – Vista aérea de Sinop
 Fonte: Sinop (1980)

Por causa disso, o governo federal interveio promovendo uma ação de socorro à população por via aérea através de aviões da FAB (Força Aérea Brasileira), que pousaram no antigo aeroporto de Sinop, com produtos de primeira necessidade para atender os migrantes.

Somente em 1985, com o asfaltamento da BR 163, houve um acentuado progresso das cidades situadas a suas margens, sendo Sinop uma delas; com o asfaltamento da BR a vinda de migrantes para a cidade de Sinop aumentou consideravelmente.

Com a preocupação dos migrantes com o estudo dos filhos, em 1973 foi construída a

primeira sala de aula da cidade, e no dia 5 de setembro de 1973 as aulas tiveram início com alunos frequentando classes de primeira a quarta série; no mesmo ano a primeira escola de Sinop foi oficialmente criada, recebendo o nome de Escola Nilza de Oliveira Pipino. Em 19 de outubro de 1973 nasceu a primeira criança em Sinop, e em 1977 iniciaram as aulas para a primeira turma de educação infantil na escola Nilza de Oliveira Pipino, atendendo principalmente os filhos de migrantes sulistas, crianças sinopenses, mato-grossenses.

O aspecto marcante de Sinop é a presença de migrantes oriundos da região Sul do Brasil que estabeleceram suas moradias e constituíram suas famílias nesta cidade, continuando a cultivar dentro do Estado do Mato Grosso aspectos da cultura trazida do Estado do Rio Grande do Sul. Nas palavras de Souza (2004), encontra-se uma possível explicação sobre da proximidade da cultura entre os migrantes que passaram a residir em Sinop:

A frente de expansão que a partir da década de setenta começou a se instalar no Norte de Mato Grosso foi caracterizada principalmente através de projetos de colonizadoras particulares. Os projetos viabilizaram a vinda de migrantes dos lugares onde atuavam as colonizadoras, constituindo, assim, grupos sociais oriundos de regiões próximas e que, por este motivo, apresentavam semelhanças marcantes em aspectos culturais da cultura de origem (SOUZA, 2004, p. 36).



Fotografia 3 - Vista aérea da cidade de Sinop em 2010

Fonte: Sinop (2010)

A maioria dos migrantes que constituíram a cidade de Sinop era oriunda da região Sul do Estado. Após três anos da fundação da cidade, em 1977,

foi criado o primeiro Centro de Tradições

Gaúchas dela, sendo que foi denominado CTG “Portal da Amazônia”. Com o passar dos anos, grande número de sulistas passaram a fazer parte deste C.T.G., porém, o objetivo de manter o tradicionalismo gaúcho através das atividades realizadas pelo clube não foi cumprido. Assim,

um grupo de migrantes gaúchos resolveram fundar um novo Centro de Tradições Gaúchas, que foi chamado “Estância da Amizade” e passou a ter atuação no movimento tradicionalista gaúcho em Sinop.

4.2 Primeiro Centro de Tradições Gaúchas da Cidade de Sinop

Para apresentar o C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop será exposta parte da história que ocasionou a sua fundação e o caminho que norteou o desenvolvimento de suas atividades.

Segundo estudo realizado por Erardi (2007), a vida social de Sinop nos primeiros tempos se restringia às festas realizadas na igreja Santo Antônio, a encontros em um bar da cidade ou em um restaurante e também a rodadas de chimarrão ao entardecer.

Porém, em 1977, os pioneiros Plínio Calegaro, Mauri Weirich, Dirceu de César, Alcides Schimidel, Paulo Cardoso de Andrade e outros resolveram fundar o primeiro clube social da cidade, devido ao fato de a maioria dos habitantes da cidade serem originários da região Sul do Brasil, onde a tradição gaúcha é marcante; o recém clube recebeu o nome de Centro de Tradições Gaúchas Portal da Amazônia, com sede em um terreno doado pela Colonizadora Sinop, em um barracão de madeira, e foi solenemente fundado em 11 de novembro de 1977.

O CTG Portal da Amazônia marcou a vida social da cidade de Sinop por vários anos, com a realização de eventos. Após o aumento considerável de sócios e o não cumprimento dos objetivos, que eram de manter o tradicionalismo gaúcho através de atividades desenvolvidas pelo clube, em 1991 o estatuto do clube foi alterado e ele deixou de ser um C.T.G. e passou a ser chamado de Amazônia Clube. Porém, no mesmo ano em que o CTG deixou de existir, outro grupo de sinopenses, originários do Rio Grande do Sul e liderados por Viro Ludwig, Gaspar Brustolon e Celso Bouffleur, com o objetivo de manter os valores e a tradição gaúcha na cidade, fundou o Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade”.

5 A CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADE ATRAVÉS DA MANUTENÇÃO DE ASPECTOS CULTURAIS PROMOVIDOS PELO DO C.T.G. “ESTÂNCIA DA AMIZADE”

Este capítulo expõe os temas abordados durante as conversas, entrevistas semiestruturadas e observação realizada durante o trabalho de campo. Faz-se necessário conhecer o ambiente onde foi realizada a pesquisa, para compreender fatores que promovem o entendimento da continuidade da cultura gaúcha por parte dos mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas. Assim, apresenta-se o C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop através do processo histórico de sua fundação e os dos fins que justificam os meios adotados para sua atuação. Depois disso, será descrita a interação social dos integrantes do C.T.G. e os comportamentos e posicionamentos destes integrantes. Por fim, o capítulo apresenta ações e valores que promovem a compreensão da continuidade de aspectos da cultura gaúcha através de jovens mato-grossenses que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”. O C.T.G. “Estância da Amizade” foi considerado propício à realização do estudo por ser um espaço social, entre outros, que promove constante interação de jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas residentes em Sinop.

5.1 Como Surgiu o Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade”

Com base no diálogo com os associados mais antigos do C.T.G. “Estância da Amizade”, é possível afirmar que o principal idealizador do C. T. G. “Estância da Amizade” foi o senhor Viro Ludwig. O senhor Viro Ludwig natural da cidade de Santo Cristo, no Estado do Rio Grande do Sul, e morador de Sinop há 31 anos.

Por meio de entrevista, esclarece aspectos da história do C. T. G. “Estância da Amizade” relatando fatos de sua vivência e que a fundação do C.T.G. “Estância da Amizade” foi motivada pelo descontentamento com a atuação do C.T.G. Portal da Amazônia, que não estava desenvolvendo de forma satisfatória atividades voltadas à tradição gaúcha.



Fotografia 4 - Construção do C.T.G. "Estância da Amizade"
Fonte: Centro de Tradições Gaúchas "Estância da Amizade" (1991)

A preocupação maior era que o C.T.G. Portal da Amazônia havia se transformado em um clube social da cidade sem fim tradicionalista e, por este motivo, não era mais um C.T.G., apenas mantinha o nome. O exposto ocorreu pelo C.T.G. ser o único local com espaço apropriado para celebrações.



Fotografia 5 - Construção do C.T.G. "Estância da Amizade"
Fonte: Centro de Tradições Gaúchas "Estância da Amizade" (1991)

Assim no decorrer de sua existência esse C.T.G. passou a atender as necessidades festivas da cidade, porém o cumprimento das reais funções de um C.T.G. referentes ao tradicionalismo caiu no esquecimento.

Segundo relato do principal fundador do C.T.G. "Estância da Amizade", senhor Viro Ludwig, já em meados do ano de 1990 o CTG Portal da Amazônia não realizava mais atividades ligadas ao tradicionalismo gaúcho. Assim, os sinopenses que possuíam interesse em participar de eventos sociais ligados ao tradicionalismo gaúcho se deslocavam até o C.T.G. "Recordando os Pagos", da cidade de Sorriso (MT), a cerca de 80 km de distância de

Sinop. Em um destes eventos sociais ligados ao tradicionalismo gaúcho que acontecia no C.T.G. de Sorriso se faziam presentes os moradores de Sinop Gaspar Brustolon, Celso Boufler, Viro Ludwig e Osório Flaviano Finger, todos acompanhados de suas esposas. Durante o evento, seu Viro expôs para os amigos e para sua esposa a idéia de fundar um novo C.T.G. em Sinop. Os amigos e também a sua esposa gostaram da idéia e se prontificaram em apoiá-lo. Assistido pelo grupo de amigos e por sua esposa, durante os dias seguintes do ano de 1991 o senhor Viro Ludwig passou a tratar da parte burocrática necessária para a fundação de um novo C.T.G. em Sinop. Durante esse período, a ideia foi expandida a outras pessoas, que passaram a apoiar e a participar dos trabalhos de fundação do novo C.T.G., que levaria o nome de C.T.G. “Estância da Amizade”.



Fonte: Registrada pela autora (2010)

Com base nos trabalhos do grupo de amigos, a ideia ganhou a forma de projeto, e o senhor Viro entregou à colonizadora Sinop o projeto de construção e funcionamento do C.T.G. e uma carta que expunha o real interesse do novo Centro de Tradições Gaúchas. A carta entregue ao senhor Enio explicava o interesse em fundar um Centro de Tradições Gaúchas que cultivasse a

tradição gaúcha através da valorização da família, criando um ambiente familiar, um ambiente de respeito, onde a educação e os bons costumes se tornassem comuns e prazerosos, de forma a inculcar boas maneiras e um comportamento social adequado. Seu Ênio Pipino, principal responsável pela colonizadora Sinop, demonstrou interesse pela idéia apresentada na carta, sobretudo pelo objetivo de valorização da família, porém explicou que a colonizadora Sinop já havia doado um terreno para a construção de um C.T.G.

Segundo o senhor Ênio Pipino, constava nos registros da colonizadora Sinop a doação de um terreno de 15.000 m² para a construção de um Centro e Tradições Gaúchas. Então o senhor Viro Ludwig explicou pessoalmente ao senhor Ênio que naquele espaço não funcionava mais um Centro de Tradições Gaúchas, mas sim um clube social. O Centro de Tradições Gaúchas Portal da Amazônia era o único clube da cidade que possuía espaço amplo para atender a cidade em eventos sociais. Passou a atender a sociedade de Sinop na realização de eventos, desempenhando assim o papel de clube social e não de C.T.G.

O C.T.G. “Estância da Amizade” foi fundado em Sinop no dia 1º de março de 1991, e o empenho a aquisição de um terreno junto à Colonizadora Sinop para a construção da sede teve continuidade. Na intenção de demonstrar que o Centro de Tradições Gaúchas também é um clube, mas com atividades voltadas às tradições gaúchas foi encaminhado à colonizadora o estatuto do C.T.G. e a ele foi anexada uma proposta de reversão de direito de posse. A proposta de reversão tinha como finalidade o cumprimento do estatuto; caso este não fosse cumprido, o terreno doado pela colonizadora Sinop seria requerido pela mesma de forma legal. Na sequência do empenho do grupo de amigos liderados pelo senhor Viro, a Colonizadora Sinop, através da pessoa do senhor Ênio Pipino, doou um terreno para a construção da sede do C.T.G. “Estância da Amizade” no ano de 1993. São considerados fundadores dele o senhor Viro Ludwig, natural de Santo Cristo (RS), Ozório Flaviano Finger, natural de Roque Gonzales (RS), Vilmar Mattes Finger, natural de São Paulo das Missões (RS), Romaldo Gauer, natural de Santa Rosa (RS), Gaspar Miguel Brustolon, natural de Chapecó (SC), e suas respectivas esposas.

Mesmo no período em que não possuía sede própria, o C.T.G. “Estância da Amizade” realizou várias atividades voltadas às tradições gaúchas. Nas palavras de Erardi (2007, p. 175): “O Centro de Tradições Gaúchas, além de participar de movimentos tradicionalistas na região, também passou a ter participação marcante no movimento tradicionalista do Estado de Mato Grosso”.

Entre as primeiras atividades desenvolvidas por ele está à organização de um grupo de dança tradicionalista gaúcha, que, logo após sua formação no ano de 1993, contava com sete pares de prendas e peões. Outra atividade marcante do C.T.G. nos primeiros tempos de fundação foi a veiculação de dois programas de rádio, que eram transmitidos pela rádio Gaspar à cidade de Sinop aos domingos e se chamavam “Gaudereando pelos Pagos” e “Rodeio dos Guapos”.

Para se ter uma idéia da atuação do Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade”, segue de forma resumida o estatuto norteador de suas atividades.

5.2 O Estatuto do C.T.G. “Estância da Amizade”

O estatuto é resumido aqui visando a compreensão das ações e objetivos desenvolvidos pela diretoria e demais associados.

O C.T.G. “Estância da Amizade” afirma, em seu estatuto, que tem como objetivo cultivar e reviver as tradições rio-grandenses embasando-se no processo histórico e na valorização da família. É intenção cultivar a tradição rio-grandense e repassá-la à nova geração de migrantes sulistas à sociedade sinopense por meio de atividades de cunho tradicionalista gaúcho (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

Ele se caracteriza como uma sociedade tradicionalista, constituída por número ilimitado de sócios e com prazo indeterminado de duração. O estatuto embasa as possibilidades e finalidades que se relacionam à sua atuação. Através dele verifica-se que a denominação oficial da sociedade tradicionalista constituída na cidade de Sinop serão as letras C.T.G. e “Estância da Amizade”, por extenso e entre aspas. O estatuto possui registro no cartório extrajudicial do 1º ofício da comarca de Sinop (MT), está em vigor desde a fundação do C.T.G. e tem como data da última alteração o dia 14 de março de 1993, que foi realizada pelos sócios fundadores. O estatuto constitui um sistema de determinações e finalidades como meio de garantir a organização entre os associados e suas ações. Assim, segue de forma resumida o conteúdo dele (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

Denomina-se Centro de Tradições Gaúchas Estância da Amizade uma sociedade

tradicionalista constituída de número ilimitado de sócios fundada no Estado de Mato Grosso, cidade de Sinop, em 1º de março de 1991. Trata-se de uma sociedade civil sem fins lucrativos, tendo como representante diretoria eleita em assembléia entre os associados. Tem como sede a comarca de Sinop (MT). Suas atividades consistem do cultivo da tradição gaúcha, que tem como diretriz o Movimento Tradicionalista Gaúcho do Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

Sua finalidade é cultivar e reviver as tradições do Rio Grande do Sul, de acordo com o passado histórico. Objetiva a elevação da moral e do nível cultural dos indivíduos; organização de museu e biblioteca tradicionalista; promover o intercâmbio cultural com os demais Centros de Tradições Gaúchas e oferecer apoio às instituições culturais visando preservar as tradições do Rio Grande do Sul; ter como datas comemorativas o aniversário do C.T.G. e as datas cívicas do Rio Grande do Sul; apoiar campanhas sociais que tenham como finalidade a preservação dos bons costumes e da família. São vetadas manifestações político-partidárias, raciais e religiosas. Estão vetadas também quaisquer espécie de manifestações que não estejam previstas no regulamento do Movimento Tradicionalista Gaúcho (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

O C.T.G. “Estância da Amizade” congrega seus sócios nas categorias de sócios fundadores, sócios pós-fundadores e sócios visitantes, além de sócios efetivos, remidos e juvenis. O estatuto do C.T.G. aborda a necessidade de aptidões morais indispensáveis por parte do indivíduo que deseja ingressar no quadro social do grupo. Trata-se de aptidões morais como, por exemplo, idoneidade, boa conduta cível, não ter condenações da justiça no que se refere à moral e aos bons costumes, devendo o mesmo estar ciente do seu comprometimento com os regulamentos do C.T.G. O candidato a sócio deverá apresentar uma proposta de participação, e ser abonada por três associados que estiverem em dia com a tesouraria. É considerado dever do sócio a participação em no mínimo 1/3 dos eventos realizados durante o ano pelo C.T.G. O participante e seus dependentes deverão estar usando traje gaúcho (pilcha) em todos os eventos realizados pelo Centro, seja nos eventos internos, como, por exemplo, reuniões, ou de caráter festivo, cívico ou cultural. Estipula-se como dever dos sócios cumprir o estatuto e seus regulamentos, comparecer às assembléias gerais, pagar em dia as mensalidades, zelar pelo patrimônio moral e material do C.T.G., indenizá-lo caso cause prejuízo ao mesmo, estar disposto a assumir cargos que porventura lhe forem atribuídos. O sócio deve ainda comparecer as reuniões e apresentar na portaria do C.T.G. sua carteirinha de sócio quando for solicitado. Caso for excluído da posição de associado, é seu dever devolver sua carteirinha de sócio à diretoria do C.T.G. O sócio que atrasar o pagamento

das mensalidades por mais de 180 dias estará sujeito a ser excluído do quadro social do C.T.G. Caso o sócio deixe de participar em mais de três assembleias gerais ordinárias, perderá seu direito de voto, e só retomará o direito de voto após participar nas duas próximas assembleias gerais ordinárias ou extraordinárias (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

De acordo com o estatuto do C.T.G. “Estância da Amizade”, é direito dos sócios frequentarem os eventos sociais realizados pelo C.T.G. acompanhados de seus familiares. O sócio deve justificar por escrito sua ausência caso esta seja superior a dois terços dos eventos sociais realizados pelo C.T.G. Tem ainda o direito de assistir às assembleias, votar e ser votado, desde que não esteja em débito com a diretoria. É direito dos sócios e diretoria, utilizar as dependências do Centro para a realização de comemorações familiares, desde que estas comemorações não sejam alheias ao cultivo das tradições gaúchas e que o solicitante esteja em dia com suas obrigações financeiras junto à tesouraria do C.T.G. Caso o sócio necessite se ausentar do município por período superior a 30 dias, deverá requerer licença e estará sujeito a obrigações sociais que lhe forem estipuladas. O sócio terá direito de recorrer verbalmente ou por escrito das penalidades estatutárias que porventura lhe foram aplicadas. Poderá pedir demissão do quadro social desde que esteja em dia com a tesouraria. O estatuto considera como familiares a esposa, filhas solteiras e filhos menores de 18 anos e demais dependentes que habitam sob o mesmo teto (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

O estatuto do C.T.G. apresenta como penalidades a advertência verbal ou escrita, suspensão e a exclusão. As advertências por escrito serão aplicadas às infrações consideradas leves, como, por exemplo, a desobediência ao regimento interno. Serão suspensos os sócios que deixarem de cumprir as disposições estatutárias e não acatarem as deliberações do C.T.G.; praticarem atos de desonra, desordem, conflitos em bailes, festas e reuniões e quaisquer locais de interação social; estarem sendo processados pela justiça por delitos que comprometem a moral e os bons costumes sociais; Receberem advertência pela diretoria do clube pela terceira vez por escrito; O período de suspensão será estipulado conforme a gravidade da falta. A pena de exclusão será aplicada aos sócios que deixarem de cumprir com seus deveres de sócios, especificados no estatuto (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

Têm competência para decisões e ações do clube a assembleia geral dos associados, a

diretoria executiva, o conselho fiscal e o conselho tutelar. A assembléia geral tem poderes de deliberações, sendo realizada anualmente no mês de março em um dia de domingo, por meio de convocação do presidente para tratar de assuntos e decisões pertinentes ao andamento do C.T.G. Ela será presidida pelo presidente da Diretoria Executiva ou pelo vice-presidente. O teor da assembléia será registrado em ata e as decisões, obtidas através do voto aberto. O convite para a participação na assembleia será feito com, no mínimo, cinco dias de antecedência e veiculado através dos órgãos de comunicação (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

A primeira diretoria executiva do C.T.G. “Estância da Amizade” teve mandato de dois anos; é previsto no estatuto que as próximas diretorias atuarão por um período de um ano. Os membros da diretoria executiva serão chamados conforme linguajar gauchesco. Ou seja,

Presidente: Patrão

Vice-Presidente: Capataz Geral;

Secretários: 1º e 2º Capatazes;

Tesoureiros: 1º e 2º Capatazes;

Diretores Sociais: 1º e 2º Posteiros Sociais;

Diretores de Patrimônio: 1º e 2º Agregado das Pilchas;

Orador Oficial: Xiru das Falas;

Diretor da Invernada Campeira: Capataz;

Diretor da Invernada Artística: Posteiro Artístico;

Diretor da Invernada Cultural: Posteiro Cultural;

Consultor Jurídico: Agregado das Leis;

Diretores de Outros Departamentos: Posteiros.

O conselho Fiscal ou Conselho dos Vaqueanos é o órgão responsável pela fiscalização do C.T.G., sendo eleito pela Diretoria Executiva e composto por três membros efetivos e três suplentes. É de responsabilidade do conselho interpellar em qualquer tempo a Diretoria Executiva por motivos de irregularidades ou faltas; examinar a escrituração contábil da Diretoria Executiva, apresentando parecer por escrito; substituir a Diretoria Executiva caso houver necessidade.

Os cargos do Conselho Tutelar serão preenchidos por ex-presidentes que tiveram desempenho satisfatório durante sua atuação. Compete ao Conselho Tutelar o poder de destituição e formação de Diretoria Executiva e Conselho Fiscal para fins de organização ou reorganização para o bom andamento do C.T.G. É responsabilidade do C.T.G. organizar museu e biblioteca com material de valor histórico e objetos raros que estejam inseridos no contexto histórico regionalista do Rio Grande do Sul (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

São considerados patrimônio do C.T.G. “Estância da Amizade” os bens adquiridos através de compra ou doação, as mensalidades recebidas, receitas provenientes de eventos sociais realizados pelo clube, rendas eventuais, benefícios fiscais. O registro de patrimônio é feito em livros que têm esta serventia (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

O símbolo do C.T.G. “Estância da Amizade” é uma bandeira com as cores azul, amarela e verde. A bandeira tem estampa igual à bandeira do Rio Grande do Sul e as cores idênticas à bandeira do Estado do Mato Grosso. Ao centro da bandeira encontra-se um brasão que contém o contorno do mapa do Mato Grosso na parte externa do desenho e na parte interna o contorno do mapa do Rio Grande do Sul, e dentro destes dois contornos de mapa o desenho de vegetação e de uma porteira. Na bandeira constam a inscrição C.T.G. “Estância da Amizade” e a figura de dois gaúchos: uma a pé outro a cavalo; o gaúcho que está a pé segura com a mão esquerda uma cuia na qual está desenhado um sol. O C.T.G. “Estância da Amizade” tem como lema a frase “Longe dos pagos, cultuamos as tradições” (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

O não cumprimento das finalidades do C.T.G. “Estância da Amizade” implicará a supressão do mesmo; neste caso, os bens adquiridos através de doação retornarão a seus doadores e os bens que foram comprados serão doados a instituições do tradicionalismo gaúcho e mato-grossense. Nas fichas de inscrições para a adesão ao C.T.G. “Estância da Amizade” é possível verificar apenas nomes de solicitantes masculinos, e, mesmo que o solicitante seja casado, a ficha não contempla espaço para o nome da esposa (CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”, 1991).

Com base em Golin (1987), este fato pode ser explicado pela presença do machismo e opressão no “mundo tradicionalista”. Segundo o autor, no “mundo tradicionalista” as mulheres do Rio Grande do Sul são chamadas de prendas, no sentido da palavra nota-se a

diminuição da mulher. No contexto tradicionalista, a mulher é apenas um componente reprodutor, uma espécie de acessório. Considerando que a participação da mulher na estância é bastante reduzida, o tradicionalismo reproduz nos centros urbanos o cenário de estância, fazendo com que a mulher permaneça numa posição nula ou secundária.

O objetivo da ficha de adesão é guardar os dados pessoais do solicitante, número e nome de dependentes, função e cargo que desempenha profissionalmente. É necessário que o solicitante assine um termo especificando que possui ciência sobre o estatuto e o dever de cumpri-lo. Também são necessárias a especificação do nome de três sócios que abonam a filiação do solicitante e o parecer da diretoria em resposta à solicitação de adesão.

Através das fichas de inscrição dos primeiros sócios do C.T.G. “Estância da Amizade” é possível verificar que o número de associados nos primeiros meses após sua fundação era de 75 famílias. Deste total, 31 dos nomes masculinos que constam nessas fichas possuíam naturalidade no Estado do Rio Grande do Sul, 14 declararam ser naturais do Estado de Santa Catarina, oito do Estado do Paraná, um do Mato Grosso do Sul e um da Bahia. Durante a existência do C.T.G. as fichas de adesão foram modificadas. Com as modificações foi extinto o campo sobre a naturalidade do solicitante e, por este motivo, não foi possível verificar a naturalidade de 12 dos associados. Mas mesmo nas novas fichas não há espaço reservado para o nome da esposa, seja o solicitante casado ou não. Nas fichas que foram analisadas, não foi encontrado nenhum registro de inscrição solicitada por mulher.

Nos dias atuais, o C.T.G. “Estância da Amizade” possui um total de 140 sócios que participam das atividades desenvolvidas por ele.

5.3 Grupos de Dança Tradicionalista Gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade”

Hoje o C.T.G. “Estância da Amizade” dispõe de dois grupos de dança tradicionalista gaúcha, o grupo de dança juvenil, que conta com 16 jovens, e o grupo de dança adulto, que tem 16 adultos. O grupo de dança tradicionalista gaúcho juvenil e adulto tem papel importante na interação social entre os associados e na adesão de novos associados.

As aulas de dança tradicionalista gaúcha do C.T.G. são realizadas no período noturno, nas dependências do próprio Centro. Um professor de dança é pago para ministrar as aulas, que acontecem em dias alternados da semana; em dois dos dias da semana são realizadas

aulas para os adultos e nos outros dois dias são dadas as aulas para os jovens. Durante a aula o professor de dança utiliza caixa de som amplificada para reproduzir o som de músicas gauchescas e um microfone para dar as instruções.

Para participar das aulas de dança, o professor solicita aos alunos que usem a pilcha. Como o calor do Estado é intenso, alguns dos alunos substituem a camisa e o lenço por camisetas, as alunas utilizam saia rodada com armação, igual ao vestido de prenda, e camiseta, porém o uso das botas pelos peões e das sapatilhas pelas prendas é obrigatório nas aulas. A camiseta que os alunos geralmente escolhem para usar durante as aulas é aquela que corresponde ao time pelo qual torcem, predominando as camisetas dos times “Internacional de Porto Alegre” e “Grêmio Futebol Clube”. Quando questionados sobre a escolha do time, grande parte dos alunos do C.T.G. diz que houve influência da família nessa escolha. O C.T.G. “Estância da Amizade” está localizado a uma distância considerável do centro de Sinop; por este motivo, a maioria dos pais leva seus filhos para que os mesmos participem das aulas de dança nas dependências do C.T.G. . Durante as aulas, os pais permanecem no C.T.G. acomodados em cadeiras que ficam perto da pista do salão onde são realizadas as aulas. É possível verificar que através das aulas dos jovens acontece uma maior proximidade entre os sócios que são pais de jovens que participam do grupo de dança e que, por motivo da aula, se encontram com outros pais que também levam seus filhos e ali permanecem até o término dela.

Os alunos do grupo de dança juvenil são divididos em pares de acordo com a sugestão do professor. Alguns dos alunos demonstram descontentamento com o par sugerido, porém acatam a decisão do professor.

As aulas de dança ocorrem em dois dias na semana. A maioria dos adultos que participam da aula de dança forma par com o conjugue ou são casais de namorados. Há alunos que não são casados e não namoram colegas do grupo, e, por este motivo, contam com a decisão do professor sobre com quem formar par.



Fotografia 7 - Grupo de dança tradicional gaúcho adulto do C.T.G. Estância da Amizade
Fonte: Centro de Tradições Gaúchas “Estância da Amizade” (2010)

5.4 A Interação dos Sócios do C.T.G. “Estância da Amizade” Proporcionada pelos Grupos de Dança e a Caracterização dos Jovens

Durante os dias da semana em que são realizadas as aulas de dança tradicionalista gaúcha nas dependências do C.T.G. “Estância da Amizade”, percebe-se em seu interior a interação de famílias envolvidas no grupo de dança. Principalmente nos dias em que ocorrem as aulas do grupo de dança juvenil, a interação pode ser percebida com maior intensidade. Através das conversas, da proximidade em que os familiares se sentam para assistir às aulas, por demonstrarem afinidades na formação de opiniões e também por se conhecerem entre si há bastante tempo, a interação acontece de forma harmônica. O chimarrão está presente na maioria das vezes, e as cuias que são protagonistas das rodadas de chimarrão no C.T.G. durante as aulas de dança geralmente têm o emblema do Internacional ou do Grêmio. Pode-se perceber que os sócios do C.T.G. que têm seus filhos participando das aulas de dança se situam em um nível social e econômico parecido, sendo em sua maioria empresários de Sinop.

As reuniões da diretoria do C.T.G. “Estância da Amizade” são marcadas geralmente nos dias em que são realizadas as aulas de dança do grupo juvenil, porque a maioria dos pais dos alunos faz parte da diretoria. Por motivo de o barulho produzido durante a aula ser alto, nos dias de reunião os pais e envolvidos na diretoria do C.T.G. se dirigem para o lado de fora do salão, onde fazem um grande círculo com as cadeiras e sentam-se embaixo de uma árvore para fazer a reunião. Percebe-se uma interação significativa entre os jovens que participam do grupo de dança juvenil; a grande maioria estuda na mesma escola e se visita em suas residências com frequência. Eles também demonstram comportamentos parecidos e afinidades nas escolhas das brincadeiras realizadas antes do início das aulas.

Os alunos do grupo juvenil combinam entre si para chegar antes do horário da aula para desfrutar de tempo livre para brincar; as brincadeiras variam entre salto a distância, pega-pega, esconde-esconde. Eles também utilizam parte deste tempo anterior ao início da aula para conversar; falam da escola, das festas de aniversário que já aconteceram e como serão as que ainda não aconteceram, sobre as fotos postadas em sites de relacionamento e principalmente da realização dos rodeios e competições de dança de que o C.T.G. “Estância da Amizade” participa. Os meninos participam da aula geralmente trajando pilcha e procuram usar a linguagem do que imaginam ser a fala de um gaúcho. Utilizam expressões como, por exemplo, “Bah!”, “Tchê” e “Tri”. Fazem comparações do sapateado que aprenderam,

disputando entre si para ver quem o faz melhor. As meninas falam sobre os vestidos de prendas e também utilizam as mesmas expressões na linguagem que os meninos.

É possível perceber que é interesse tanto dos jovens quanto dos adultos que participam do grupo de dança do C.T.G. “Estância da Amizade” se posicionar como gaúchos. E com base em conversas realizadas com estes jovens que se pode afirmar que eles se posicionam como gaúchos, porque se consideram gaúchos e, por isso, acreditam estar inseridos na cultura rio-grandense. Os jovens mato-grossenses que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”, além de se posicionarem como gaúchos, consideram-se diferentes das demais pessoas, por serem filhos de gaúcho e, por esse motivo compartilharem da mesma história e cultura dos pais. Segue um trecho de uma conversa que demonstra claramente a justificativa da caracterização e posicionamento dos jovens mato-grossenses.

Você acredita que as pessoas percebem que você é diferente?

Sim, quando eu falo com as pessoas, eu falo para as pessoas saberem sobre a minha história, minha cultura, aí as pessoas passam a saber que eu participo do C.T.G. e sou filho de gaúcho. (Juliano Dalacosta, 14 anos, estudante)

Você se considera diferente das outras pessoas por participar do C.T.G. e ser filho de gaúcho?

Todo mundo tem a sua diferença. Eu acho que sou diferente porque tenho uma história diferente, uma cultura diferente, minha sabedoria é diferente, muitas coisas que eu sei e que as outras pessoas não sabem. (Juliano Dalacosta, 14 anos, estudante)

Durante conversa com os alunos do grupo de dança juvenil foi possível verificar que muitos jovens justificam sua participação no C.T.G. e no grupo de dança argumentando que são filhos ou netos de gaúchos e aceitaram o convite de alguém para a participação ou conheceram o C.T.G. através dos pais. O professor de dança incentiva os alunos do grupo a convidar amigos e colegas para participar do grupo de dança com o objetivo de aumentar o número de pares, visando obter um melhor desempenho nos rodeios.

A aula de dança tradicional gaúcha da categoria adulto do C.T.G. “Estância da Amizade” conta com 16 jovens com idade entre 16 e 35 anos; todos eles trabalham durante o dia e participam das aulas de dança do C.T.G. duas vezes por semana, no período da noite. Nas aulas de dança do grupo adulto não há grande presença de pessoas assistindo às aulas, porém há interação marcante entre os participantes do grupo. Essa interação e as afinidades

entre o grupo se estendem para fora das dependências do C.T.G., propiciando encontros deles nas residências e eventos da cidade.



Fotografia 8 - Os participantes do C.T.G. "Estância da Amizade" em um festival de música na cidade de Sinop
Fonte: Registrada pela autora (2010)

É comum a organização de encontros nas residências dos alunos que participam do C.T.G.; lá eles assistem a filmes ou compartilham um almoço ou um jantar.

Quando acontecem bailes com conjuntos tradicionais do Rio Grande do Sul, o grupo combina entre si e todos participam usando a pilcha. Durante o baile manifestam orgulho da vestimenta, ficam reunidos em alguma parte do salão e juntos se divertem, dançam, e ora gem como se ignorassem os outros participantes do baile, ora parecem querer chamar a atenção. Percebe-se que se consideram diferentes dos demais por estarem em grupo e com uma vestimenta que os diferenciam das outras pessoas. Quando participam de outros eventos, como, por exemplo, comemorações festivas e outros, o grupo se reúne e de alguma forma parecem querer demonstrar às demais pessoas que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”; para eles, demonstrar que participam do C.T.G. é o mesmo que se apresentarem

como gaúchos para as demais pessoas.

A interação entre os alunos dos grupos de dança é significativa e pode ser verificada através da amizade existente entre eles. Para eles, a afinidade acontece por partilharem de aspectos culturais semelhantes de uma cultura em comum, no caso a cultura gaúcha.

E com qual grupo de amigos você se identifica mais, com os amigos que tem no C.T.G. ou com aqueles que têm fora do C.T.G.?

Eu me identifico com os dois, mas talvez me identifique mais com os de dentro do grupo porque eles têm a tradição e a cultura igual à minha. (Juliano Dalacosta, 14 anos, estudante).

É importante ressaltar o fato de que, quando alguém do grupo está passando por dificuldade, o restante presta apoio e auxilia da melhor forma possível. Houve caso de colegas do grupo de dança da categoria adulta que se tornaram compadres, batizando os filhos dos colegas.

Os rodeios que promovem as competições de dança entre os C.T.G.s de várias cidades fazem com que grande parte das atenções da diretoria do C.T.G. “Estância da Amizade” esteja voltada aos grupos de dança. E para compreender a importância desses grupos de dança, é importante considerar a seguinte fala do senhor Rudimar, Patrão em exercício do C.T.G. “Estância da Amizade”:

- O grupo de dança para mim é a menina dos olhos, que onde eu posso aumentar a credibilidade do C.T.G. , que onde eu posso aumentar a quantidade de gente em um C.T.G. é o grupo de dança, porque você tem seu filho e vem dançar, convida o amigo dele para vim dançar, então aquele pai que não vinha ali ele vem para dentro e o filho vai trazendo as pessoas. Ai você vai fazer uma apresentação com um grupo de dança, está o tio está o avô, está o vizinho, está o amigo, está a professora do colégio, e assim estão entrando dentro do C.T.G. Por isso que eu vejo que eu sou um entusiasta no grupo de dança, é a alma do C.T.G. E nestes dois anos que eu estou à frente da patronagem e estes quatro que a gente está aqui dentro, se teve um princípio maior, um motivo maior foi o grupo de dança, isso para mim é a alma do C.T.G. e é a minha alma. Eu quero que o C.T.G. “Estância da Amizade” de Sinop seja reconhecido pelo grupo de dança, porque é bonito você chegar em um rodeio em Tangará da Serra para fazer uma apresentação, e que nós tínhamos um grupo que tinha seis meses, e nós chegar lá e ficar em terceiro e em quinto lugar. Hoje nós temos um grupo adulto que estava no chão, que estava desmerecido, estava desacreditado, estava com inúmeros problemas, e a gente foi juntando traço daqui, traço de lá. A gente foi resolvendo problema com professor, problema de relacionamento entre membros, problemas de família. Você acha que é mole, você tocar de patrão até a 1:00 da manhã, cuidando grupo de dança de segunda a segunda? E por exemplo, hoje o meu telefone começou a tocar às 6:00 e parou agora há pouco, para resolver problema do C.T.G. , porque nós estamos fazendo mesas para festa, amanhã este negócio de concurso de prendas, no domingo nós temos um compromisso, na semana que vem nós temos a maior festa do C.T.G., que é a festa da picanha. Você acha que quando você consegue o ápice você tem que manter ele. E manter ele é muito

mais difícil do que você conseguir. No ano passado nós conseguimos colocar dentro do C.T.G. 1.878 oito ingressos na festa da picanha e este ano a gente fez para 1.500, só que estes 1.500 estão dando mais trabalho do que os 1.800 do ano passado. E agora nós temos que mostrar que tem que ser bem feito, tem que demonstrar qualidade, nós estamos renovando mesas, estamos renovando cadeiras, nós estamos comprando espeto, é pano de prato. E quando nós tivermos o C.T.G. cheio, e entrar o nosso grupo de dança para dançar, e aí você vê a pessoa que nunca veio aqui e vê. Vou citar um exemplo de um advogado que veio no baile que nós tivemos aqui há alguns dias atrás e era uma pessoa totalmente alheia ao C.T.G., ao tradicionalismo e foi convidado, está namorando uma pessoa que gosta do C.T.G. e veio aqui participar do baile. E eu sou representante comercial, e na semana passada fui mostrar um carro para ele, e ele me disse: - Parabéns! Porque eu ia lá na sua loja dá os parabéns para você. Quando eu vi menino de 5 anos de idade de bombacha, quando eu vi a apresentação daqueles meninos sorrindo lá dentro do C.T.G., quando eu vi as famílias dançando, eu me emocionei, e eu quero aprender a dançar e eu quero começar a ir lá. E quando você ouve isso, todas as críticas que você toma no dia a dia parece que somem.

A fala caracteriza o grupo de dança como um dos responsáveis por atrair novos sócios, além de servir como uma espécie de cartão de visita para o C.T.G.. Verificou-se, através do período de participação no decorrer da pesquisa, que é através dos grupos de danças que acontece a maioria das interações entre os sócios. Também é através dos grupos de danças que a ideia de pertencimento ao grupo ocorre com maior intensidade.

5.5 O Tradicionalismo no C.T.G. “Estância da Amizade”

O tradicionalismo no C.T.G. “Estância da Amizade” pode ser percebido em vários momentos de interação entre os sócios e também nas atividades realizadas com a participação da comunidade. Um dos momentos em que pode ser percebido o tradicionalismo gaúcho cultuado com maior intensidade é durante a aula teórica de dança tradicional gaúcha do grupo adulto e também do grupo de dança juvenil do C.T.G., em que o professor fala sobre a história do Rio Grande do Sul de acordo com a visão tradicionalista.

Considerando que a maioria dos jovens mato-grossenses que são filhos de sulistas e que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” não conhece o Estado do Rio Grande do Sul, as aulas teóricas contribuem para que os jovens passem a idealizar este Estado de acordo com a visão tradicionalista, apresentada no segundo capítulo deste estudo.



Fotografia 9 - Aula teórica sobre a origem do xote carreirinha e sua relação com a história tradicionalista do Rio Grande do Sul.

Fonte: Registrada pela autora (2010)

O aspecto histórico das danças no tradicionalismo gaúcho é apresentado aos grupos de dança do C.T.G. Nesta aula teórica, os alunos aprendem a origem dos movimentos da dança que está associada a acontecimentos e datas históricas do Estado do Rio Grande do Sul de acordo com a visão tradicionalista. As aulas teóricas se baseiam em uma coletânea do Movimento Tradicionalista Gaúcho realizada em parceria com a Fundação Cultural Gaúcha de Porto Alegre e editada no ano de 2008. O livro expõe, de forma resumida, as danças tradicionais gaúchas, relacionando os movimentos destas danças e seus ciclos com o contexto histórico tradicional rio-grandense.

Através destas aulas teóricas, a cada dança nova, os alunos aprendem sobre o contexto histórico tradicionalista do Rio Grande do Sul, tornando-se adeptos de um tradicionalismo

que existe nos livros e é repassado pelo professor de dança do C.T.G.. Com base em conversa com os jovens que participam destas aulas teóricas, pode-se afirmar que alguns idealizam que o tradicionalismo gaúcho seja vivenciado no dia a dia no Estado do Rio Grande do Sul, através do uso da pilcha, predominância da música gaúcha em eventos no Estado afora e outros aspectos predominantes do tradicionalismo gaúcho.

As roupas tradicionais gaúchas usadas durante as apresentações do grupo de dança tradicional gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade” são cuidadosamente elaboradas de acordo com o contexto histórico tradicional gaúcho.

O professor de dança tradicionalista gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade” transmite conhecimentos aos alunos do grupo de dança juvenil e adulto sobre a cultura gaúcha através de bibliografia de Barbosa Lessa, 1954, intitulada de “O Sentido e o Valor do Tradicionalismo” que corresponde à visão tradicionalista da história rio-grandense. Golin (1987) conceitua que o tradicionalismo é uma forma de lidar com o fato folclórico. Nesta perspectiva, percebe-se ainda que a tradição cultuada nesse C.T.G. é fundamentada por estudos folcloristas que são repassados pelo professor de dança, percebe-se ainda uma tentativa em dar continuidade a aspectos da cultura gaúcha através da tradição.

O credo religioso no C.T.G. “Estância da Amizade” pode ser percebido em vários momentos, e o principal deles é através da missa crioula. Ela acontece no C.T.G., e alguns dos sócios optaram por batizar seus filhos durante esta celebração, que conta com a participação intensa dos associados e da comunidade em geral.

Os almoços, jantas e bailes que acontecem no C.T.G. “Estância da Amizade” e abertos para a sociedade em geral demonstram o culto ao tradicionalismo através da vestimenta dos sócios do C.T.G. que usam a pilcha, pela escolha da música gaúchesca como som ambiente e pelo ambiente característico do C.T.G., que representa um grande galpão. Os almoços realizados pelo C.T.G. que contam com a participação da comunidade geralmente apresentam o churrasco como prato principal. A comunidade participa de forma significativa e os associados do C.T.G. recebem essas pessoas pilchados. As pessoas que estavam participando dos almoços, e dos bailes do C.T.G. trajavam roupas normais, porém nos almoços pôde-se perceber que muitas pessoas trouxeram o chimarrão e o compartilhavam entre si.

Através de conversa com várias das pessoas que se faziam presentes, foi possível constatar que a maioria das pessoas que estavam ali eram oriundas da região Sul do Brasil. Quando perguntadas a respeito do motivo da participação de uma festa tradicionalista gaúcha,

a maioria delas respondeu que estavam ali por se identificar com a cultura gaúcha ou por serem sulistas.

5.6 A Influência do Tradicionalismo Gaúcho Produzido no C.T.G. “Estância da Amizade” na Manutenção de Aspectos da Cultura Gaúcha Caracterizado pelo Pertencimento Étnico

Repassando o processo histórico tradicional do Rio Grande do Sul e as características regionais do povo sul-rio-grandense que procuram revigorar o tradicionalismo em várias partes do mundo através de C.T.Gs., efetivou-se, como oportuno, o estudo do C.T.G. “Estância da Amizade”, para verificar a manutenção de aspectos da cultura gaúcha pelos mato-grossenses que são filhos de sulistas que residem em Sinop, no Estado do Mato Grosso.

Com base no estudo realizado no C.T.G. “Estância da Amizade”, é possível sugerir que os jovens demonstram proximidade ao que se refere à cultura gaúcha. O comportamento voltado aos valores tradicionais da cultura gaúcha gera afinidade entre estes jovens, que têm em comum escolhas, gostos e crenças semelhantes e, por este motivo, partilham de um comportamento parecido.

Considerando que a naturalidade dos pais é percebida por estes jovens como justificativa da sua participação nas atividades do C.T.G., verifica-se que o posicionamento cultural dos mesmos é fundamentado através da cultura em que seus pais constituíram identidade. É fato que estes jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” mantêm aspectos da cultura dos pais e a evidenciam através do tradicionalismo imbuído na cultura gaúcha, que é exteriorizado pelo posicionamento dos jovens através dos valores da cultura e tradicionalismo gaúcho. Após estruturar sua identidade em uma cultura baseada no comportamento dos pais, o jovem passa a se caracterizar de acordo com uma cultura e tradição que difere da cultura regional do Estado em que nasceu e que vive. Por exemplo, alguns jovens se consideram gaúchos mesmo sendo nascidos no Estado do Mato Grosso, e outros, também nascidos no Estado do Mato Grosso, não sabem afirmar se são gaúchos ou mato-grossenses.

Através das conversas realizadas com jovens que participam do C.T.G., foi possível concluir que a cultura gaúcha tornou-se a base para a constituição da identidade de alguns deles, o que torna compreensíveis determinadas ações expressas em seu comportamento. Os

jovens que se consideram gaúchos promovem interpretações do que idealizam ser um gaúcho e são capazes de imitar ou reproduzir até mesmo a maneira de falar do que acreditam ser o sotaque gaúcho.

A seguinte fala de Carla (23 anos de idade, natural de Sinop (MT) e filha de migrantes sulistas) contém elementos que corroboram tal afirmação.

Você se considera gaúcha, Carla ?

(Carla) Sim, eu me considero. Eu sou daquelas assim que penso que gaúcho não é quem nasce no Rio Grande do Sul, mas sim quem cultiva a tradição gaúcha independente do lugar em que nasce. Eu nasci aqui em Sinop, no Mato Grosso, mas eu sou gaúcha porque eu cultivo a tradição gaúcha. Quem nasce no Rio Grande do Sul é sul-rio-grandense e aqueles que cultivam a tradição são gaúchos.

E o seu sotaque, você acredita que se assemelha mais ao mato-grossense ou para ao gaúcho?

(Carla) No dia a dia é mais para o mato-grossense. Mas quando tem festival (concurso de dança gaúcha), estas coisas, eu cantarolo mais do que uma pessoa que vive lá no Rio Grande do Sul, falo cantando mesmo, cantarolo dois, três dias. Quando estamos no C.T.G., a gente muda nosso sotaque automaticamente, quando a gente sai com as pessoas do grupo também, muda automaticamente.

Sendo assim, cabem questionamentos sobre tal comportamento: seria este um comportamento inventado ou um comportamento copiado? A resposta pode ser complexa, porém para obtê-la seria necessário considerar que estes jovens têm um pertencimento social e geográfico que difere do espaço social e geográfico determinante na cultura dos pais. São naturais de um cenário que abarca grande diversidade cultural, porém pode ser atribuído à família o fator que caracteriza o pertencimento cultural destes jovens mato-grossenses. Assim, compreende-se que o comportamento dos jovens mato-grossenses que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” pode estar baseado em valores e crenças que correspondem a padrões previamente estabelecidos e vivenciados por seus antepassados.

Para Hobsbawm e Ranger (1997), os valores e normas de comportamento que acontecem através da repetição podem ser compreendidos como “tradição inventada” revelam-se como norma de comportamento que propicia a repetição de ações do passado.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (HOBSBAWM; RANGER, 1997, p. 9).

Assevera-se, por meio de estudo realizado no C.T.G. “Estância da Amizade” e embasamento teórico, que a cultura gaúcha inserida no Estado do Mato Grosso desde a época da colonização está tendo sequência através dos filhos destes migrantes sulistas que frequentam o C.T.G. por meio de atividades voltadas ao tradicionalismo e da interação de grupo. Estes jovens podem se caracterizar como pertencentes à cultura gaúcha e demonstrar este fato através da participação no C.T.G. como uma forma de assegurar o pertencimento ao grupo social de maior influência. Por conseguinte, verifica-se que o tradicionalismo está ligado à cultura, e esta é a propulsora das ações determinadas pelo comportamento. Porém seria possível afirmar que a influência do tradicionalismo dos migrantes sulistas promove dúvidas quanto ao pertencimento étnico dos filhos mato-grossenses?

Para melhor interpretar a pergunta, é apropriado ler trecho da conversa com um jovem mato-grossense filho de migrantes sulistas que participa do C.T.G. “Estância da Amizade”.

Você se considera gaúcho?

Nem para tanto, matucho. Mato-grossense e gaúcho. Todo ano eu viajo para o Sul e pergunto coisas para o meu pai que ele nem sabe, ele que é gaúcho, eu sei mais do que ele. Eu não sei bem se sou mato-grossense ou gaúcho. (Juliano Dalacosta, 14 anos, estudante)

É sabido que existem identidades étnicas mistas ou duplas, porém a dúvida apresentada pelo participante da pesquisa pode ser relacionada com o exposto por Elias e Scotson (2000) quando registram a ocorrência de situações confusas e divergências entre valores empregados em situações intrafamiliares e na sociedade em geral.

A tradição está ligada à cultura e vice-versa. A tradição refere-se a um conjunto de práticas de natureza simbólica que têm continuidade histórica e são empregadas de acordo com os valores que são norteados pela cultura, e é por meio da cultura que o indivíduo se posiciona em suas escolhas. Contudo, o indivíduo necessita estar situado em uma determinada cultura para se posicionar quanto aos seus valores e tradição e, por fim, empregá-los através de seu comportamento. E quando o jovem diz: “Eu não sei bem se sou mato-grossense ou gaúcho”, pode-se concluir que ele não está seguro sobre o seu pertencimento étnico; apenas participa da cultura dos seus pais, porém está ciente que tal cultura difere do espaço geográfico ao qual pertence.

Após averiguar o processo de fundação e funcionamento do C.T.G. “Estância da Amizade”, analisou-se sua representatividade na interação social e na continuidade da cultura gaúcha através da observação realizada em seu interior e se verificou a possível influência do

C.T.G. na constituição da identidade dos jovens filhos de migrantes sulistas que participam diretamente de suas atividades.

A análise possibilitou constatar que o posicionamento desses consiste de um tradicionalismo repassado através dos pais, por meio de recordações do tempo em que ainda residiam no Estado do Rio Grande do Sul, da cultura trazida daquele Estado, e também por uma espécie de folclorismo captado por meio de livros, filmes e outros elementos. Percebe-se pela fala dos jovens que o seu conhecimento sobre a história rio-grandense tem como base principal a visão tradicionalista dela.

Grande parte dos jovens que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” são filhos de migrantes sulistas nascidos no Estado do Mato Grosso e, mesmo não sendo gaúchos e, em alguns casos, não conhecendo o Estado do Rio Grande do Sul, se orgulham de ser gaúchos além de considerar a tradição e cultura gaúcha superior às demais, através da representatividade do tradicionalismo gaúcho.

A análise possibilitou ainda compreender ações representadas através de uma espécie de comportamento modelado, ou seja, de um comportamento copiado e que, em alguns casos, foi idealizado, mas, que mesmo assim é copiado por outros jovens e se caracteriza como uma espécie de modelo de comportamento para os que participam do C.T.G. Por exemplo, o fato de muitos jovens não conhecerem o Estado do Rio Grande do Sul e, por este motivo, não saberem qual é o real comportamento de um jovem que vive nesse Estado faz com que idealizem a forma como este se comporta. As razões desta ação podem ser uma forma de se caracterizar de acordo com a cultura da qual acreditam participar. Ou seja, os jovens objetivam ser identificados como gaúchos, por isso, se caracterizam de acordo com o que idealizam ser um gaúcho. Existe também a possibilidade do jovem se identificar com aspectos da cultura gaúcha pelo simples fato de se perceber como gaúcho. O posicionamento do jovem mato-grossense filho de migrantes sulistas pode estar relacionado ao interesse de fazer parte de um grupo social visando favorecimentos.

É perceptível que o C.T.G. “Estância da Amizade” influencia a constituição da identidade dos jovens e, por este motivo, norteia parte de suas escolhas durante a interação social. As escolhas influenciadas pela vivência no C.T.G. podem ser percebidas nas amizades, que se dão principalmente entre os membros do grupo, e no gosto pelo tradicionalismo gaúcho. É possível verificar também que os jovens que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” ouvem música tradicional gaúcha e demonstram ainda preferir bailes a outros

eventos que se tocam outros ritmos musicais. Muitos dos jovens expõem que se consideram gaúchos, mesmo sendo nascidos no Estado do Mato Grosso, por se sentirem bem ao estarem inseridos na cultura e no ambiente que o C.T.G. “Estância da Amizade” produz.

Nome: Fernando Mohr

Naturalidade: Sinop (MT)

Naturalidade dos pais: Cerro Largo (RS)

Você se considera gaúcho?

(Fernando) Eu me considero!

Por qual motivo?

(Fernando) Ahhh! Porque eu me identifico com a cultura, eu me sinto bem inserido nesta cultura, no meio das danças, das festas, da música, tudo.

É fato que os pais destes jovens que participam das atividades do C.T.G. consideram os filhos mato-grossenses como sendo gaúchos. As escolhas dos filhos que são influenciados pelo tradicionalismo gaúcho é fato que estimulam ainda mais tal caracterização.

Vocês consideram os filhos de vocês mato-grossenses ou gaúchos?

(Boni) Eles são gaúchos porque gostam da tradição, um é nascido em Santa Catarina e os outros no Mato Grosso, mas a preferência deles é ser gaúchos.

(Ana) A música de preferência deles é a música gaúcha.

(Boni) Se vão ver os discos, aqui 90% são ritmos gaúchos.

(Ana) Os outros não estão participando porque estão estudando, mas depois que terminar os estudos, fica mais fácil.

(Boni Scher, 58 anos, Comerciante e Ana Scher, 50 anos, dona de casa).

Os pais consideram a tradição e cultura gaúcha importante na constituição da identidade dos filhos e, por este motivo, incentivam-nos a participar do C.T.G. Este fato pode ser percebido como um meio dos pais manterem seus filhos inseridos no grupo do qual participam, evitando, com isso, a participação dos filhos em outros grupos.

Novamente é importante relacionar o estudo realizado no C.T.G. “Estância da Amizade” com o texto em que Elias e Scotson descrevem os filhos das famílias caracterizadas como estabelecidas, que procuravam seguir o exemplo dos pais, e os pais destes jovens não gostavam que eles se portassem como os filhos das famílias que pertenciam a outro grupo e

tampouco que se misturassem com eles.

Durante as conversas, os pais dos jovens afirmam que veem no ambiente do C.T.G. “Estância da Amizade” um contexto social de respeito e bons costumes que tem como quesito principal a participação da família. Convictos de que o ambiente do C.T.G. é um ambiente de interação social limitado pela ordem e os bons costumes norteados pela tradição, asseguram que a participação é importante para a educação dos filhos. É fato que os eventos sociais do C.T.G. “Estância da Amizade” têm a participação dos jovens e das pessoas de mais idade; todos da família participam. Não se exige da comunidade em geral o uso de pilcha para a participação dos eventos realizados pelo C.T.G., porém a vestimenta usada pelas pessoas que participam dos eventos sociais desse Centro não deve ser considerada como imprópria ou indecente pelos sócios do C.T.G.; caso isso ocorra, a pessoa com a roupa considerada imprópria será convidada a se retirar.

Os jovens agregam valores do tradicionalismo gaúcho que é empregado no seu dia a dia através da cultura da qual se sentem parte e, por este motivo, promovem aspectos da cultura gaúcha através de suas ações. Os jovens que participam do C.T.G. consideram os valores repassados através da cultura gaúcha como importantes para o seu convívio e escolha na vida social. Para dar sentido amplo ao exposto, segue o trecho de uma conversa que corrobora tal afirmação.

Quais os benefícios que você acredita ter participando do C.T.G. ?

(Carla) Na minha educação, fui muito bem educada, o C.T.G. ele educa a gente por ser uma entidade social, uma entidade cultural, você tem uma educação, um conhecimento mais amplo sobre uma cultura, a respeitar a sua cultura e a cultura dos outros. Como existe a sua cultura existe a cultura de, por exemplo, quem é aqui do Mato Grosso, a ter respeito pelas outras culturas também.

O que você acha do ambiente do C.T.G., será que ele motiva a educação e o respeito?

Motiva sim, porque lá assim, é um momento mais familiar. Não é um clube aonde vai só piazzada fazer farra, vão sim jovens, vão idosos, vão crianças, é um ambiente familiar.

Você acredita que no ambiente do C.T.G. os pais procuram educar seus filhos a exemplo da educação que eles receberam?

Sim, é possível que os filhos vejam o que seus pais viveram, como foram educados dentro da tradição gaúcha e fora dali também, isso tudo são conversas que acontecem ali naquele ambiente.

Um dia, quando estávamos conversando, você me falou uma coisa que eu achei

importante. Você me falou que as pessoas que se desligaram do C.T.G. não se deram tão bem na vida como aquelas que permaneceram.

(Carla) É o que eu falo, de repente se o meu pai e a minha mãe não tivessem me levado para o C.T.G. e eu não participasse de lá, eu não sei se eu poderia estar viva hoje, se eu poderia estar no mundo das drogas, ser uma assassina, sei lá o quê. Tem pessoas que de fato deixaram de participar do C.T.G. que hoje não são bem vistas como de fato eu sei que eu sou pela cidade, pela sociedade que eu sei que conhece a tradição gaúcha, elas não são bem vistas como eu sei que eu sou por participar do C.T.G. É uma visão que você participando, as pessoas sabem que é um ambiente de respeito. Então a pessoa que participa de lá, ela tem a possibilidade de ser vista como uma pessoa diferente, uma pessoa bem educada, participando de lá a pessoa passa a ser bem vista pela sociedade.

Estas informações coletadas durante a pesquisa foram relacionadas com o que dizem Elias e Scotson (2000) sobre os jovens da “aldeia” que identificavam-se com o código dos mais velhos, orgulhavam-se dele e, assim como os adultos, viam com desdém os outsiders do loteamento.

Percebe-se ainda que a educação dos filhos voltada a aspectos da cultura gaúcha pode ser fator importante na organização e manutenção do grupo constituído por sulistas. E, nas palavras de Elias e Scotson (2000), a tradição empregada na educação promove certo autocontrole e organização das relações domésticas.

Quais benefícios você acredita ter participando do C.T.G.?

Primeiro é o que a gente sempre fala, os valores da tradição gaúcha, os valores são firmes tanto na postura de ser gaúcho, a questão do respeito. Até as crianças assim como os mais velhos, por exemplo, é esta questão de valores que a gente aprende dentro de casa, o gaúcho tem em si. E pra gente que gosta da tradição, da dança, da música, da comida, do chimarrão, enfim, a amizade que se tem, o chimarrão é isso. A gente fica ali em uma roda de amigos e está ali conversando, está ali no convívio das pessoas que você gosta e que está presente o chimarrão, então eu acho que o chimarrão significa isso, a amizade. Então, todos os valores eu acredito que vêm daí. (Vania Rolls, 23 anos, dona de casa).

É possível compreender melhor o exposto relacionando-o com a maneira como Elias e Scotson (2000) caracterizam sobre o orgulho que os jovens da “aldeia” sentiam de seu grupo de status, e seu desprezo correspondente pelos grupos de status inferior do loteamento. Assim, percebe-se que os participantes do grupo do C.T.G. “Estância da Amizade” demonstram se diferenciar de outros grupos através dos valores por eles empregados e percebidos como ideais. Assim é possível constatar que o pertencimento a determinado grupo pode manifestar ideia de superioridade do indivíduo e propiciar julgamentos daqueles que considera pertencentes a outros grupos.

5.7 A Predominância de Aspectos da Cultura Gaúcha na Cidade de Sinop Ocasionalmente por Migrantes Sulistas e seus Filhos

Mesmo com o empenho dos sulistas em dar origem a um ambiente caracterizado pela cultura sulista e, assim, promover a interação de seus filhos com pessoas que reproduziam aspectos culturais parecidos, alguns mato-grossenses filhos de sulistas migrantes constituíram família com pessoas pertencentes a outras identidades culturais. Contudo, pode-se perceber



que a constituição da identidade destes mato-grossenses foi fundamentada por aspectos da cultura gaúcha, e este fato se torna tão marcante que é possível verificar ainda na segunda geração de migrantes sulistas o posicionamento voltado a aspectos da cultura gaúcha. Por exemplo, é possível encontrar em Sinop, participando do C.T.G., um filho de índio e mato-grossense neto de sulista que usa bombacha e se considera gaúcho. Assim é possível compreender o tradicionalismo gaúcho, através da organização do grupo constituído por sulistas, como tendo uma presença acentuada na sociedade sinopense.

Fotografia 10 - Garoto mato-grossense neto de migrantes sulistas, trajando bombacha e participando do C.T.G. Fonte: Registrada pela autora (2010)

O C.T.G. “Estância da Amizade” é o maior meio de organização e manutenção do grupo sulista e, em consequência, da notória presença de aspectos da cultura gaúcha na cidade de Sinop. Com base no estudo sobre a história do C.T.G. “Estância da Amizade”, sua forma de atuação, seus associados e as interações que ocorrem em seu ambiente, que pode-se sugerir que há a redescoberta da cultura gaúcha pelos filhos de gaúchos migrantes que participam do C.T.G. “Estância da Amizade”.

O levantamento histórico feito através de estudos bibliográficos e ampliado através de diálogo com alguns dos próprios fundadores dá conta de que a intenção de fundar um C.T.G.

na cidade de Sinop não visava apenas ampliar as opções de lazer da cidade, mas sim cultivar o tradicionalismo gaúcho nela. Após a fundação do C.T.G. “Estância da Amizade”, este, através de seus associados, passou a desenvolver atividades que objetivavam a divulgação da tradição e aspectos da cultura gaúcha. Assim inúmeras famílias passaram a integrar o corpo social do C.T.G. e, participando de suas atividades, possibilitaram aos filhos conhecer a tradição e aspectos culturais de seus antepassados.

Considerando que a maioria das famílias eram migrantes oriundos da região Sul e que a quase totalidade dos filhos haviam nascido na cidade de Sinop, muitos dos jovens que participam atualmente do C.T.G. “Estância da Amizade” eram ainda crianças quando participaram pela primeira vez. Para embasar tal afirmação expõe-se parte de conversa realizada durante pesquisa de campo:

Faz tempo que você participa do C.T.G.?

Participo do C.T.G. “Estância da Amizade” há 18 anos e participo como integrante do grupo de dança tradicionalista gaúcha desde os 5 anos de idade. Participei de toda a história do C.T.G. desde sua fundação. (Carla Scher, 23 anos, estudante).

Constata-se que o tradicionalismo é importante para a continuidade dos traços culturais herdados dos pais migrantes.

Para dar sentido mais amplo à ausência de conhecimento do Estado do Rio Grande do Sul por parte dos filhos de migrantes sulistas que se posicionam como gaúchos, reproduz-se mais um trecho de diálogo.

O que você tem a dizer sobre o Rio Grande do Sul?

Eu não conheço, só passei por lá algumas vezes. Mas eu imagino os lugares e sei da história que aconteceu. Pelo fato de eu ter sido primeira prenda do Estado do Mato Grosso conheço parte da história do Estado do Rio Grande do Sul, da Revolução Farroupilha, as pessoas que foram importantes, é isso, pouca coisa porque eu não conheço pessoalmente, o que eu sei é a história. É o meu sonho ir lá conhecer o Rio Grande do Sul, como eles vivem lá a tradição gaúcha, como que funciona o C.T.G. lá... Sabe? Ver se é diferente daqui. Talvez indo pra lá conhecer e trazer alguma coisa de lá, para a gente implantar no C.T.G. daqui, ou alguma coisa que a gente faça aqui e que eles possam estar implantando lá. (Carla Scher, 23 anos, estudante).

Porém, percebe-se certo folclorismo que ocorre, principalmente, na aula teórica de dança e que incute nos jovens uma ideia que difere da realidade vivida no Estado do Rio Grande do Sul no que se refere ao tradicionalismo e cultura. Segundo Golin (1987), os folcloristas são insistentes na preservação estática da cultura e dos fatos folclóricos, como se fossem peças de museu e não de dinâmica da sociedade.

Durante as aulas de dança também acontece a interação entre os pais dos alunos e outros visitantes, que interagem com conversas e compartilham do chimarrão enquanto assistem à aula de dança. Através dos encontros frequentes nos dias de aula ocorre a maior aproximação entre os pais dos jovens. Contudo, é possível perceber que a participação nas atividades do C.T.G. “Estância da Amizade” se caracteriza pela interação de jovens e adultos. As interações podem ser percebidas como prazerosas, sem sinais de possíveis intrigas. Verifica-se que há afinidade entre os associados, ocasionada por escolhas semelhantes determinadas pelos mesmos valores presentes em aspectos da cultura gaúcha. É perceptível que os pais dos jovens e demais associados do C.T.G. “Estância da Amizade”, sendo gaúchos ou não, se caracterizam como tal, seja pela forma de falar, uso da pilcha, chimarrão e outros elementos.

O fato de muitas pessoas não serem gaúchas e se posicionarem como gaúchas motivou o professor de dança tradicional gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade” a explicar de forma ampla a associados e alunos a diferença entre tradicionalista e gaúcho. A explicação do professor resume-se da seguinte forma:

Tradicionalista é quem cultua a tradição, gaúcho é quem nasceu no Estado do Rio Grande do Sul, sendo assim, o tradicionalista sabe do contexto histórico da tradição, o gaúcho é condicionado pela cultura daquela região e por isso tem o sotaque que cantarola (palavras de César Muriana, 34 anos, professor de dança tradicionalista gaúcha do C.T.G. “Estância da Amizade”).

Percebe-se que o motivo maior do professor explicar, por várias vezes, a diferença entre ser gaúcho e ser tradicionalista aos alunos dos grupos de dança juvenil e adulto e demais associados do C.T.G. reside no fato da linguagem utilizada pelos participantes do C.T.G. “Estância da Amizade” durante suas interações se caracterizar como “diferente”. Não há possibilidade de afirmar por qual região do Brasil estaria condicionado tal sotaque. Porém, é possível afirmar que é na tentativa de representar a forma de falar do gaúcho que se promove esta linguagem “diferente”. As interações produzidas através do C.T.G. também acontecem, além do ambiente interno do C.T.G., em ambientes externos ao clube. Os encontros dos sócios podem acontecer nas residências, onde os associados que mais se identificam entre si promovem e compartilham de algum almoço ou jantar, ou simplesmente compartilham do chimarrão. As palavras do patrão em exercício do C.T.G. “Estância da Amizade” confirmam que a existência do C.T.G. é determinante para estes encontros.

(Rudimar, 40 anos, comerciante) Por exemplo, a patronagem é uma família, ou está na casa de um ou está na casa de outro, e quando se reúnem, a conversa é só o C.T.G., você

não tem outra conversa, você está sempre falando, não das mesmas coisas, mas sim dos mesmos valores.

Quando os jovens que participam do grupo de dança adulto de reúnem em ambientes alheios ao C.T.G. “Estância da Amizade”, verifica-se que há interesse por parte dos integrantes do grupo de se fazerem diferentes das demais pessoas, ou simplesmente de serem identificados como pertencentes ao C.T.G. Ou seja, quando os jovens do grupo de dança se reúnem fora do ambiente do C.T.G., procuram se caracterizar através da pilcha ou por meio da bandeira do Estado do Rio Grande do Sul ou do C.T.G. Dentro do grupo, os integrantes expõem um comportamento que percebem como sendo o comportamento de uma pessoa que vive no Rio Grande do Sul (idealizada através da visão tradicionalista que repassaram a eles). Para ilustrar a caracterização segue trecho de conversa com uma participante do grupo de dança.

Você já usou a indumentária gaúcha para ir a outros lugares que não fosse o C.T.G.?

Sim, várias vezes. Me senti muito bem! Há um tempo atrás com o nosso grupo mesmo, mas era um grupo mais antigo, a gente saía daqui e ia se encontrar para tocar um violão na praça, às vezes no carro mesmo, se a gente ia comer alguma coisa, se ia em baile, a gente ia com a indumentária. No festival de música mesmo, eu nos dois dias fui de bombachinha, e no segundo dia teve mais algumas que foram também de bombacha, e a gente se sente muito bem. Dá um orgulho na gente, principalmente quando as outras pessoas olham pra gente, a gente se sente bem. Até para a loja de conveniência a gente foi pilchado, sentamos ali e era bem fácil sermos identificados. (Vania Rolls, 23 anos, dona de casa).

Assim, é possível afirmar que o C.T.G. “Estância da Amizade” promove, através do tradicionalismo, um elo entre o passado e o presente da cultura gaúcha, em que revalida ações do contexto histórico que são manifestadas através de comportamentos que têm lugar no presente. Hobsbawm e Ranger (2008) argumentam que, embora os elementos que promovem a continuidade das tradições inventadas sejam vulneráveis, seu significado se relaciona especificamente com as circunstâncias sociais, políticas, econômicas e culturais do período. As circunstâncias que podem ser caracterizadas como favoráveis à predominância da tradição gaúcha na cidade de Sinop podem estar relacionadas ao fato de grande parte da população ser oriunda da região Sul do Brasil. Por conseguinte, é perceptível que algumas ações desenvolvidas através do comportamento dos sulistas migrantes remetem, através do contexto histórico, a uma idéia de comportamento manifesto no passado. Em algumas das ações que remetem à idéia de repetição do passado e são caracterizadas através do comportamento atual são copiadas pelos mato-grossenses filhos destes migrantes sulistas e mantidas no presente.

É possível relacionar o conceito de Hobsbawm e Ranger (1997) com a pesquisa realizada e afirmar que o processo de colonização de Sinop foi um dos fatores importantes para a predominância de aspectos da cultura gaúcha através dos sulistas migrantes e mato-grossenses filhos de migrantes sulistas. A colonização do Estado do Mato Grosso por inúmeras pessoas oriundas de uma mesma região promoveu a aproximação de pessoas que compartilhavam de uma cultura semelhante. Para entender como ocorreu a aproximação entre os grupos que se identificam culturalmente, expõe-se como base de explicação o conceito de Barth (1998) que existem fronteiras étnicas e aspectos culturais que são salientados pelos indivíduos, caracterizando a identificação entre os mesmos em relação ao pertencimento ou não a um grupo.

Os sulistas que se encontram estabelecidos no Estado do Mato Grosso e, através do pertencimento étnico, se identificaram e se organizaram entre si, por meio das afinidades caracterizadas pela tradição gaúcha. Estabelecidos em meio a pessoas que compartilhavam da mesma cultura, tornaram-se predominantes aspectos da cultura oriunda do Estado do Rio Grande do Sul. Nos tempos atuais, ainda é notada a presença de aspectos da cultura gaúcha, que pode ser depreendida através do posicionamento de mato-grossenses filhos de migrantes sulistas e até mesmo dos netos destes migrantes sulistas.

Pode-se verificar que aspectos da cultura gaúcha assimilada através do convívio com a família e organização do grupo social influenciaram a constituição da identidade de mato-grossenses que se posicionam como gaúchos. A motivação para tal pode ser observada através de vários aspectos: através de interesse, superioridade, pertencimento; porém, com base nas conversas e na posterior análise delas, é possível identificar a cultura dos pais como a principal motivação quanto ao posicionamento dos jovens mato-grossenses.

Considera-se a cultura como uma fonte simbólica constituída de padrões que estabelecem a capacidade de escolha e de controle do comportamento do indivíduo. Ao compreender a cultura como norteadora do comportamento humano, verifica-se que os jovens que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” norteiam suas ações e comportamentos através da cultura gaúcha. E, segundo Geertz (2008) a cultura é a totalidade de padrões que gerenciam o comportamento humano.

Não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes – o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentidos e de explosões emocionais, e sua experiência não teria qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um

ornamento da existência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade (GEERTZ, 2008, p. 33).

Ainda em relação à perspectiva de Geertz (2008), percebe-se a presença de aspectos da cultura gaúcha através dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas como uma reprodução dos padrões adquiridos durante a convivência familiar. Os jovens mato-grossenses que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop se orientam pelos padrões culturais dos pais e, através destes padrões, encontram sentido para suas ações. E nas palavras do mesmo autor:

É por intermédio dos padrões culturais, amontoados ordenados de símbolos significativos, que o homem encontra sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. O estudo da cultura, a totalidade de tais padrões, é, portanto, o estudo da maquinaria que os indivíduos empregam para orientar a si mesmos num mundo que de outra forma seria obscuro (GEERTZ, 2008, p. 150)

Com base no estudo realizado no C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop e na interação direta com os associados deste C.T.G., é possível afirmar que a manutenção de aspectos da cultura gaúcha pode ser percebida entre os filhos de migrantes sulistas por meio do posicionamento dos mesmos. Os fatores que motivam o posicionamento cultural dos jovens de acordo com a cultura que difere do espaço regional a que pertencem está condicionados por significados de padrões culturais dos pais que dão sentido ao posicionamento e comportamento dos jovens. Assim, torna-se compreensível que a constituição da identidade dos mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas foi alicerçada por aspectos da cultura gaúcha. O posicionamento dos jovens pode ser justificado por aspectos culturais que fundamentaram a constituição de sua identidade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intenção deste trabalho foi compreender sobre a constituição da identidade dos mato-grossenses que são filhos de sulistas que se encontram estabelecidos na cidade de Sinop, na situação de migrantes. Para isso, foi realizado um estudo no C.T.G. “Estância da Amizade”, onde se fez contato com pessoas envolvidas de forma direta com o tema, ou seja, jovens mato-grossenses filhos de sulistas migrantes. Durante o período de pesquisa no C.T.G., procurou-se perceber atentamente como ocorriam as interações em ambiente interno e externo, junto à sociedade em geral, por parte dos associados. Foi dada atenção especial ao posicionamento destes jovens mato-grossenses filhos de migrantes gaúchos e seus familiares para entender a constituição de suas identidades. Posteriormente, houve a conexão do estudo realizado no C.T.G. com conceitos de autores que fundamentam, através dos seus estudos, a formulação do conhecimento acerca da constituição da identidade dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas.

Procurou-se expor a constituição histórica que formulou a cultura dos migrantes sulistas e dos jovens mato-grossenses, para demonstrar as ações que ocorreram ao longo do tempo e que dão sentido aos fatos da atualidade. A necessidade de colonizar uma parte do Brasil e a falta de terras disponíveis em outra contribuíram para que muitos gaúchos passassem à situação de migrantes no Estado do Mato Grosso. Por questões relacionadas à colonização do Estado do Mato Grosso, algumas regiões do Estado foram habitadas principalmente por pessoas oriundas do Estado do Rio Grande do Sul. Considerando que estes sulistas foram os colonizadores de algumas regiões do Estado do Mato Grosso e que na época outras culturas não eram dominantes, traços culturais sul-rio-grandenses foram mantidos por estes migrantes, mesmo fora de seu Estado de origem. Considerando-se o tradicionalismo marcante do Rio Grande do Sul, verifica-se que este pode ser percebido com maior intensidade quando o sujeito se encontra na situação de migrante em outros Estados, pois ele se posiciona como pertencente a determinada cultura e passa a cultivar esta sua cultura com maior intensidade com o intuito de ser percebido como integrante de determinado grupo social unido pela proximidade cultural.

No decorrer do trabalho, tentou-se demonstrar os traços culturais como o norteadores do comportamento humano, na perspectiva de que o indivíduo fundamenta seus valores em propósitos transmitidos através cultura em que se encontra inserido. As ações que perduram

ao longo do tempo e, com isso, promovem a continuidade em relação ao passado podem ser definidas como sendo tradição.

Com o intuito de promover a compreensão da constituição da identidade, foi formulada uma síntese com conceitos de autores que tratam do tema de acordo com o processo cultural e a ordem cronológica. Assim, seguindo o conceito destes autores e em seguida relacionando-os com a pesquisa etnográfica, compreende-se que a identidade do sujeito está relacionada com ações externas. O indivíduo constitui sua identidade através da absorção de valores que lhe são apresentados no meio em que vive. Porém, as práticas assumidas pelo indivíduo e reveladas através do seu posicionamento podem manifestar os valores que o indivíduo considera os ideais, e em consequência se pode perceber a base da constituição de sua identidade. Assim, foi caracterizado como ponto de partida do processo de análise o posicionamento dos jovens em relação à cultura na qual estão inseridos. Tentou-se compreender o posicionamento dos jovens relacionando seus comportamentos ao pertencimento cultural dos mesmos. Verificou-se que a cultura é a propulsora dos valores que norteiam as ações desenvolvidas através do comportamento. Pode servir de fundamentação disto o trecho de uma entrevista realizada durante a pesquisa; quando se perguntou a uma jovem mato-grossense sobre os benefícios da participação no C.T.G., ela respondeu:

Na minha educação, fui muito bem educada, o C.T.G. ele educa a gente por ser uma entidade social, uma entidade cultural, você tem uma educação, um conhecimento mais amplo sobre o conhecimento de uma cultura, a respeitar a sua cultura e a cultura dos outros (Carla Scher, 23 anos, estudante).

A análise etnografia realizada no C.T.G. “Estância da Amizade” que teve como objeto o estudo deste C.T.G., analisando a interação e posicionamento dos participantes, em especial o grupo de jovens mato-grossenses que são filhos de gaúchos, fornece compreensão sobre a forma em que a identidade deste grupo de jovens foi constituída. Além disso, procedeu-se a uma contextualização histórica, da cultura e da tradição, para observar os elementos que possam evidenciar o que promove a caracterização de aspectos da cultura gaúcha pelos filhos de migrantes gaúchos.

Pode-se afirmar, com base no estudo realizado no C.T.G. “Estância da Amizade” da cidade de Sinop, que os jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas se posicionam como sendo nascidos no Estado do Rio Grande do Sul. Tal afirmação decorre do fato de que alguns destes jovens promovem ações demonstradas através do comportamento e revelam a intenção de serem reconhecidos como gaúchos. Através dos diálogos realizados

durante a pesquisa, pôde-se verificar que alguns dos pais destes jovens mato-grossenses consideram os filhos como gaúchos e demonstram naturalidade quanto ao posicionamento destes. As ações que os jovens praticam para serem reconhecidos como gaúchos são motivadas principalmente pelo convívio dos pais e pelo tradicionalismo enfatizado através do C.T.G. É possível, através da análise realizada, afirmar que grande parte dos jovens que são filhos de migrantes gaúchos e participam do C.T.G. “Estância da Amizade” constituíram suas identidades através de aspectos da cultura gaúcha. Contudo, alguns desses jovens não têm uma consciência clara de seu pertencimento étnico. Mas, mesmo demonstrando dúvida quanto ao pertencimento étnico, estes jovens mato-grossenses filhos de migrantes sulistas se posicionam como gaúchos.

Durante o estudo buscou-se evidenciar a cultura por considerar que o indivíduo constitui sua identidade através da cultura da qual participa. Segundo Geertz (2008), a cultura consiste em estruturas de significado socialmente estabelecidas, através das quais as pessoas se organizam, conspiram, se aliam e se percebem. Para o autor, a cultura é um fenômeno psicológico, uma característica da mente, da personalidade, da estrutura cognitiva de alguém. Assim, é possível considerar o processo de constituição do indivíduo de acordo com a cultura em que está inserido. Portanto, conclui-se que os jovens mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas e participam do C.T.G. “Estância da Amizade” constituíram suas identidades fundamentando-as através da cultura gaúcha, por estarem inseridos em um meio que apresenta aspectos da cultura gaúcha de forma acentuada.

Ainda almejando a construção de conhecimento sobre a constituição da identidade, expõe-se também a possível influência dos pais na constituição da identidade dos filhos, através da continuidade das tradições.

Durante o estudo sobre a visão tradicionalista da história do Estado do Rio Grande do Sul, verificou-se que o tradicionalismo deste Estado é marcante. De acordo com os conhecimentos adquiridos por meio da pesquisa, afirma-se que podem ser percebidos, de forma marcante, aspectos da cultura gaúcha na cidade de Sinop que são promovidos pelo tradicionalismo.

O processo de pesquisa e estudo para a realização deste trabalho, percebeu-se a proximidade de ações desenvolvidas pelos indivíduos participantes da pesquisa com conceitos produzidos por autores que fizeram estudos relevantes sobre o presente tema. Ao relacionar a pesquisa a tais conceitos foi possível alargar a compreensão sobre a constituição da identidade

dos mato-grossenses que são filhos de migrantes sulistas. Assim, é necessário compreender o meio onde estão inseridos estes jovens para posteriormente entender a constituição da sua identidade. Após inteirar-se, através da pesquisa, do meio no qual estão inseridos estes jovens mato-grossense, examinou-se a semelhança de ações de sujeitos envolvidos na presente pesquisa com sujeitos envolvidos em estudos desenvolvidos por autores conceituados.

Considera-se de grande importância para a presente pesquisa o estudo desenvolvido por Elias e Scotson intitulado “Os estabelecidos e os outsiders”. Através dele foi possível ampliar o entendimento da constituição do grupo caracterizado por sulistas migrantes e a relação deste grupo com as outras pessoas que não pertencem ao grupo. Neste estudo, os autores expõem sobre as relações de poder e desigualdades que são constituídas entre dois grupos, sendo determinadas unicamente pelo tempo de residência na cidade e formalizadas através do estigma. É possível estabelecer uma relação entre o grupo dos sulistas e os estabelecidos do estudo de Elias e Scotson, pois os sulistas, sendo os principais colonizadores da região Norte do Estado, já estavam estabelecidos na cidade de Sinop quando da chegada dos demais grupos culturais. O grupo constituído pelos sulistas pode ter relacionado a chegada das demais etnias como uma ameaça ao bom andamento da comunidade e se posicionado de forma organizada para manter as relações de poder e convívio comum que até então existiam. Nesta perspectiva fundaram um C.T.G., que fortaleceu a coesão do grupo e manteve a sua representatividade através de aspectos da cultura gaúcha.

Ainda no que tange à proximidade de ações de sujeitos envolvidos em estudos de autores e a presente pesquisa, pode-se ressaltar o estudo desenvolvido por Barth (1998) ao que trata da criação de fronteiras através da diferenciação cultural. Para o autor, a etnicidade é uma forma de organização produzida pelos grupos étnicos que fundamenta atribuições e cria identificação entre os indivíduos para fins de compartilhamento de valores culturais e fundamentais. Depois de organizado, o grupo passa a definir quem constitui e quem não constitui o grupo. Seguindo o conceito do autor, pode-se pensar o grupo constituído por sulistas como uma agregação humana constituída por características comuns veiculadas pela cultura e evidenciadas através do comportamento, que se agregam para compartilhar de valores culturais comuns. Após se sentirem parte do grupo, estes indivíduos passam a classificar outros como pertencentes ou não a ele.

É perceptível que ambas as formulações delineiem a cultura como fator relevante na constituição de grupos. Assim, é coerente o entendimento de que o grupo dos sulistas

migrantes tornou-se marcante na sociedade de Sinop através de dois aspectos. O primeiro é o fato destes gaúchos serem os principais colonizadores da cidade e, por isso, já estarem estabelecidos na região, tendo formulado certa organização e ordem hierárquica, quando da chegada das demais identidades culturais. O segundo é definir a cultura como fator fundamental para a agregação no grupo constituído por sulistas. Os indivíduos que chegaram após o período de colonização e compartilhavam de valores culturais semelhantes ao grupo já estabelecido, constituído por sulistas, foram aceitos nele e, juntando-se aos demais, também passaram a classificar quem pertencia ou não ao grupo.

Os conceitos de ambos os autores se fazem importantes na formulação do entendimento de que o grupo constituído por sulistas que residem na cidade de Sinop agrega grande número de indivíduos que compartilham de aspectos culturais semelhantes e se posicionam de forma organizada através do C.T.G. Assim, os mato-grossenses que são filhos destes sulistas migrantes se posicionam como pertencentes ao grupo por serem filhos de sulistas. Julgando-se parte do grupo, constituem o próprio direito de categorizar outros indivíduos.

A tradição é o meio que promove a maior caracterização de aspectos culturais que determinam pertencimento a um grupo. Assim, o posicionamento dos mato-grossenses filhos de migrantes sulistas é formulado através da tradição cultivada pelo C.T.G. e a sua identidade constituída através da cultura gaúcha. Porém, após realizada a pesquisa e feita a análise das conversas informais e, depois disso, fundamentar os dados obtidos através de bibliografia pertinente que se entende que os jovens mato-grossenses filhos de migrantes sulistas estiveram inseridos desde sempre em um meio que enquadrava as pessoas em termos de pertencimento grupal. Assim, além do interesse dos pais em manter os filhos em um meio caracterizado por aspectos culturais seus e de seus antepassados, os filhos também passaram a se sentir integrantes do grupo. Considerando que o fator de maior relevância para o pertencimento de grupo é a cultura, os jovens mato-grossenses filhos de migrantes sulistas passaram a fazer parte da caracterização cultural do grupo dos sulistas promovida através do C.T.G. “Estância da Amizade”. Estes jovens passaram a se autoidentificar como gaúchos e, a partir desse fato, constituíram suas identidades que foram formuladas através da cultura gaúcha. É possível compreender que estes mato-grossenses filhos de migrantes sulistas se posicionam através de valores presentes na cultura gaúcha e procuram se fazer percebidos como pertencentes ao grupo dos sulistas. Assim, eles podem ser caracterizados como sendo mato-grossenses tradicionalistas gaúchos.

REFERÊNCIAS

BARTH, Frederik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. p. 187-227.

BECKER, Howard Saul. **Outsiders: estudos da sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”. **Estatuto**. Sinop, 1991.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”. [Fotografias]. Sinop, 2010.

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS “ESTÂNCIA DA AMIZADE”. [Fotografias]. Sinop, 1991.

CORRÊA, Lúcia Salsa. **História e fronteira: o Sul do Mato Grosso**. Campo Grande: UCDB, 1999.

CORRÊA FILHO, Virgílio. **História do Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1969.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

ERARDI, Luiz. **Raízes da história de Sinop**. Sinop: Gráfica Grafpel, 2007.

EVANS-PRITCHARD, Edward E. **Primícias do desenvolvimento teórico**. Buenos Aires: Nueva Visión, 1975.

FAGUNDES, Antonio Augusto. **Cartilha da história do Rio Grande do Sul: uma nova visão da formação da terra do povo gaúcho**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1986.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLIN, Tau. **Por baixo do poncho**: contribuição à crítica da cultura gauchesca. Porto Alegre: Tchê, 1987.

_____. **O povo do pampa**: uma história de 12 mil anos do Rio Grande do Sul para Adolescentes e outras idades. Porto Alegre: Sulina, 1999.

_____. **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tchê, 1989.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MACHADO, Maria de Fátima Roberto. **Diversidade sociocultural de Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2008.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1984. (Coleção Os Pensadores).

MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac-Naif, 2003.

MEAD, Margaret. **Sexo e temperamento**. São Paulo: Perspectiva, 1988.

MORENO, Gislaene; HIGA, Tereza Cristina Souza. **Geografia de Mato Grosso**: território e sociedade e ambiente. Cuiabá: Entrelinhas, 2005.

MOVIMENTO Tradicionalista Gaúcho. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.mtg.org.br/>>. Acesso em: 18 ago. 2010.

OLIVEN, Ruben Georg. **A parte e o todo**: a diversidade cultural no Brasil-nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

PANOSSO NETTO, Alexandre. **Geopolítica, agricultores e madeireiros na frente oeste de colonização**. Campo Grande: UCDB, 2002.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. **Matuchos**: exclusão e luta: do sul para a Amazônia. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

SIDEKUM, Antonio; GRÜTZMANN, Imgart; ARENDT, Isabel Cristina (Org.). **Campos múltiplos**: identidade, cultura e história: Festschrift para Arthur Blasio Rambo. São Leopoldo: Nova Harmonia, Oikos, 2008.

SINOP. Prefeitura Municipal. [**Acervo fotográfico**]. Sinop, 2010.

SINOP. Prefeitura Municipal. [**Acervo fotográfico**]. Sinop, 1980.

SINOP. Prefeitura Municipal. [**Acervo fotográfico**]. Sinop, 1973.

SIQUEIRA, Elizabeth Madureira. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá: UFMT, 1990.

SOUZA, Edison Antônio de. **SINOP**: história, imagens e relatos: um estudo sobre a colonização. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso, 2004.

WINKIN, Yves. **Os momentos e os seus homens**. Lisboa: Relógio d'Água, 1999.

_____. **A nova comunicação é possível**: da teoria ao trabalho de campo. São Paulo: Papyrus, 1998.

XIMENES, Sérgio. **Mini dicionário ediouro da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Ediouro, 2000.

APÊNDICE A - ENTREVISTAS

A seguir está a transcrição completa de oito diálogos através de entrevista semiestruturadas.

Entrevista nº 1:

Carla Scher

Estudante

Idade: 23

Naturalidade: Sinop (MT)

Naturalidade do pai: Venâncio Aires (RS)

Naturalidade da mãe: Sapiranga (SC)

Participo do C.T.G. “Estância da Amizade” há 18 anos e participo como integrante do grupo de dança tradicionalista gaúcha desde os 5 anos de idade. Participei de toda a história do C.T.G. desde sua fundação.

Como você começou a participar do C.T.G.?

O pai ajudou até a construir lá, fazer o aterramento, montar a história, foi patrão, e eu sempre participei de todas as atividades do C.T.G.

Você acredita que seus pais tiveram influência na sua participação no C.T.G.?

Sim, desde a primeira vez que eles me apresentaram e eu vi que iria fazer bem pra mim, iria fazer bem pra minha família, eles saindo ou continuando lá, eu iria continuar lá, coisa que eu havia decidido desde pequena também.

Quais os benefícios que você acredita ter participando do C.T.G.?

Na minha educação, fui muito bem educada, o C.T.G. ele educa a gente por ser uma entidade social, uma entidade cultural, você tem uma educação, um amplo sobre uma cultura, a respeitar a sua cultura e a cultura dos outros. Como existe a sua cultura existe a cultura de, por exemplo, quem é aqui do Mato Grosso, a ter respeito pelas outras culturas também.

O que você acha do ambiente do C.T.G., será que ele motiva a educação e o respeito?

Motiva sim, porque lá assim, é um momento mais familiar. Não é um clube aonde vai só piazada fazer farra, vão sim jovens, vão idosos, vão crianças, é um ambiente familiar.

Você acredita que no ambiente do C.T.G. os pais procuram educar seus filhos a exemplo da educação que eles receberam?

Sim, é possível que os filhos vejam o que seus pais viveram, como foram educados dentro da tradição gaúcha e fora dali também, isso tudo são conversas que acontecem ali naquele ambiente.

Um dia, quando estávamos conversando, você me falou uma coisa que eu achei importante. Você me falou que as pessoas que se desligaram do C.T.G. não se deram tão bem na vida como aquelas que permaneceram.

É o que eu falo, de repente se o meu pai e a minha mãe não tivessem me levado para o C.T.G. e eu não participasse de lá, eu não sei se eu poderia estar viva hoje, se eu poderia estar no mundo das drogas, ser uma assassina, sei lá o quê. Tem pessoas que de fato deixaram de participar do C.T.G. que hoje não são bem vistas como de fato eu sei que eu sou pela cidade, pela sociedade que eu sei que conhece a tradição gaúcha, elas não são bem vistas como eu sei que eu sou por participar do C.T.G. É uma visão que você participando, as pessoas sabem que é um ambiente de respeito. Então a pessoa que participa de lá, ela tem a possibilidade de ser vista como uma pessoa diferente, uma pessoa bem educada, participando de lá a pessoa passa a ser bem vista pela sociedade.

Você se considera gaúcha, Carla?

Sim, eu me considero. Eu sou daquelas assim que penso que gaúcho não é quem nasce no Rio Grande do Sul, mas sim quem cultiva a tradição gaúcha independente do lugar que nasce. Eu nasci aqui em Sinop, no Mato Grosso, mas eu sou gaúcha porque eu cultivo a tradição gaúcha. Quem nasce no Rio Grande do Sul é sul-rio-grandense e aqueles que cultivam a tradição são gaúchos.

O que você tem a dizer sobre o Rio Grande do Sul?

Eu não conheço, só passei por lá algumas vezes. Mas eu imagino os lugares e sei da história que aconteceu. Pelo fato de eu ter sido primeira prenda do Estado do Mato Grosso, conheço parte da história do Estado do Rio Grande do Sul, da Revolução Farroupilha, as pessoas que foram importantes, é isso, pouca coisa porque eu não conheço pessoalmente, o que eu sei é a história. É o meu sonho ir lá conhecer o Rio Grande do Sul, como eles vivem lá a tradição gaúcha, como que funciona o C.T.G. lá... Sabe? Ver se é diferente daqui. Talvez indo pra lá conhecer e trazer alguma coisa de lá para a gente implantar no C.T.G. daqui, ou alguma coisa que a gente faça aqui e que eles possam estar implantando lá.

Para qual time de futebol você torce?

Inter. Sou colorada.

E a cultura gaúcha da sua família influenciou na escolha de para qual time de futebol torcer?

Ahhhh!!! É o Rio Grande do Sul. A rivalidade entre Grêmio Inter na rivalidade, mas para falar a verdade todos os dois andam juntos, os dois são Rio Grande do Sul. Meu pai torce

para o Inter e o marido é gremista.

Você toma chimarrão, Carla?

Tomo.

E o seu sotaque, você acredita que se assemelha mais ao mato-grossense ou ao gaúcho?

No dia a dia é mais ao mato-grossense. Mas quando tem festival, estas coisas, eu cantarolo mais do que uma pessoa que vive lá no Rio Grande do Sul, falo cantando mesmo, cantarolo dois, três. Quando estamos no C.T.G., a gente muda nosso sotaque automaticamente, quando a gente sai com as pessoas do grupo também, muda automaticamente.

Você acredita ter uma característica social que te diferencia de outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Sim, na minha personalidade, na visão que eu tenho. E eu sou bem segura sobre o que as pessoas de fora do C.T.G. pensam de mim. As pessoas que me conhecem sabem que eu participo e sabem que não adianta discutir comigo sobre isso (tradicionalismo gaúcho), que sabem que eu bato boca e eu estou certa e pronto e acabou. É um ego a mais. Este é meu ego. As pessoas percebem que eu participo do C.T.G. e sabem pelo tempo que eu estou lá dentro também. O tempo que eu me dedico ao C.T.G., quando eu era a primeira prenda principalmente e que hoje eu estou fazendo a cobrança das mensalidades, pela roupa porque eu sempre estou com a camisa do C.T.G. andando por aí, então, todo mundo sabe.

Você já usou a indumentária gaúcha para ir a outro lugar que não fosse o C.T.G.?

Já. A gente foi para um baile e eu me senti a tal, sei lá. Eu sabia que eu era diferente, eu sabia que tinha gente que ia achar aquilo lá ridículo, eu sabia que tinha gente que achava aquilo lá engraçado, sabia que tinha gente que admirava aquilo lá, achava bonito. Eu não me sinto mal quando eu vou vestida assim porque é o que eu gosto, e se tiver uma pessoa vestida de índio eu vou respeitar, assim como as pessoas também tem que me respeitar independente da roupa que eu esteja, e as pessoas sabem que elas têm que respeitar.

Com qual grupo de amigos você se identifica mais, com os amigos que fazem parte do C.T.G. ou com os que não participam do C.T.G.?

Com os amigos que tenho no C.T.G., porque a gente acaba ficando a maior parte do tempo juntos nos festivais, finais de semana sempre juntos. A gente já fez muita festa com os grupos antigos também, vamos em bailes, jantas, pizzas, sorvete, sempre que a gente ia fazer alguma coisa, saía o pessoal do C.T.G. todo mundo junto. Baile principalmente, sai o grupo inteiro.

Em sua opinião, por que a quase inexistência de pessoas negras participando do C.T.G.?

Porque eu acho que eles se sentem inferiores para ir lá, talvez. Porque talvez eles

possam imaginar que não seriam bem aceitos lá. Eu acho que qualquer raça que se difere dos brancos se sentem menosprezados de chegar a qualquer entidade, seja ela cultural, política ou religiosa. Mas o C.T.G. aceita qualquer pessoa que ir lá, não distingue raça, religião, cor e nada.

Você acredita que tem benefícios participando do C.T.G.?

Além de estar todos os dias aprendendo e ensinando uma coisa nova às pessoas que convivem comigo com os meus conhecimentos também, é a forma da educação. O que eu mais tenho ali dentro é o amor à educação, participando do grupo de dança, como primeira prenda, qualquer coisa que a gente participa é um benefício que todo mundo precisa ter.

Como você vê a continuidade da cultura gaúcha aqui na cidade de Sinop?

Muitas pessoas não têm respeito, nem pela cultura gaúcha, nem por outras culturas e tem muitas pessoas que respeitam a cultura, e de você ir em um almoço, de você ir em um evento, vão ter interesse em participar. Não é de uma hora para outra que você consegue continuar porque as pessoas não tem a garra de continuar com o C.T.G. pelos problemas que eles passam, porque toda entidade social passa por problemas. A pessoa que não tem amor pela cultura, no momento que a instituição está em maus momentos ela vai sair, mas as pessoas que realmente amam a tradição e que aprendem a gostar disso, elas vão dar continuidade, sim. Todo grupo tem as horas boas e as horas ruins e as pessoas que vão dar continuidade à cultura gaúcha são aquelas que passam tanto pelas horas boas como pelas horas ruins.

Tem alguma coisa que você queira falar?

Eu amo o C.T.G.! Eu amo a tradição gaúcha! É isso.

Entrevista nº 2:

Senhor Viro Ludwig

Idade: 57 anos

Comerciante

Naturalidade: Santo Cristo (RS)

Se nós pegarmos a parte tradicionalista, vamos dizer a parte gauchesca que deveria existir dentro lá, mas que não existia mais é... eu fui uma das resistências, também não concordei com isso e também tentei convencer os companheiros, eu falei: - Nós vamos ser usados mais uma vez como este presidente do antigo Amazônia, presidente do conselho chamado Valdemar Brandão, ele sempre usava de muito como trampolim político o C.T.G., antigo C.T.G., né... E nós não concordamos com isso porque nós não queríamos nada de política, porque a política foi que acabou justamente essa investida em política, associação política, essa investida em política que acabou com o C.T.G. de lá, no fim virou um clube social, muito bom, porque Sinop precisava mesmo de um clube.

Só que nós tivemos um problema quando nós fomos pedir para a colonizadora um terreno pra o nosso C.T.G., o Enio Pipino falou pra nós: por quê? Eu já dei um terreno para o C.T.G., um terreno de 15.000 m², acho que é 15.000 m², e aí eu falei: Olha, seu Enio, a grande verdade é que lá não funciona um C.T.G., isso virou um clube. E inclusive eu passei isso por escrito pra ele, que nós não queríamos questionar a questão do clube, que se ele deu alguma coisa para o C.T.G., mas que depois for ser um clube e que servia a cidade e que servia muito bem porque não havia outro, então ele estava cumprindo com um papel social, que na verdade deixou-se um vácuo aqui em Sinop, com questão a uma área de fazer eventos e o C.T.G. Porteira da Amazonas pegando este lugar, preenchendo esta lacuna, que não havia outro lugar, então ele foi servindo pra isso, com isso nós deixamos claro pro Enio Pipino e ele acabou entendendo, que nós queríamos um C.T.G. e não um clube social.

O C.T.G. é um clube social, mas da cultura gaúcha. Com isso, o seu Enio acabou concordando, porque nós tínhamos um objetivo que nós descrevemos, inclusive mandando nosso estatuto junto, e a proposta, pro seu Enio, e a proposta, e a partir daí a colonizadora mudou o sistema de fazer doação de terrenos de áreas para entidades e para outros afins, porque eu sugeri pra eles que eles fizessem uma cláusula, vinculassem a escritura em uma cláusula e que colocassem uma cláusula de reversão, que esse clube, esse C.T.G., deixasse de cumprir os seus objetivos, que a colonizadora tomasse de volta porque nós não queríamos fazer o que os outros fizeram, então que fosse do agrado deles.

Por exemplo, depois funciona outra coisa, uma coisa diferente, então se eles analisassem que isso não era, por exemplo, do interesse deles que eles doaram para um C.T.G. e depois funciona lá um clube particular de repente, e isso não é para beneficiar pessoas, isso é para beneficiar a cultura, a cultura local porque eles doaram. E aí eles fizeram isso, concordaram e nos deram a metade de uma quadra de 10 mil metros, e como reserva nós fizemos a segunda parte, e hoje nós temos a escritura das duas partes, mas nós temos um problema ainda que nós temos que cumprir com uma parte que não foi ainda cumprida, que é aquela área que se destina, porque eles queriam saber para que nós queríamos a outra parte, então tivemos que fazer um projeto e propor o que nós queríamos, e isso foi averbado no cartório de registro, então nós temos que cumprir ainda com uma parte para, para legalizar, para nós nos tornarmos donos, temporários, mesmo assim, daquela área que nós pedimos por último, que é para construir uma cancha de bocha e bolão.

Tem um barracão lá que é construído para isso, mas este barracão, com as novas leis ele já está sofrendo umas restrições aí no estilo da construção, então nós temos um probleminha lá para resolver.

Mas no dia, isso eu não me arrependo, que deixar de cumprir o objetivo que se fez de ser um C.T.G., um clube onde cultuasse a tradição gaúcha, que se fizesse aquele trabalho em cima da família, que se valorizasse a família, porque isso que o seu Ênio gostou na nossa proposta, ele inclusive chegou até a comentar que uma carta dessas ele nunca tinha recebido como a é que eu escrevi, é, eu que escrevi esta carta. Ele falou que nunca viu uma carta com o entusiasmo e a intenção tão boa, só que para garantir isso eu sugeri que então se fizesse esta cláusula de reversão. Se não fosse cumprido aquele entusiasmo que o seu Ênio atendeu, aquele entusiasmo nosso, então que se revertesse, e eu acho mais do que justo que se faça isso. Então a partir da hora que nós começamos a conversar entre nós sobre isso o seu Ênio passou a entender de uma forma ainda melhor os nossos objetivos. O ambiente que nós esperávamos promover no C.T.G. Então no C.T.G. foi criado um ambiente de respeito, um ambiente familiar. E as pessoas gostam, e quando você chega num lugar que você consegue conversar, você não precisa gritar que nem um louco, e que você vê os pais com seus filhos, onde os meninos ainda vão e pedem para a moça para dançar, vão buscar ela na mesa e

depois trazem ela de volta, esse tipo de coisa, um ambiente de respeito. Com certeza, eu incentivei meus filhos a participar do C.T.G., só que hoje eles não participam muito, como eles não vão em outros bailes, então, mas você sabe que você constrói o ser humano até os 10anos? Então não vai tardar eles vão ver que eles pertencem a este tipo de sociedade e quando eles vão começar a frequentar os lugares nos quais eles participaram quando criança, não vão pender para a bagunça e locais que os prejudicam, que apresentam naturalidade com a bebida e até com as drogas.

Quem comandou o sucesso do churrasco do CTG foi do comando do Flaviano, então, como o sucesso com a burocracia e de infraestrutura, podemos dizer que eu sempre tive aquela coragem, de peitar as coisas e de decidir. Logicamente não foi eu sozinho que fiz, então, eu tive o apoio dos outros, o Flaviano teve o apoio dos outros.

Eu nasci em Santo Cristo, Rio Grande do Sul, e a esposa em Santa Rosa ,no Rio Grande do Sul também, somos os dois gaúchos. Moro em Sinop há 31 anos. Quando cheguei a Sinop, era uma coisa tão engraçada que se você olhava assim, tudo toco, poeira, aquele mato simplesmente queimado, só tinha madeira aqui. Os terrenos eram vendidos, simplesmente derrubado o mato, queimava, abria a rua, aí marcava o terreno e você se virava em limpar o terreno, não tinha água, não tinha energia, meio fio, asfalto nem se fala. A energia nesta rua eu tive que pagar a rede na conta de luz, eu fui pagando a rede para ter energia aqui, porque não tinha como, não tinha energia, as Centrais Elétricas Mato-grossenses (Cemat) não tinham condições de trazer energia, era uma empresa estatal, mas, como toda a estatal, tinha as suas deficiências, e esta casa aqui eu construí em 1980, esta casa eu sei que ela pra ter bomba de água, como é que fazia sem energia, aí tinha um poço dito popular onde você tirava água com o balde, e neste caso aí eu até comprei um cata-vento, nunca montei ele, mas eu queria montar o cata-vento para ir puxando água, porque na seca havia muito vento aqui, como sempre tem ainda, porém fizeram um acordo com os moradores. Foi feita a distribuição de energia e aí os moradores pagaram, não sei por quanto tempo a gente pagou na conta de luz a instalação de rede.

Eu vim solteiro, a noiva ficou lá aí eu arrumei um serviço para ela, que ela era professora formada, eu cheguei em março e em dezembro eu fui lá para casar e já voltei novamente com ela com mudança e tudo. Eu casei praticamente por correspondência, a carta que confirmava o pedido... Porque eu disse lá o seguinte: eu vou para o Mato Grosso, não sabia para qual lugar, vim até aqui para ver se eu ia pra frente. Eu tinha conhecidos morando aqui, então os conhecidos, quando vinha gente conhecida, ficavam faceiros. Estavam perdidos aí no meio do mato, então quanto mais gente junto, melhor se sentiam, então me seguraram aqui, falaram pra eu ficar aqui. Fiquei um bom tempo sem trabalhar, se eu fosse puxar prancha eu ia trabalhar no primeiro dia, se eu fosse pedreiro eu ia trabalhar no primeiro dia, mas não era isso que eu queria. Então, eu cheguei em março, comecei a trabalhar se não me engano em março ou em junho, na escola Nilza, que era a única escola que havia na época, fui lá ser supervisor da escola no período noturno, acabei virando professor, não sou professor formado, mas, na deficiência de professores, muitas vezes para eu conseguir fechar a grade à noite eu as vezes atendia duas salas como professor. Porque tinha professor que simplesmente sumia, eu tive professor que eu substituí mais de 30 dias, nunca recebi por isso, a pessoa depois disse obrigado, porque tinha um problema de doença, ela sumiu e eu fui substituindo, aplicando prova do jeito que eu sabia e depois meu trabalho foi avaliado como bom.

Em julho, fui trabalhar em uma empresa, uma oficina de máquinas pesadas. Não encontrei aqui muitas pessoas da minha região, mas tinham, sim, várias famílias que migraram do Rio Grande do Sul para o Paraná e depois estavam aqui, que eram famílias conhecidas e que a gente encontrou por aqui. Aqui no início aqui era muito mais pessoas do

Norte do Paraná e do Sul de São Paulo, tinha nordestino, eu comprei uma chácara de um pernambucano, mas o que mais tinha era paranaense, principalmente do norte do Paraná, porque a colonizadora veio daquela região do norte do Paraná. Ela colonizou cidades no norte do Paraná e com isso ela fez aquela propaganda lá e abriu esta gleba aqui e foi vendendo aqui.

Para chegar aqui de ônibus, que primeiro eu vim de ônibus em março, e para vir de ônibus de lá até aqui eu sei que o fim do período chuvoso é o mais crítico, dá para se dizer porque estrada já não tem mais. Então, eu vim empurrando o ônibus de lá até aqui, chovia, eu estava sem camisa, chovia, começou a ficar frio, eu estava todo molhado, aí voltava o ônibus, dali a pouco ele estava encalhado novamente. Aí encontravam soluções, até um jipe se aventurou a puxar o ônibus, o ônibus estava acavalado, não encostava mais as rodas no chão, aí o jipeiro mandou nós subir em cima do jipe para dar peso, aí ele deu um ré e falou: - Agora tem que ser no tranco! Ainda eu falei: - Não faz isso! Porque ele tinha um cabinho de aço fino e isso poderia arrebentar e vir nas costas da gente. E o cabo arrebentou mesmo, tanto que quando o jipe parou, eu estava lá na frente, rolei por cima do piloto do jipe e do capô e fui parar lá na frente. Sorte que o cabo, quando arrebentou, bateu no ônibus, mas quebrou o para-brisa. Aí veio um outro caminhão e puxou o ônibus e com isso arrancou o para-choque traseiro que ficou lá. Nós saímos de Cuiabá com o ônibus bonitinho, nós chegamos aqui ele não tinha para-choque dianteiro nem traseiro, faltava uma tampa do porta mala e o para-brisa. O ônibus tinha que ir por cima do cerrado, a estrada estava impedida, aí ele ia por cima do cerrado, nós escorava o ônibus em barranco para ele não cair, que eu achava uma loucura. Mas nós chegamos, saímos de lá as 16:00 horas de Cuiabá, chegamos aqui 12:00 do outro dia. O normal eram três dias de viagem do Rio Grande do Sul até o Mato Grosso, quando não era período chuvoso. Saía daqui e em três dias você estava no Rio Grande do Sul. Porque você ia por São Paulo, Cascavel e chegava no Rio Grande do Sul. Só que a mudança, nós saímos de lá numa quarta-feira de madrugada e cruzamos por Prudente com uma F 4000 e chegamos em Cuiabá no sábado, porque F 4000 também não anda muito e parava à noite para dormir, então nós chegamos na sexta-feira em Cuiabá, compramos uma carne, compramos a carne, mas aquilo nem dava vontade de comprar, tinha cachorro andando debaixo da carne pendurada, mosca. Se você passa em Cuiabá hoje, você não tem idéia do que era aquilo antes. Nós fizemos comida um pouco pra cá de Cuiabá, pra cá do Trevo do Lagarto nós fizemos a comida. Estavam os meus dois irmãos juntos que vieram para conhecer, meu sogro estava junto que ele era o dono da F 4000 e eu e a noiva em lua de mel. Aí eu falei, depois que nós tínhamos almoçado: - Amanhã, se Deus quiser nós estaremos em Sinop, o meu irmão queria morrer, ele achou que nós íamos um trechinho assim, porque ele era acostumado de Santa Rosa a Santo Cristo, que era chão, e isso dá uns 15 ou 20 km, e ele ficou imaginando na cabeça dele que era ir um trechinho desses. Quando eu falei: -Se tudo correr bem nós amanhã a esta hora estaremos em Sinop, isso era depois do meio-dia, né ,aí ele ficou apavorado. Mas fomos até a cidade de Jangada, de lá nós andamos ainda uns 80 km, de onde nós tínhamos parado até Jangada e aí ele desistiu, ele disse: - Eu vou embora, eu não vou nesta merda chamada Sinop. Ele desistiu, ele disse: - Não, eu vou ficar aqui, vou pegar um ônibus de volta. Outro meu irmão também ficou, porque não tinha como aguentar, porque nós fizemos um lugar em cima, era enlonado e fizemos um lugar para ele viajar em cima, até era gostoso, bom assim de viajar, aí os dois ficaram em Jangada e nós seguimos em frente. Eu falei: - Vocês que sabem. Eles falaram: - Não, eu não vou mais pra frente. O outro falou: - A estrada é pior lá pra frente? Eu falei: - É pior! Aí ele me disse: - Eu vou voltar, vou voltar!

E nós seguimos em frente, quando nós chegamos aqui, eles já estavam aqui, porque eles pegaram um ônibus em Jangada. Porque o meu irmão falou pro outro: - Não, eu vou até lá, eu cheguei até aqui, não vou voltar, vou até lá, mais 400 km eu agüento. Então o outro veio também. Vieram de ônibus, andaram até mais ou menos 80 km em pé, e dormiam em pé,

porque 80 km não era uma hora para andar, desce para empurrar o ônibus, isso em dezembro já, naquele ano de 1980, começo de 1980 a BR ficou simplesmente intransitável, fechou, não passava mais ninguém. Então eles vieram de ônibus, eles cruzaram, que nós dormimos no rio Arinos, porque falaram assim: - Não vão à noite porque vocês vão cair num buraco, numa erosão feia, vocês vão cair lá dentro. Aí nós dormimos lá e eles passaram de ônibus à noite e chegaram meio-dia mais ou menos em Sinop e nós chegamos naquele dia de noite, umas 22:00 com a mudança e encostamos ali onde eu ia morar. Fui morar em uma garagem que tinha lugar para fazer comida, a cozinha e a cama, só isso. Mas tinha uma casa, em anexo, muito grande, e quem morava ali era o dono da casa e dono de uma empresa, e ele foi embora, quando eu cheguei ali ele foi embora com a família. E aí eu tomei conta daquela empresa, continuei com aquela empresa tomando conta, porque ele não quis mais ficar aqui. Mas foi uma aventura e tanto. Quando eu cheguei aqui e arrumei emprego e casa, mandei uma carta confirmando o casamento para o dia 15 de dezembro, mas a carta chegou depois que eu lá. Eles fizeram os preparativos para o casamento mesmo assim, nas escuras. Tenho três filhos sinopenses, dois netos. Veja bem, eu cheguei aqui solteiro, já tenho dois netos, o mais velho vai fazer 10 anos, eles dão continuidade à cultura gaúcha. Eles tiveram um convívio, principalmente com a fundação do C.T.G., então, a família teve um convívio muito grande dentro do C.T.G. Embora que hoje não podemos dizer que seja tradicionalista, mas eu também não era um tradicionalista. Como a cultura é uma coisa muito bonita, então todo mundo gosta, eles também gostam, se criaram ali dentro. Uma das filhas foi batizada no rito crioulo, é a mais nova, então todo mundo gosta, de baile... E olha, para te falar a verdade, criar uma família dentro de um C.T.G. é sorte, a gente tem sorte quando pode fazer isso. Muita gente não tem uma sociedade que tem respeito como no C.T.G., então não posso dizer que não sejam bem criados. O nosso C.T.G. tem ambiente favorável à participação da família, isso eu posso te garantir. A carta de princípios do MTG do Rio Grande do Sul diz isso e nós seguimos isso. Agora no Rio Grande do Sul estão fazendo o contrário, como eu estou percebendo quando eu vou para o Rio Grande do Sul, a música gaúcha não existe mais, existe uma bateção de lata. Nós ainda temos música gaúcha aqui, se você for ligar o rádio, qualquer horário de música sertaneja toca ainda aquelas músicas gostosas de antigamente, aquelas músicas que tinham ritmo, que tinham letra, agora hoje você não vê mais isso. Tem os Tchê Barbaridade, Tchê Bagoal e os Tchê não sei do que, que começou a deturpar, a música gaúcha está pegando um rumo que na verdade na minha opinião eles estão procurando uma coisa que eles não perderam, eles ainda não sabem o que eles perderam. Para você ter uma ideia, a música sertaneja pegou a música gaúcha e fez uma mesclagem, e o gaúcho foi fazer a mesma coisa, foi fazer moda, fazer sucesso e os C.T.G.s aceitaram isso. Aqui o nosso C.T.G., eles não aceitam isso, então, quando tem um C.T.G. que se preze, ele diz: - Olha aqui é primeiro lugar música gaúcha, música fandanguera, nada de gente aloprada gritando que nem macaco de cima do palco como está acontecendo.

Entrevista nº 3

Entrevista de Otávio Fernandes

Idade: 57 anos

Comerciante

Naturalidade: São Paulo das Missões (RS)

Naturalidade da esposa: Cerro Largo (RS)

Quanto tempo vocês moram em Sinop?

Nós moramos há 33 anos aqui em Sinop.

E o senhor lembra como era a cidade quando vocês chegaram até aqui?

Ahhh! Eu lembro, aqui todo mundo conhecia todo mundo, na época, vamos dizer... A população não era nem centena, eram menos de 100 pessoas que faziam o centro da cidade, que formavam a população do centro da cidade naquela época. Isso foi no início de 76, então faz mais de 30 anos que a gente mora aqui em Sinop.

E pessoas de qual região se encontravam mais facilmente aqui?

Olha, na época existia muito paranaense da região de Londrina, Maringá, que na época a cidade de Sinop foi incentivada através do plantio de café e os cafezeiros paulistas. O povo que tinha tradição de cultivar café que se encontrava mais na época era paranaense e o povo de São Paulo, de Minas, tinha mineiro, mas tinha mais paranaense.

O senhor lembra de como as pessoas chegavam para morar aqui?

Olha, nós chegamos de carona e com um filho no braço que completou 20 dias aqui em Sinop. A gente chegou de carona em uma veraneio na época, em um tempo muito chuvoso, um tempo muito difícil, porque tudo era difícil, nada tinha. Então, para você adquirir um pedaço de carne era muito difícil, na região de Sinop não existia gado, nada. Mas as outras pessoas vieram à procura de trabalho, à procura de emprego, porque o Paraná não oferecia mais emprego, então, como a gente era jovem na época, vinha na oportunidade de trabalho, o que tinha aqui era trabalho, era emprego. As pessoas melhores de situação já chegavam de mudança, outros que vinham à procura de emprego já chegavam de ônibus. Mas eu e a minha esposa, nós chegamos na época com um filho no braço e de carona.

Quantos dias vocês viajaram para chegar até a cidade de Sinop?

Pra chegar do Paraná aqui nós levamos cinco dias de lá até aqui.

Quantos filhos o senhor tem?

Nós temos um guri paranaense.

O senhor é um dos fundadores do C.T.G. “Estância da Amizade”; o senhor lembra como foi fundado e por qual objetivo aconteceu a fundação deste C.T.G.?

Veja bem, a gente, como vinha trazendo o sangue do gaúcho, tanto eu como a minha esposa, e a gente gostava de baile. A ideia de fundar um C.T.G. aqui em Sinop surgiu porque a gente foi em um baile numa cidade vizinha chamada Sorriso, aonde que a gente assistiu a um grupo de dança se apresentar, uma dança que a gente acha lindo, que é a dança gaúcha, e a gente nos perguntou entre três casais, por que não ter um C.T.G. em Sinop, que é maior que Sorriso, e Sorriso tem e Sinop não tem. Nós, os três casais que estavam no baile, voltamos para Sinop e expandimos a ideia para os amigos, povo do Sul e não povo do Sul, paranaense, paulista, porque não importa você ser do Rio Grande para gostar da tradição, gostar de uma

cultura, basta você gostar dela, você pode ser paulista, você pode ser mineiro. Portanto, a gente tem este tipo de pessoas que não são gaúchos e gostam da cultura gaúcha, participam e têm filhos no grupo de dança gauchesca. Então, onde surgiu a idéia foi na cidade de Sorriso, e a gente chegou e expôs isso para os amigos contando que a gente assistiu ao grupo do C.T.G. da cidade de Sorriso e é lindo, é espetacular, e por que não cultivar a nossa cultura que a gente aprendeu lá no Sul. Apesar de a gente ter saído novo lá de baixo. Então se chegou à conclusão de a gente fundar um C.T.G. aqui em Sinop, foi muito trabalhoso, a gente começou as reuniões em casa, fazer jantares no barracão do cunhado meu para arrecadar fundos para poder ter um início. A gente na época alugava, por exemplo, o pavilhão da igreja e de outras comunidades para promover eventos para arrecadar fundos para iniciar a construção do barracão do C.T.G. que é hoje. E eu, como fundador, eu fui por duas gestões patrão do C.T.G.. Chama-se patrão e patroa, e por duas gestões eu fui patrão do C.T.G. e por duas gestões a gente tem o compromisso de organizar de uma maneira geral, tanto o homem faz a sua parte como a patroa, minha esposa, fazia a parte dela.

Houve algum interesse de que seu filho desse continuidade a esta mesma cultura tradicional gaúcha do senhor e da sua esposa?

Veja bem, até a idéia de fundar o C.T.G. aqui em Sinop surgiu por causa dos filhos da gente, que a gente já, sabe como que é... Como a gente tinha os filhos pequenos e na época a diversão era muito pouca aqui em Sinop e até a gente tinha uma preocupação com nossos filhos e até hoje tem. - Onde que estão nossos filhos e aonde que vão nossos filhos? E sabendo que quando freqüentassem o C.T.G., eles estavam bem guardados. Então, isso influenciou a gente de fundar o C.T.G., de trabalhar, encarar, devido aos filhos. Até hoje muitos pais fazem isso, o patrão que nós temos, em nosso linguajar é o presidente, ele tem três filhos e procurou frequentar o C.T.G. por causa dos próprios filhos dele. A gente lutou tanto na época, mas o interesse é que a gente gostava da cultura gaúcha e para ensinar os filhos que até hoje participam.

Em sua opinião, o C.T.G. influenciou na continuidade da cultura gaúcha na cidade de Sinop?

Ahhh, sem dúvida! Muita gente que frequentava, até os próprios filhos que se criaram dentro do C.T.G., moram no C.T.G., eles, pessoas jovens que na minha época, que como eu falei fui patrão, foram campeões do Estado em um concurso de dança de salão e que hoje são pais de famílias, mas na época eles foram campeões do Estado, na minha gestão como patrão foram campeões do Estado e hoje são pais de família, já os filhinhos deles já estão frequentando, já fazem parte do grupo de dança mirim ou do grupo juvenil. Então muito influenciou, mas muito influenciou até porque a gente vê lá criança que mal caminha e que está andando com um bombachinha dentro do C.T.G., isso vem trazendo não daqueles que nunca participaram, mas sim daqueles que vieram fazer parte, se criaram, se casaram e de jovens estão formando a sua família, formaram a sua família e até hoje fazem parte. E tantos que foram embora, mudaram para cidades vizinhas, mas eu acho que influenciou muito, com certeza. Porque os eventos, até nós vamos ter a festa da picanha agora dia 06/06, e a gente tem uma programação de servir no sistema rodízio de 1.500 a 1.800 pessoas. Então é a festa da picanha, que já é uma festa tradicional, é a 6ª festa da picanha, e o incentivo disso veio através da cultura, veio pela parceria de quem gosta da cultura. – Você entendeu? Senão a gente jamais teria coragem de promover um evento desse, é um evento caro, né? A gente sabe quanto custa o kg da picanha. E através da parceria daquele que faz parte da cultura gaúcha,

daquele que é gaúcho ou é paulista ou é mineiro e que traz esta força para nós de promover este tipo de evento. – Você entendeu?

O senhor acredita que os jovens desfrutam de benefícios participando do C.T.G.?

Veja bem, não vou dizer que a educação é diferente, eu acho que todo filho educado é uma educação. Agora, a maneira de ele ser, a maneira dele agir. Porque ele recebe uma energética ordem do professor de dança, ele aprende a ficar quieto na hora certa, ele aprende a falar na hora certa. Então eu acho que não queremos ser diferentes, pelo contrário, queremos chamar mineiros e paulistas para a nossa casa que é o C.T.G., segunda casa nossa é o C.T.G. Mas, neste sentido, não é que a nossa educação é diferente, como eu acabei de falar, mas a pessoa de bombacha, aqui eu digo que ela procura ser diferente. Até porque quando nós fazemos um evento, como nós falamos antes, os jovens têm a obrigação de trabalhar, de ajudar, tanto os rapazes quanto as moças. As moças têm a obrigação de ajudar na cozinha, aprender a cultura gaúcha, aprender a fazer um carreteiro, e os rapazes a obrigação de aprender a assar uma carne e eles têm a obrigação de ajudar. Então, que acontece? Eu acho que muda um pouco a maneira deles ser, quando ele frequenta um C.T.G. porque o que nós falamos antes, ele usa uma faca no meio de mil, duas mil pessoas e nunca, desde que o C.T.G. foi fundado, nunca surgiu uma dúvida dentro do C.T.G. “Estância da Amizade”, uma dúvida de briga. - Ahhh mas o fulano está armado, ele está usando uma faca! Não, pra nós não é arma, é uma ferramenta. Então eu acho que no momento que um jovem está dentro de um C.T.G. , no momento em que ele trabalha e usa sua ferramenta, a mentalidade dele muda e ele se torna diferente.

O senhor incentivou o seu filho a participar do C.T.G.?

Ahhhh, sem dúvida ! Até hoje eles ajudam o pai, eu ajudo na coordenação dos eventos, eu faço a coordenação da parte da carne, e eles estão com o pai deles. Um ajuda na churrasqueira e o outro ajuda a servir. Um é casado, inclusive, tenho neto já! Mas eles ajudam, os dois ajudam a gente.

O senhor percebe que seus filhos dão continuidade à cultura gaúcha?

Sim, porque hoje o netinho de 6 anos anda de bombacha e de bota dentro do C.T.G. e ele gosta, ele já quer colocar uma faca na cinta pra ajudar. Ele acha que já pode ajudar. A neta, ela tem 9 anos, ela briga com a mãe, que dizer ela briga no bom sentido, ela chora para quando tem almoço no C.T.G. ela ir lá. Ela usa seu vestidinho de prenda com 9 anos e ele com 6 sua bombachinha e vão lá ao C.T.G. e chora porque o vô está lá, a vó está lá e tem muitos coleguinhas e eles vão pra lá.

Não só passamos pros filhos, estamos passando pros netos também, graças a Deus!

É uma pena que o país é pobre de cultura, eu acho que hoje o país é pobre de cultura, falta de incentivo do governo federal, do governo do Estado. Nós nunca tivemos um apoio do governo do Estado ou governo municipal, nunca nós tivemos apoio, nós fomos campeão estadual e inclusive nós fomos vice-campeão do Estado já pouco tempo atrás e nós nunca tivemos um apoio do município, no caso da prefeitura, sempre nós andamos com as próprias pernas, é muito difícil, mas sempre nós andamos com as próprias pernas. Então, eu acho que tanto o governo estadual, governo federal, governo municipal tinham que incentivar mais a cultura. Porque cultura é educação, é onde que se cria respeito. É igual você ir em uma sala de

aula, por lá você tem que aprender educação, na cultura você também aprende, na cultura hoje no Brasil, eu digo que é uma vergonha que se investe tão pouco em cultura, que nem a saúde também, eu acho que hoje a cultura é uma saúde e nós estamos carentes dela, acho que o nosso país hoje está carente da saúde e da cultura, este é o meu ponto de vista.

O senhor lembra-se de como era o perfil das pessoas que começaram a participar do C.T.G.?

Meu irmão na época era um rapaz solteiro, mas isso ali logo expandiu, e entrou paranaense, entrou paulista, entrou mineiro, entrou pessoas de vários estados, porque na época não era tanto o povo do Sul, o povo do Sul veio mais tarde. Quando se chegou à conclusão que a nossa região não era produtora de café, mas sim de outras culturas, aí sim que o povo do Sul veio se aproximando. Hoje o C.T.G. é mais forte do que foi no passado porque nós tivemos um povo do Sul que vieram de outras cidades do Paraná, mas que tem o sangue gaúcho, que é filho, neto, que tem alguma coisa da cultura gaúcha que é por isso que o C.T.G. é o que é, que é mais forte, é mais forte do que alguns anos atrás por causa disso.

Como o senhor vê o perfil das pessoas que participam do C.T.G. “Estância da Amizade” hoje?

Normal... Normal... Normal.

Em sua opinião, por que há quase que uma inexistência de pessoas da raça negra participando do C.T.G.?

Nós tivemos pessoas negras participando, até vou lhe dizer sobre um caso que aconteceu pra mim estes dias e que nunca me aconteceu. Vamos fugir um pouco do assunto. Então aconteceu o seguinte, eu não sabia ao nome de uma pessoa, e, como a pessoa é uma pessoa possante, reforçada, é uma pessoa morena, eu falei: - Ô moreno, tudo bom? Bom dia, moreno! Como você está, tudo bem? E ele me disse: - Não, eu não sou negro! Eu tenho nome! Então eu acho que, apesar que hoje nós temos gente morena que fazem parte do C.T.G., não vou chamar de preto, mas nós temos gente morena que fazem parte do C.T.G., que fazem parte do grupo de dança, mas não são numerosos, mas, sim, são bem aceitos, porque a cultura gaúcha não tem racismo. Com certeza não tem racismo porque eu faço parte lá dentro, no passado, inclusive na época do campeão estadual nós tivemos gente escura, e o C.T.G. toda vida teve as portas abertas para qualquer pessoa que seja, não importa o estado que ela veio. Inclusive tinha gente que chegava e falava pra nós: - Mas eu não tenho bombacha para frequentar o C.T.G., mas nós falava: - Não, então vem do jeito que você pode. Nós não exigimos, no começo, sim, até porque a gente não conhecia, mas depois a gente foi se aperfeiçoando. Mas hoje o nosso caminho é resgatar, é trazer, não é empurrar. Então você poderia fazer esta pergunta em cima de racismo, de repente eu poderia entender a tua pergunta como a cultura gaúcha é racista, mas nós temos outros tipos de dança, temos a capoeira, e é difícil um branco participar de uma capoeira. Não é verdade? Eu nunca vi um branco participar de uma capoeira, é sempre pessoas morenas. Porém no C.T.G. existem muitas pessoas morenas, inclusive foram embora para Cáceres, vou lhe dizer, mas desculpe a expressão, pessoa preta que fazia parte do meu grupo de churrasqueiro. Eu adorava esta pessoa, gentil, prestativa, então sobre esta questão, até eu te faço esta pergunta: - Por que eles não vêm e se apresentam? Será que eles não usam o racismo da própria pessoa? A pergunta que eu sempre me faço é a de que: - Será que as próprias pessoas morenas não são racistas da

própria cor? Esta é a minha dúvida.

Como o senhor vê a continuidade da cultura gaúcha pelos jovens sinopenses?

Poderia ser melhor, a verdade é esta, ela poderia ser melhor, porque os jovens de hoje, eles querem muita liberdade e pouco compromisso, é mais fácil um jovem pular em uma praça qualquer tipo de música do que um jovem de repente manter a sua educação que vem de casa, ele pode ser paranaense, pode ser paulista, mas ele tem aquela educação que vem de casa. Aonde que a liberdade foge desta educação que vem de casa e com a música popular, uma música mais liberal. Porque o C.T.G. tem ordens, ele tem um respeito. Um respeito que em outro lugar ele não teria, por exemplo em uma discoteca, muda um pouco. Pode ser até que ele tenha aprendido com os seus pais a se comportar diferente, mas você sabe que ele chega fora e não usa este mesmo comportamento. No C.T.G., com este comportamento que ele aprendeu em casa, ele teria toda a liberdade, mas com este comportamento que ele aprendeu em casa. E em uma discoteca pública ou na rua a pessoa foge da educação de casa, com certeza, e o C.T.G. não aceita esta falta de educação. É isso aí.

Entrevista nº 4 [Quarta entrevista]

Vania Rolls

Dona de casa

Idade: 23

Naturalidade: Vila Bela da Santíssima Trindade

Sou neta de gaúcha, só que meus avós não cultuavam a tradição gaúcha, meu avô mesmo veio aprender o português com 6 anos de idade. Eu recebi um convite do meu pai para participar do C.T.G. quando eu ainda era criança, e a gente veio a conhecer a cultura gaúcha aqui no Mato Grosso. E fortaleceu mais ainda a cultura gaúcha depois que eu me casei porque o meu marido é gaúcho.

Seu pai é gaúcho?

Não, meus avós são gaúchos, meu pai é catarinense, mas a gente veio conhecer a cultura gaúcha aqui no Mato Grosso.

Então foi seu pai que influenciou você a participar do C.T.G.?

Sim. Foi meu pai, mas não era assim tão forte, participava do grupo de dança, das festas. Mas a tradição de chimarrão em casa, tal, foi depois que eu conheci o meu marido. Estando no C.T.G. ou não, eu sou gaúcha, mesmo sendo mato-grossense.

Onde seus pais nasceram?

Itapiranga (SC).

Moram em Sinop há quanto tempo?

Desde 1999.

Há quanto tempo participam do C.T.G.?

Desde os 7 anos de idade, por incentivo do meu pai.

Você acha que é importante participar do C.T.G.?

Pra nós é, eu procuro convidar todo mundo que eu conheço, que não conhece a tradição, eu sempre convido pra vir. Nem que não seja para participar, mas que seja para olhar, aí a pessoa vai sentir. Acho que está dentro de cada pessoa ser gaúcho, quando a pessoa vir aqui e sentir que isso faz parte dela, ela vai fazer parte.

Quais benefícios você acredita ter participando do C.T.G.?

Primeiro é o que a gente sempre fala, os valores da tradição gaúcha, os valores são firmes, tanto na postura de ser gaúcho, a questão do respeito. Até as crianças assim como os mais velhos, por exemplo, é esta questão de valores que a gente aprende dentro de casa, o gaúcho tem em si. E pra gente que gosta da tradição da dança, da música, a comida, o chimarrão, enfim, a amizade que se tem, que o chimarrão é isso, a gente fica ali em uma roda de amigos e está ali conversando, está ali no convívio das pessoas que você gosta, está presente o chimarrão, então eu acho que o chimarrão significa isso, a amizade. Então, todos os valores eu acredito que vêm daí.

Você conhece o Rio Grande do Sul?

Conhececi há pouco, conheci um pedacinho. Na verdade eu ia para a casa dos meus avós, mas na verdade eu não tinha muita lembrança, a lembrança que eu tinha era da casa da minha avó.

E o que você teria a dizer do Rio Grande do Sul?

Depois que eu casei e fui conhecer o meu sogro, gaúcho de tradição, meu sogro é gaiteiro. Aí é que eu fui conhecer o Rio Grande do Sul. Mas de história eu tenho um pequeno conhecimento, e assim, a história a geografia do Rio Grande do Sul, tudo é maravilhoso, é encantador, menos o frio, o frio não dá muito certo. Inclusive a gente morou lá dois anos e meio, até a gente já tinha o Udi e ele já tinha quase 3 anos quando a gente voltou, mas o frio não deu para aguentar.

Para qual time de futebol você torce?

Grêmio, Grêmio!! Lá em casa é só gremista.

Você acha que a tradição gaúcha influenciou a escolha do time?

Talvez, talvez, mas no ambiente em que eu cresci tinha só gremistas e colorados. Meu

pai é gremista, minha mãe é colorada, e, por incrível que pareça, minha mãe é mais fanática que o meu pai, mas eu passei a ser gremista em 1996, e a partir dali eu nunca mais parei de torcer.

E o seu sotaque, você acredita que puxa mais para o gaúcho ou mais para o mato-grossense?

É um meio termo, mas eu acho que puxa mais para o gaúcho, tem umas expressões assim que não sai, tipo o bah! Mas aqui no Mato Grosso a gente puxa mais o mato-grossense mesmo, o r puxadinho. Mas parece uma coisa, quando você está dentro do C.T.G. e você começa a escutar música, a participar dos rodeios, parece que puxa e, quando você menos percebe, está falando o “gaucheis”.

Você acredita que tem alguma característica social que te diferencie das outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Aí é bem complicado analisar isso, porque assim, é que um gaúcho em si dá para se conhecer de longe né, de repente tenha outras culturas que você também reconhece no meio de um monte de gente.

Como você reconheceria um gaúcho?

Primeiro aquele gaúcho, mais gaúcho pelo jeito de andar, parece que já tem um andar mais próprio dele, a prenda já tem aquela postura que na rua até podem chamar de metida, mas é o jeito dela. E se não for pelo andar, quando você começa a falar as pessoas já percebem, se for uma hora de lazer sempre tem o chimarrão do lado. Então. O gaúcho leva o que ele tem em todo lugar que ele vai. E às vezes você chega em um lugar e pensa, ahhh, eu vou conversar com todo mundo aqui para ver quem é gaúcho, mas hoje em dia quem gosta já entra em si o jeito, incorpora o estilo.

Você já usou a indumentária gaúcha para ir a outros lugares que não fosse o C.T.G.?

Sim, várias vezes. Me senti muito bem! Há um tempo atrás com o nosso grupo mesmo, mas era um grupo mais antigo, a gente saía daqui e ia se encontrar para tocar um violão na praça, às vezes no carro mesmo, se a gente ia comer alguma coisa, se ia em baile, a gente ia com a indumentária. No festival de música mesmo, eu nos dois dias fui de bombachinha, e no segundo dia teve mais algumas que foram também de bombacha, e a gente se sente muito bem. Dá um orgulho na gente, principalmente quando as outras pessoas olham pra gente e a gente se sente bem. Até para a loja de conveniência a gente foi pilchado, sentamos ali e era bem fácil sermos identificados.

Você se considera diferente das outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Acho que todo mundo é diferente, até quem participa mesmo, talvez quem participa outros valores são passados e para os outros não. Até aqui dentro do grupo a gente encontra diferença, então fora, mais ainda.

Com qual grupo de amigos você se identifica mais, com os amigos que tem no C.T.G. ou com os amigos que tem fora do C.T.G.?

Com os amigos que tenho aqui dentro do C.T.G., me identifico mais com eles e o convívio é maior.

O que você teria a dizer sobre a continuidade da cultura gaúcha que acontece aqui na cidade de Sinop?

Eu acho que o Mato Grosso, a colonização dele é gaúcha, pelo menos a parte em que a gente vive a colonização mais forte é gaúcha, é sulista, tem gente do Paraná, de Santa Catarina, mas acontece que o Paraná e Santa Catarina também cultuam o gauchismo. Então o nosso começo, a nossa história aqui do Mato Grosso, quem abriu tudo isso aqui foi o gaúcho, quem abriu estrada, quem veio aqui com a cara e a coragem foram os gaúchos. O começo de tudo isso aqui foi o gaúcho.

Em sua opinião, por que há quase que uma inexistência de pessoas negras participando do C.T.G.?

Aí eu já não sei lhe responder, o C.T.G. é aberto a todos, até porque eu acho que tem bastante negros participando, talvez não participem porque já tragam outra cultura consigo, e a não participação dos negros não é uma coisa que parta do C.T.G., mas sim uma coisa que parte da pessoa.

Entrevista nº5

Boni Scher e Ana Scher

Idade dele: 58 anos

Idade dela: 50 anos

Naturalidade dele: Itapiranga (SC)

Naturalidade dela: Venâncio Aires (RS)

Quanto tempo vocês moram em Sinop?

Trinta anos.

Vocês lembram de como era a cidade quando vocês chegaram aqui?

(Boni) Faltava tudo, não tinha telefone, não tinha rádio, não tinha televisão, isso tudo veio depois, um ano depois. Telefone a gente já comprou quando veio, mas demorou um pouco para instalar. Depois instalaram a Radiobras, não sei como, mas instalaram uma rádio.

(Ana) Sim, era a Radiobras.

(Boni) As estradas também eram péssimas, de Cuiabá para cá era só chão.

(Ana) Aqui era tudo só chão.

(Boni) Por aqui só se andava de a pé, de carro não tinha condições.

E a assistência médica, como era?

(Boni) Aqui já tinha dois hospitais. O hospital Celeste e o hospital Perpétuo Socorro.

E mercado, como era?

Tinha o mercado Ouro Verde, o mercado Machado e vários outros mercadinhos pequenos, e nunca faltou nada.

Vocês se recordam de onde eram as pessoas que mais se encontravam aqui?

(Boni) Na verdade, isso aqui começou mais com o povo do Sul, e hoje eu acho que tem 80% do povo do Sul.

(Ana) Do Paraná também, e do Sul.

(Boni) É uns 80% era povo do Sul.

Como que as pessoas chegavam até aqui, como vocês chegaram?

(Boni) Chegavam de carro, de caminhão, de tudo quanto era jeito. Nós viemos pela primeira vez em 1979 de carro pequeno e em 1980 trouxemos a mudança, eu mesmo tinha caminhão, trabalhei vários anos com caminhão e depois aqui também.

Quantos dias vocês levaram para chegar até aqui com o caminhão da mudança?

(Boni) Uma semana, cinco dias, seis dias. Não tinha asfalto, e para sair de Santa Catarina até chegar ao Paraná não tinha asfalto. E ainda era período de chuva, aí não rendia a viagem.

(Ana Maria) Tinha que ter muita paciência.

(Boni) Sim, tinha que ter muita paciência.

(Ana) De Cuiabá pra cá não rendia, era época da chuva e tinha muito buraco.

E eram bastante as famílias conhecidas que vinham pra cá na época?

(Boni) Ahh, da minha região lá eram muitos os conhecidos, a gente não veio sozinho assim de estranho, tinha conhecidos.

Então, por dia chegava mais de uma mudança?

(Boni) Sim, era muita mudança, era muita mudança que chegava por dia e só de sulista.

Quantos filhos sinopenses vocês têm?

(Boni) Temos dois, duas meninas.

E a fundação do C.T.G., o senhor poderia nos falar sobre a fundação do C.T.G. “Estância da Amizade”?

(Boni) É através do povo que veio lá do Sul, sentindo a falta desta cultura. Até que tinha um C.T.G. antes aqui, o C.T.G. Porteira da Amazônia, só que não funcionava direito, daí alguns que eram sócios lá e que não conseguiram levar dentro da cultura gaúcha e onde se afastaram, e foi onde se criou um novo C.T.G. Eram poucas pessoas, uns quatro ou cinco, aí eles convidaram mais alguns na hora para fundar um novo C.T.G., e foi onde me convidaram também. Mas eu não conhecia o C.T.G., eu vim do Sul, mas na região onde eu morava não tinha C.T.G. Até eu via lá pelo Sul, C.T.G. tal, C.T.G. tal, mas a gente nunca foi numa festa de C.T.G. Quando me convidaram aqui que eu fui participar e vim a conhecer o movimento e como que funciona o C.T.G., daí começaram as festas de fandango, estilo gaúcho, e a gente começou a participar e ficamos até hoje, faz 20 anos que participamos.

Iniciamos o movimento, primeiro foi nomeada diretoria, até faltou gente para completar a diretoria, eu entrei junto e já me colocaram na diretoria, e dois anos depois já me elegeram como patrão. Na verdade, eu não tinha nem muito preparo para isso, porque eu nem tinha conhecimento, mas, com a ajuda dos amigos e colegas, a gente foi levando. Nesta época foi construído o barracão do C.T.G. que tem lá até hoje, foi em 1993 e eu era o patrão naquela época, fiquei dois anos, dois períodos.

E o terreno foi doado pela colonizadora?

(Boni) Sim, o terreno foi doado pela colonizadora, nós conseguimos.

Vocês encontraram dificuldade em fundar um Centro de Tradições Gaúchas no Mato Grosso?

(Boni) Sim, dificuldade tem até hoje, mas tudo tem como superar.

E para encontrar pessoas que se identificassem com a cultura gaúcha foi fácil ou difícil?

(Ana) Não, porque ali veio o seu Viro Ludwig, de Santo Cristo e ele tinha mais conhecimento, aí também veio o Oneide Bertussi várias vezes aqui.

(Boni) Sim, vinham nos encontros e quando foi criado o MTG.

(Ana) Veio dar palestras, o Oneide Bertussi estava umas quantas vezes aqui e ficava todo mundo ali reunido, conversando e falando de tradição.

Qual era o objetivo de vocês em criar um C.T.G. aqui em Sinop?

(Boni) Um pouco era porque a gente sentia falta de onde ir, participar de eventos, de festas, a gente não era do Sul mas os tipos de eventos e de festas, de reuniões, de encontros eram diferentes e na falta daquilo a gente procurou se unir e foi onde a gente criou o C.T.G. e a partir dali a gente foi participando. Os filhos eram todos pequenos e a gente não tinha nem aonde ir, porque estas festas populares por aí a gente não conhecia, não conhecia o povo, não sabia o que poderia acontecer. Depois que começou o movimento do C.T.G., a gente tinha aonde ir com a família inteira. Tinha o chimarrão, festinha de aniversário de um e de outro, um churrasquinho, um baile, grupo de dança, e só foi maravilha pra nós.

Então, acharam um lugar para compartilhar a tradição?

(Boni) Isso mesmo, ali tinha uma convivência parecida com a nossa lá do Sul, e quem chega de lá em um lugar estranho no meio de gente estranha sente esta falta de convivência, estilo de vida, coisa assim, então aquilo ali para nós foi muito bom na época e hoje também, tanto é que a gente não saiu. Acho que eu sou o único que desde aquela época da fundação sempre estive na diretoria. Não estou trabalhando em todos os eventos porque a gente tem que dar espaço para os outros e a gente caça também.

Vocês acreditam que o C.T.G., a cultura de vocês influenciou a cultura dos filhos? Acreditam que esta cultura gaúcha teve continuidade na cultura dos seus filhos?

(Boni) Eu não acredito, eu tenho certeza! Eu tenho certeza disso porque os amigos que a gente conquistou aqui e fora em outras cidades, eu acho que é de muita importância pra nós, pra nós pelo menos foi e eu tenho certeza que para muitos outros também.

E os filhos de vocês participaram do C.T.G. ?

(Boni) Sim, tenho quatro filhos, todos eles participaram do grupo de dança do C.T.G. até eles casarem, as meninas também participaram nos concursos de primeira prenda da região e do Estado, e foi indo, todos participaram gostando.

Participaram gostando de participar?

(Ana) Sim, até inclusive nossa filha foi primeira prenda do Estado, a Andressa tem três faixas, a Cíntia tem duas.

(Boni) Sim, tem de Sinop, da região e do Estado. Faltou a faixa dos peões.

(Ana) É que todos casaram com pessoas que não eram do C.T.G. e estão estudando ainda também, todos estão quase formados agora também

E vocês incentivaram eles a participar do C.T.G.?

(Boni) Ahh, quando nós começamos ali não precisou nem falar, todo mundo já queria participar, e os eventos iam acontecendo, encontro de dança, encontro dali, encontro daqui, e a gente era obrigado a ir junto e eles não queriam faltar. A gente também viajava muito, ia até Cuiabá, Primavera do Leste em congressos, encontros de patrões, apresentações de dança, a gente ia junto, fretava ônibus e ia, saía na sexta-feira, voltava no domingo com todo o grupo, o pessoal do C.T.G. sempre lotava o ônibus. E nem que fosse para ir só em um baile em Sorriso, Lucas e Mutum, nós fomos alguma vez em baile, só em baile. Era convite deles lá, fretava um ônibus e ia, levava o grupo de dança, levava os filhos.

Vocês consideram os filhos de vocês mato-grossense ou gaúchos?

(Boni) Eles são gaúchos porque gostam da tradição, um é nascido em Santa Catarina e os outros no Mato Grosso, mas a preferência deles é ser gaúchos.

(Ana) A música de preferência deles é a música gaúcha.

(Boni) Se vai ver os discos, aqui 90% são ritmos gaúchos.

(Ana) Os outros não estão participando porque estão estudando, mas depois que terminarem os estudos, fica mais fácil.

Quais os benefícios que vocês acreditam que os filhos de vocês tiveram e têm participando do C.T.G.?

(Ana) Ahh, tem uma netinha que agora já quer ir também, tem 7 anos e agora quer ir aprender a dançar.

(Boni) A educação, cultura é diferente quando participa de uma coisa assim, contribui para a formação.

(Ana) Ahh, não vai para o mau caminho.

(Boni) Ficam com a cabeça ocupada.

Quando vocês fundaram o C.T.G. “Estância da Amizade”, vocês pensaram em um determinado tipo de público para participar?

Não. Inclusive tivemos o cuidado de colocar no estatuto que o C.T.G. estaria aberto a qualquer pessoa, independente da raça, religião e cor, não pode discriminar ninguém, desde que seguisse a tradição, que o C.T.G. é uma cultura, e esta cultura não precisa ser inventada, ela existe. Então, não poderia pegar gente que não quisesse participar destes costumes, desta tradição. Até hoje tem gente participando que são paulistas, mineiros, eles viram e gostaram principalmente quando fazia estes eventos, churrascos, almoços, convidava todo mundo, era aberto para todo mundo. E onde que muitas pessoas de outras raças, outras culturas estão ali juntos. Eu acho que o grupo de dança tem gente de todos os Estados praticamente, gente que vieram de outros Estados, outras regiões, que gostaram e que foram aceitos.

Eu pude perceber que há poucas pessoas negras participando do C.T.G. e do grupo de danças. A que será que se deve isso?

(Boni) Isso aí eu não posso dizer, mas eu nunca vi ninguém dizer que não pode, não sei se o povo não quer participar, mas tem alguns que estão indo, sim, mas realmente não são muitos.

(Ana) Acho que talvez as próprias pessoas negras não procuram, talvez eles não tenham condições de participar, porque tem que ter as roupas.

(Boni) Não, mas não é isso, tem famílias ricas ali também. Mas eu não vejo discriminação ali também.

Como vocês veem o perfil das pessoas que participam do C.G.T. hoje?

(Boni) Ali tem gente de diversas classes sociais, tem gente ali, tem gente ali junto que são proprietários de empresas grandes, tem funcionários de empresas, mas lá dentro não se vê esta diferença. Nos dias de eventos todo mundo trabalha e não se vê esta diferença.

Vocês gostariam de falar alguma mais coisa sobre o C.T.G.?

(Boni) Falaram que o C.T.G. estava parado, mas o C.T.G. não está devendo nada para ninguém, até que entrou uma pessoa aí com mais ânimo, sangue novo, e então está fazendo mais eventos.

(Ana) É também por causa das dificuldades das madeireiras, a gente está trabalhando, vem o evento e fecha tudo, aí diminui a arrecadação.

(Boni) Aqui em Sinop é até difícil de tocar um C.T.G., ali para trás de umas cidades menores é que tem os C.T.G.s até mais fortes, porque ali todo o povo é gaúcho, em Sorriso, Lucas e Mutum, aí parece que é mais fácil conseguir as coisas lá e é mais fácil de tocar um C.T.G. lá, aqui é mais difícil porque tem gente de todos os Estados. Então, é mais difícil nas cidades grandes do que nestas cidadezinhas pequenas, porque aqui tem 120 mil habitantes e tem gente que se inscreve e depois já não quer ficar mais, e você não pode segurar eles, pegar eles no laço, coisa assim. Mas, mesmo assim, eu acho que está bem estruturado, poderia até ter coisas melhores, mas ninguém vive disso, daí a gente também tem a vida particular.

Entrevista nº 6

Rudimar

Idade: 40 anos

Naturalidade: Giruá (RS)

Quanto tempo mora em Sinop?

Cinco anos.

Há quanto tempo participa do C.T.G.?

Quatro anos.

Na posição de patrão do C.T.G. “Estância da Amizade”, o senhor acredita que o C.T.G., influencia a continuidade da cultura gaúcha na cidade de Sinop?

Com certeza. Eu acho que o C.T.G. é o elo de ligação da sociedade com o tradicionalismo, desde o princípio, quando a gente chegou no C.T.G., foi tentando resgatar, quando a gente chegou na cidade a gente sentiu esta distância do que é o C.T.G. e do que é o tradicionalismo. Sinop é uma miscigenação de raças, aqui tem raças, aqui tem raças de tudo quanto é lugar, e nós sentimos que tinha um vácuo que ficava e que o C.T.G. estava deixando a desejar, e este foi um dos motivos que levou a gente, junto com um grupo de pessoas, a vir para o C.T.G., então o C.T.G. é o elo de ligação da família.

O senhor acredita que há benefícios para os jovens que participam do C.T.G., que participam do grupo de dança?

O que eu vejo é que a tradição gaúcha sempre foi norteadada pela família, é o único lugar da sociedade que eu conheço que vai desde um menino quando nasce até o idoso. Se você consegue ver um C.T.G., onde ele consegue funcionar na sua amplitude, que ele faz, a criança nasce dentro do C.T.G. e o idoso morre dentro do C.T.G., ele tem nas internadas, ele tem nos anciões, que é a história do C.T.G. contada por estas pessoas. Hoje já tem grupo de dança que dança chiru e que antes não existia e que hoje já tem até isso, então a juventude tem que se nortear por isso, é onde a família vem, é onde o pai dança com a filha, aonde o filho

dança com a mãe, é onde o vizinho dança com a vizinha sem segundas intenções. É como eu falei antes, é a segunda casa de todo o gaúcho é o C.T.G., aqui dentro tem o respeito, por isso que as vezes falam que o gaúcho é diferente, que ele fala diferente e que ele não tem vergonha de colocar a sua bombacha, a sua bota, o seu vestido de prenda, e eu entendo assim, que quando as outras raças veem, as outras etnias, quando vê um gaúcho pilchado, ele acha diferente mesmo, e não é que a gente é diferente, é a nossa tradição. E é bonito de ver uma menina de 13, 14 anos que ela poderia estar em qualquer outra entidade em Sinop, mas está aqui dentro e isso que é gratificante, é o trabalho nosso como coordenador de uma equipe de tentar fazer o jovem ficar aqui dentro. Não precisa ele namorar dentro do C.T.G., estar dentro do C.T.G., mas onde ele vê o tradicionalismo e ele tem que saber o que é. Isso é o que funciona, a mola mestra do tradicionalismo é a juventude. Tanto que a gente preza tanto que a maioria dos C.T.G.s do Rio Grande está enfraquecendo por quê? Porque os padrões foram ficando nas suas administrações e sai um, entra outro, sai um entra outro, e os jovens não tiveram oportunidade de coisas diferentes igual está acontecendo em Sinop.

É muito bom saber destas informações, repassada de uma forma ciente e tranquila através de quem retira as informações da própria experiência.

Não é caso de leitura, é que a gente convive diuturnamente com n problemas na sociedade, pelo menos eu vejo que se nós conseguir não só na tradição gaúcha, em cada tradição, se os mineiros chamassem os seus filhos e todas as raças deste país mantivessem as suas raízes, não teria tanto problema. Para você ter uma ideia, eu aprendi dentro do C.T.G., eu não sou uma pessoa que nasci dentro do C.T.G., meu pai colocou bombacha com 50 anos de idade porque não usava antes, eu fui colocar bombacha com 20 anos, porque ele começou a ir. Então hoje meu filho tem 10 anos e faz seis anos que usa a bombacha, ele tem cabelos compridos, mas usa bombacha, e a minha filha vai em tudo quanto é tipo de festa e usa vestido de prenda, deixa de ir em qualquer outro lugar para ir no C.T.G. Então é isso que eu vejo, se todas as famílias se preocupassem um pouquinho em manter viva e principalmente de vir conhecer, de tirar aquela imagem do gaúcho brigão, do gaúcho que é diferente. Mas não, a gente não quer ser diferente, que as pessoas falam: - Ahh, chegaram os gaúchos! Mas não, ninguém quer marcar uma chegada, mas eu acho que o princípio do gaúcho é manter os filhos todos em volta, eu acho que o sonho do gaúcho é ter uma família toda em volta dele, e onde acontece isso é no C.T.G. Eu acho que a alma farroupilha foi isso, quando nós fomos defender na Guerra dos Farrapos o nosso Estado, a nossa bandeira, foi isso, se mobilizaram, não queriam que o charque fosse embora e se mobilizaram, foram se fechando, se fechando e ganharam, e então é isso que nós vimos. Então um gaúcho bem trajado, pilchado, quando um gaúcho vê uma criança sapateando, eu acho, que lá os antigos que estão lá em cima vendo, e os que desbravaram o Rio Grande e que a gente ouve falar e que a gente conhece um pouco deste país. Quando a gente sai do Rio Grande e entra em um município e fala: - Aqui tem gaúcho! E não precisa nem dizer o porquê, são as casas todas bem feitas, são as casas todas grandes, então aqui tem gaúcho. E graças a Deus, onde você olhar nas alas produtivas deste país sempre tem um gaúcho, então nos temos que respeitar, temos que valorizar esta tradição, esta força que vem do gaúcho.

O senhor é pai da segunda prenda do Estado, como o senhor vê a participação da mulher no C.T.G.?

Hoje estão acontecendo coisas diferentes, por exemplo, ninguém sabe o que representa uma prenda, ninguém sabe o que representa você ser uma prenda do C.T.G.. A prenda é a figura número um, e na ausência de um patrão, a prenda é reconhecida. Se tiver uma solenidade onde o patrão do C.T.G. for chamado, é a primeira prenda do C.T.G. que vai junto

com ele, não é a esposa, é a primeira prenda, é aquela que representa todas as prendas. Nós temos um quadro interessante aqui no C.T.G., nós temos uma patroa que dirigiu o C.T.G. e está dirigindo, eu sou o vice-patrão, a patroa em exercício é uma mulher e resgatou o respeito. Quando uma mulher está à frente de qualquer entidade ou à frente de qualquer órgão, o respeito parece ser ainda maior, o respeito de tratar parece ser maior. Então o papel da mulher, eu estou falando hoje do C.T.G. “Estância da Amizade”, é o que está fazendo isso acontecer, a mulher que está atrás do patrão, do segundo patrão é que nos dão força, que nos dão entusiasmo para largar as outras coisas para estar aqui. As mulheres hoje, eu acho que elas merecem respeito que às vezes não é dado. Acho que elas merecem respeito e que às vezes não é dado, merecem a oportunidade e às vezes é uma porta que é fechada, mas as coisas estão acontecendo e a igualdade é a forma deste país mudar. Onde tivermos uma igualdade de sexo, de religião, de tradição, de time de futebol, onde as coisas acontecerem sem brigas. A mulher tem os mesmo direitos e os mesmos deveres do homem, e eu sou consciente e a tradição é consciente disso, da igualdade, dos direitos iguais.

Então o senhor vê como importante para a igualdade ter uma mulher como patroa do C.T.G.?

Se sua pergunta se refere à história do C.T.G., foi o divisor de águas, não que tinha duas alas dentro do C.T.G., mas a história conta que ele aconteceu a partir de uma desavença. Nós tínhamos um outro C.T.G. que acontecia lá na cidade, o Amazônia Clube, e de lá se desmembraram um grupo de pessoas e formaram o C.T.G. “Estância da Amizade”, e estas pessoas, a continuidade delas foi o que fizeram tudo isso. Só que as pessoas foram cansando, cansando e o C.T.G. decaiu muito, e a dona Lurdes, com o jeito da mulher, conseguiu unir os que estavam fora e os que estavam saindo, e nós quando pegamos tivemos esta continuidade, porque hoje a nossa patronagem, a qual eu estou dirigindo, nós estamos abertos a todas as classes da sociedade, e o primeiro patrão do C.T.G. é que está ajudando a gente hoje, amanhã quando tiver o concurso de prenda aqui o primeiro patrão do C.T.G. vai ser jurado, coisa que nem acontecia porque ele nem vinha mais no C.T.G. Então a gente está conseguindo resgatar o que é o antigo que começou com esta juventude nova que está aqui. Hoje eu sou patrão, hoje eu sou patrão, amanhã eu vou ser pião, daqui a dez minutos eu vou fazer taboa porque nós estamos fazendo mesas aqui no fundo, daí você vai ali, tem pais que trabalharam o dia inteiro, tem gente que é pedreiro, carpinteiro, que trabalhou o dia inteiro e que vai ali fazer mesa para o C.T.G. E para quê? - Para investir nos meninos! Eu vinha até comentando que hoje à tarde eu fui pedir um patrocínio em uma empresa, e a pessoa da empresa me perguntou: - Gente, vocês estão sempre pedindo dinheiro e estão fazendo festa e coisa, me explica o porquê? Aí eu disse: - Quando você for lá no C.T.G. levar sua filha para dançar, quando tiver um concurso estadual de prendas e uma pessoa que você nunca viu lhe oferece seu avião para você levar a sua filha disputar, que foi o que aconteceu comigo quando nós fomos para Canarana, de um C.T.G. que não tinha nem bandeira, nós elegemos ela em um dia, no outro ela ficou segunda prenda do Estado, então estas coisas começam a mexer. Então eu disse: - Quando você começar a sentir isso, você vai saber o que é o C.T.G., quando as pessoas lhe ajudam e você não sabe de onde vem a força, daí quando você vê uma criança dançando. Aí quando a gente chegou em Canarana em um C.T.G. muito mais velho e mais estruturado, por inexperiência nossa nós não ficamos com a faixa de primeira prenda, tanto que o presidente do MTG chegou e nos cumprimentou no sábado à noite e nos disse: - A primeira prenda é de Sinop! Mas por um erro nosso, nós não montamos tudo que havia que ser feito, deixamos uma tarefa e perdemos por 0,1 ponto. Tamanha a diferença que a nossa segunda prenda conseguiu. Quando isso aconteceu com a gente, não que é filha da gente, mas quando a gente saiu de lá,

desceu aqui neste C.T.G., vieram 300 pessoas para comemorar o feito, então dali que as coisas começaram a acontecer, dali que ressurgiu o grupo de dança, dali que começou a aparecer declamador que a gente não via da onde. É isso aí que fortalece, é isso aí que vale os investimentos que a gente faz, eu expliquei tudo isso. A pessoa ia me dar R\$ 50,00 e ele acabou me dando 20 vezes este valor, e fala: - Está aqui o dinheiro, vai lá trabalhar! E você está vendo o C.T.G. renascer e se tiver uma sequência daqui em diante e não parar o C.T.G. de Sinop, vai ter a primeira prenda, o C.T.G. daqui vai ganhar o estadual de dança, nós vamos para o nacional de dança. Hoje nós já temos gente classificada para o nacional, coisa que nunca aconteceu em Sinop, nós já temos, três representantes vão para o nacional no ano em Osório. Então, coisa aqui de Sinop que não se sabia nada e que hoje o C.T.G. “Estância da Amizade” entra em um concurso de dança em um concurso do Estado, já falam: - Opa, chegaram! E isso está sendo muito gratificante.

Na opinião do senhor, por que quase não tem pessoas negras participando do C.T.G.?

Assim, aqui em Sinop... No Rio Grande do Sul, eu falo porque é uma região que eu vim, uma região italiana e que se você pegar a região de fronteira, Uruguaiana, São Borja, Alegrete, esta região da fronteira lá tem, lá tem bastante, a raça negra é bastante, e outra, bem mais gaúcha que nós aqui italianos ou alemães. Lá se vê o negro na região do Itaqui, por exemplo, lá a gente chama o negro pêlo duro. Eles eram os escravos, a história conta isso, eles trabalhavam para os estancieiros e viraram gaúchos, começaram a usar os mesmos costumes, tanto que se tu chegar na região do Itaqui, na região galponeira do Rio Grande, você vê os pretos, os negros, os morenos usando bombacha diuturnamente, mulher usando vestido de prenda diuturnamente, muito mais que na região de Santa Maria, na região da Serra já não usam. Aqui veio o italiano, o polonês, o alemão, e o negro que veio para cá não é do Rio Grande do Sul, o negro que vem aqui em Sinop, Lucas e Sorriso ele é natural daqui ou descendente de nordestino e nordestino não simpatiza com gaúcho. Não é uma questão de briga nem nada, mas é uma questão de, você que está aqui, você vê, não tem aqui dentro, não entra. E não é que seja racismo, não tem, não veio nenhum alemão preto que a gente chama lá que é de uma região, lá no Rio Grande do Sul tem muito, Santa Catarina tem muito, só aqui que não tem por causa disso, a raça daqui não é gaúcha, e não porque foram barrados. Eu não conheço a história do C.T.G., toda ela dos 19 anos do C.T.G. Sinop, eu conheço a história dos cinco anos pra cá que a gente está aqui, agora se houve racismo, adiante disso eu não tenho conhecimento. De racismo de barrar eles, mas eu acredito que não, tanto é que tem um amigo nosso que é o caseiro e é moreno.

O senhor acredita que é possível verificar que há a continuidade da cultura gaúcha aqui no C.T.G. pelos filhos dos gaúchos que moram aqui na cidade de Sinop?

Assim, eu acho que o C.T.G. hoje, ele está em uma pendenga. Como aconteceu há dois anos atrás ele caiu e ressurgiu, tipo uma chama que quase apagou, mas que voltou. Eu acho que do jeito que está sendo hoje, do jeito que tem credibilidade na cidade nós, conseguimos um fato inédito que não se precisa mendigar um patrocínio ou correr atrás para vender um ingresso. Hoje nós temos uma festa que é tradicional, é o sexto ano que acontece na cidade, aonde nós estamos há uma semana com todos os ingressos vendidos, então hoje a festa da picanha está com o sucesso pronto. As pessoas que estão conosco hoje têm o compromisso de dar uma continuidade. Nós temos aqui o grupo de dança adulta, temos pessoas ali dentro que vai ser apostado e que não vai ter problemas, mas eu acho que é normal em toda sociedade de ter os picos e onde começa a declinar, o que não pode deixar acontecer

e que a gente sempre falou isso, que não pode ter uma continuidade muito extensa, do patrão ir cumprir o mandato dele, depois volta o que era amigo dele. Então, se for fazer uma renovação, por exemplo eu estou aqui há quatro anos e há um ano na patronagem, é o terceiro patrão diferente, terceira patronagem diferente, então vai aumentando a quantidade de gente que você vai trazendo ao seu lado. Por exemplo agora, se eu fosse abandonar a patronagem, tem outros padrões bons. Então, eu acho que é isso que está acontecendo, acho que o C.T.G. “Estância da Amizade” de Sinop tem uma vantagem muito grande perante todos os C.T.G.s da região. Todos os outros C.T.G.s têm uma patronagem velha, não velhos os membros, mas patronagens velhas, elas estão há muito tempo trabalhando e isso cansa, chaga um ponto que a pessoa fala: - Não quero mais, me deixa fora. E aqui em Sinop está tendo um rodízio, vai acontecer e isso eu achei interessante, e a gente pode ficar tranquilo que aqui vai ser dado continuidade.

Qual a importância dos grupos de dança juvenil e adulta para o C.T.G. “Estância da Amizade”?

Eu vejo assim, desde o início, quando a gente assumiu com toda a equipe que trabalha com a gente, porque hoje eu sou patrão, mas sou patrão e sou uma pessoa que tenho interesse, mas tem uma equipe que convive com a gente diuturnamente e isso é fantástico. Por exemplo, a patronagem é uma família, ou está na casa de um ou está na casa de outro, e quando se reúnem é dez, a conversa é só o C.T.G., você não tem uma outra conversa, você está sempre falando, não das mesmas coisas, mas sim dos mesmos valores. E o grupo de dança para mim é a menina dos olhos, que onde eu posso aumentar a credibilidade do C.T.G., que onde eu posso aumentar a quantidade de gente em um C.T.G. é o grupo de dança, porque você tem seu filho e vem dançar, convida o amigo dele para vir dançar, então aquele pai que não vinha ali, ele vem para dentro e o filho vai trazendo as pessoas. Aí você vai fazer uma apresentação em um grupo de dança, está o tio, está o avô, está o vizinho, está o amigo, está a professora do colégio, e assim estão entrando dentro do C.T.G. Por isso que eu vejo que eu sou um entusiasta no grupo de dança, é a alma do C.T.G., e nestes dois anos que eu estou à frente da patronagem e estes quatro que a gente está aqui dentro, se teve um princípio maior, um motivo maior foi o grupo de dança, isso para mim é a alma do C.T.G. e é a minha alma. Eu quero que o C.T.G. “Estância da Amizade” de Sinop seja reconhecido pelo grupo de dança, porque é bonito você chegar em um rodeio em Tangará da Serra para fazer uma apresentação, e que nós tínhamos um grupo que tinha seis meses, e nós chegar lá e ficar em terceiro e em quinto. Hoje nós temos um grupo adulto que estava no chão, que estava desmerecido, estava desacreditado, estava com n problemas, e a gente foi juntando traço daqui, traço de lá. A gente foi resolvendo problema com professor, problema de relacionamento entre membros, problemas de família. Você acha que é mole, você tocar de patrão até a 1:00 da manhã cuidando grupo de dança de segunda a segunda? E por exemplo hoje o meu telefone começou a tocar às 6:00 da manhã e parou agora há pouco, para resolver problema do C.T.G., porque nós estamos fazendo mesas para festa, amanhã este negócio de concurso de prendas, no domingo nós temos um compromisso, na semana que vem nós temos a maior festa do C.T.G. que é a festa da picanha. Você acha que quando você consegue o ápice você tem que manter ele. E manter ele é muito mais difícil do que você conseguir. No ano passado nós conseguimos colocar dentro do C.T.G. 1.878 ingressos na festa da picanha e este ano a gente fez para 1.500, só que estes 1.500 estão dando mais trabalho do que os 1.800 do ano passado. E agora nós temos que mostrar que tem que ser bem feito, tem que demonstrar qualidade, nós estamos renovando mesas, estamos renovando cadeiras, nós estamos comprando espeto, é pano de prato. E quando nós tivermos o C.T.G. cheio e entrar o nosso grupo de dança para

dançar, e aí você vê a pessoa que nunca veio aqui e vê. Vou citar um exemplo de um advogado que veio no baile que nós tivemos aqui há alguns dias atrás e era uma pessoa totalmente alheia ao C.T.G., ao tradicionalismo, e foi convidado, está namorando uma pessoa que gosta do C.T.G. e veio aqui participar do baile, e eu sou representante comercial e na semana passada fui mostrar um carro para ele, e ele me disse: - Parabéns! Porque eu ia lá na sua loja dar os parabéns para você. Quando eu vi menino de 5 anos de idade de bombacha, quando eu vi a apresentação daqueles meninos sorrindo lá dentro do C.T.G., quando eu vi as famílias dançando, eu me emocionei, e eu quero aprender a dançar e eu quero começar a ir lá. E quando você ouve isso, toda a crítica que você toma no dia a dia parece que some.

Entrevista nº 7

Nome: Fernando Mohr

Estudante

Idade: 22

Naturalidade: Sinop (MT)

Naturalidade dos pais: Cerro Largo (RS)

Quanto tempo vocês moram em Sinop?

Eu morei sempre aqui, meus pais vieram em 81, eu acho que eles vieram faz 29 anos, não, acho que eles vieram em 82, faz 28 anos.

Há quanto tempo você participa do C.T.G.?

Ahhh!! Deixa eu me lembrar. Há uns seis anos.

Como você começou a participar do C.T.G.?

Na verdade, assim, quando eu era pequeno meus pais vinham aqui no C.T.G. em almoços e em outros lugares com uma cultura parecida, mas era assim só para almoço, eles nunca participaram nada. Na verdade, quando eu era pequeno eu não gostava, pedia para ir embora logo e tal. Só que uma vez eu vim com um amigo meu aqui e que ele conhecia da escola umas meninas que dançavam no C.T.G. Daí ele disse que ia vir almoçar aqui e me convidou para vir com ele. E eu vim e comecei a gostar, vim mais vezes e daí acabei entrando para o grupo de dança e para o C.T.G.

Você acha importante participar do C.T.G.?

Ahhh! Eu acho importante, primeiro porque eu gosto, gosto da cultura e a maioria dos meus amigos eu encontro aqui, além do mais eu gosto de dançar. Eu acho que a dança faz bem pra mim, com a dança eu consigo me afastar dos outros problemas que eu tenho, é mais um refúgio.

Você se considera gaúcho?

Eu me considero!

Por qual motivo?

Ahhh! Porque eu me identifico com a cultura, eu me sinto bem inserido nesta cultura, no meio das danças, das festas, da música, tudo.

O que você tem a dizer sobre o Rio Grande do Sul?

Olha, na verdade eu não tenho muita coisa para dizer. Eu gosto muito de lá, apesar das poucas vezes que eu fui lá, eu sempre tive mais uma reunião de família, basicamente eu vou lá só no final do ano e uma vez a cada três a quatro anos que eu vou pra lá. Quando a gente vai pra lá a família inteira aproveita e se reúne. Na família do meu pai eu tenho uns dez tios e tias e na família da minha mãe também, então é uma festa grande e é onde eu vejo todo mundo que eu não vejo há muito tempo. Pra mim o Rio Grande sempre me traz recordações de quando eu era criança, de tempos felizes que eu vivi.

Para qual time de futebol você torce?

Pro Grêmio, claro.

Você acredita que a cultura gaúcha influenciou esta escolha?

Não sei. Não sei porque assim, lá em casa todo mundo torce para o Grêmio e desde pequeno eu também torço, antes mesmo de eu ter ideia de vir para o C.T.G. Eu acho que seria mais pela família.

Você toma chimarrão?

Não muito, só esporadicamente.

E o seu sotaque, você acredita que puxa mais para o mato-grossense ou mais para o gaúcho?

Ahhh! Eu acho que é mais mato-grossense.

Você acredita que possui uma característica social que te diferencia das outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Não. Eu acho que não. Porque o C.T.G. não acabou influenciando na minha personalidade, ele acabou me influenciando de uma forma psicológica, mas não de uma forma que eu acabo exteriorizando. Eu vivo a tradição, mas é dentro do C.T.G., fora eu não tenho tanto envolvimento assim.

Mas as outras pessoas conseguem perceber que você participa do C.T.G.?

Eu acho que não. Mas tem muita gente que sabe porque me vê aqui ou já me viu fazendo alguma apresentação, mas se não tivesse visto, acho que não saberia.

Você já usou a indumentária gaúcha para ir a outros lugares fora do C.T.G.?

Em apresentações.

E se sentiu bem?

Depende, quando eu estou com mais gente que está pilchada eu me sinto bem, quando eu estou sozinho eu me sinto diferente. Até porque as pessoas olham diferente, as pessoas olham e meio que ficam rindo por conta da indumentária.

Você se considera diferente das outras pessoas por participar do C.T.G.?

Não, não, além de dançar eu acho que sou igual a todo mundo.

Com qual grupo de amigos você se identifica mais, com aqueles que tem dentro ou aqueles que tem fora do C.T.G.?

Na verdade igual. Porque assim, fora do C.T.G. a maioria dos amigos que eu tenho, claro eu conheço gente nova por aí, mas a maioria dos amigos que eu tenho fora do C.T.G. são amigos de infância e por isso eu tenho uma ligação muito forte com eles. Não tem como eu me sentir mais próximo do pessoal daqui do que de lá, porque com o pessoal de lá eu conheço melhor, só que com o pessoal daqui eu me identifico muito e não tem como diferenciar

Entrevista nº 8

Nome: Juliano Dalacosta

Estudante

Idade: 14 anos

Naturalidade: Sinop (MT)

Naturalidade do pai: Cruz Alta (RS)

Naturalidade da mãe: Palotina (PR)

Há quanto tempo sua família mora em Sinop?

Meus pais vieram para cá em 1992, e eu nasci aqui e só saí um ano, que foi no ano de 2004, quando eu fui morar em Cuiabá, mas já voltei.

Há quanto tempo você participa do C.T.G.?

Eu já participo, acho que há três ou quatro anos.

Como você começou a participar do C.T.G?

É que meu pai era colega de faculdade da professora Bernadete que frequentava o C.T.G., e ela falou do grupo de dança aqui de Sinop, aí eu comecei a frequentar e nunca mais parei, gostei.

Quais os benefícios que você acredita ter participando do C.T.G e do grupo de danças de C.T.G.?

Ahhh! Aprende muita coisa que vai levar para o resto da vida, não só na dança, mas você aprende conversando com as pessoas, nos bailes, nas festas. Aprende sobre a cultura, aprende muita coisa.

Você se considera gaúcho?

Nem para tanto, matucho. Mato-grossense e gaúcho. Todo ano eu viajo para o Sul e pergunto coisas para o meu pai que ele nem sabe, ele que é gaúcho, eu sei mais do que ele. Eu não sei bem se sou mato-grossense ou gaúcho.

O que você teria a dizer sobre o Rio Grande do Sul?

É sem palavras. Como qualquer outro Estado do Brasil, é um Estado magnífico, com sua cultura, com sua tradição. O meio ambiente, o turismo de lá é legal. Gramado, Porto Alegre, cidades da serra, é muito legal o Rio Grande do Sul.

Para qual time de futebol você torce?

Grêmio.

Você acha que esta cultura gaúcha contribui para a escolha do time de futebol, ou não?

Meu pai contribuiu para esta escolha.

Você toma chimarrão?

Não frequentemente, mas tomo.

E a forma de falar, você acredita que é mais parecido com a forma de falar do mato-grossense ou do gaúcho?

Mato-grossense.

Você acredita que possui alguma característica social que te diferencia de outras pessoas que não participam do C.T.G.?

Talvez porque eu danço e a maioria das pessoas que eu conheço não dança.

Então você acredita que as pessoas percebem que você é diferente?

Sim, quando eu falo com as pessoas, eu falo para as pessoas saberem sobre a minha história, minha cultura, aí as pessoas passam a saber que eu participo do C.T.G. e sou filho de gaúcho.

Então, você ser filho de gaúcho te torna diferente das demais pessoas?

Talvez, é que eu conheço bastante filho de gaúcho, só que não dança no grupo, depende, por um lado talvez.

Você já usou a indumentária gaúcha para ir a outros lugares que não fosse o C.T.G.?

Já.

E como você se sentiu?

Normal, porque eu estava em um rodeio de laço e as pessoas lá estavam pilchadas.

Você se considera diferente das outras pessoas por participar do C.T.G. e ser filho de gaúcho?

Todo mundo tem a sua diferença. Eu acho que sou diferente porque tenho uma história diferente, uma cultura diferente, minha sabedoria é diferente, muitas coisas que eu sei e que as outras pessoas não sabem.

Você tem bons amigos dentro do C.T.G. ?

Sim.

E com qual grupo de amigos você se identifica mais, com os amigos que tem no C.T.G. ou os que tem fora do C.T.G.?

Eu me identifico com os dois, mas talvez me identifique mais com os de dentro do grupo porque eles têm a tradição, a cultura a mesma da minha.

Em sua opinião, por que tem poucas pessoas da raça negra participando do C.T.G.?

Não sei, talvez porque os gaúchos são filhos de alemães, italianos e pessoas que vieram da Europa e estes não têm a pele negra. Os escravos vieram como escravos e sempre vai ter alguém negro no Brasil, e talvez seja por isso.

Você dá continuidade à mesma cultura do seu pai que é gaúcho?

Sim. Não só porque eu torço para o time dele ou coisa assim, mas até pelas coisas aqui do C.T.G., meu pai nunca dançou em C.T.G., e assim eu não dou só continuidade à história do meu pai, dou continuidade à história gaúcha toda.